



# P. RODOLFO E SIMÃO BORORO

40 ANOS: ENTREGA, PROFECIA E MEMÓRIA



## SUMÁRIO



EDITORIAL .....	1
PADRE RODOLFO: MISSIONÁRIO A SERVIÇO DO REINO DE DEUS.....	8
SIMÃO CRISTINO: COMPANHEIRO NA ALIANÇA DO SANGUE .....	16
OS FATOS DE MERURI .....	18
PADRE RODOLFO: UMA VIDA DE LUMINOSA ENTREGA .....	25
O SELO DE UM CENTENÁRIO.....	32
PADRE RODOLFO: COMPANHEIRO FIEL.....	34
A MISSÃO SALESIANA DE MATO GROSSO DIANTE DOS FATOS DE MERURI.....	40
CONDOLÊNCIAS.....	42
PADRE RODOLFO: PRESENÇA VIVA ENTRE NÓS .....	45
COMPOSIÇÃO MUSICAL EM HOMENAGEM AO PADRE RODOLFO E A SIMÃO BORORO .....	52
PADRE RODOLFO: DESDE MENINO, CONSCIENTE DE SUA VOCAÇÃO .....	54
DEPOIMENTOS .....	58
ENTREVISTAS .....	74
CARTAS DO PADRE RODOLFO .....	81
INÍCIO DA CAUSA DE MARTÍRIO .....	85
ANEXO I – INCULTURAÇÃO .....	91
ANEXO II – REGISTROS.....	95
CONCLUSÃO	



## EXPEDIENTE



### **Inspetor**

Padre Gildásio Mendes dos Santos

Revista Especial elaborada em memória aos 40 anos do Padre Rodolfo Lunkenbein e Simão Cristiano Koge Kudugodu (Simão Bororo)

- **Periodicidade:** Edição única
- **E-mail:** perodolfo@missaosaesiana.org.br
- **Telefone:** (67) 3312.6400
- **Site:** missaosaesiana.org.br
- **Coordenação:** Padre Gildásio Mendes dos Santos  
Padre João Bosco Monteiro Maciel  
Padre Georg Lachnitt
- **Digitação:** Roseane Lopes
- **Ilustração da Capa:** Odenil Sebba
- **Atendimento:** Izabel Cristina Macedônio

- **Produção Gráfica:** Arte Brasil Publicidade  
R. Dr. Osvaldo Cruz, 700 - CEP: 13076-260  
Jd. Nossa Senhora Auxiliadora - Campinas/SP
- **Revisão:**  
Aline Passos e Jaqueline Mendonça  
(*Pastoral Juvenil Salesiana*)  
Lays Giuseppin  
(*Coordenadoria de Comunicação e Marketing*)  
Prof. Dr. Padre Pedro Pereira Borges  
Padre Adalberto Alves de Jesus  
(*Vice Inspetor da Missão Salesiana*)
- **Tiragem:** 5.000 exemplares

Copyright © 2016 Missão Salesiana do Mato Grosso - Todos os Direitos Reservados

Esta publicação está protegida por direitos autorais e distribuída sob licença restringindo cópia, distribuição e descompilação.



# EDITORIAL

## PADRE RODOLFO E SIMÃO BORORO 40 ANOS: ENTREGA, PROFECIA E MEMÓRIA

*Padre Gildásio Mendes dos Santos  
Inspetor da Inspetoria de Campo Grande*



**L**unke! Assim era chamado o Padre Rodolfo Lunkenbein pela mãe e por seus amigos desde o tempo de Escola na Alemanha, sua terra natal. Quem chegasse perto daquele missionário pela primeira vez ficaria impressionado com a sua altura imponente de 1,92m e certamente teria dificuldade em pronunciar inicialmente o seu sobrenome em alemão: Lunkenbein!

Mas, imediatamente, após esse impacto inicial, qualquer um se sentiria acolhido pela sua bondade contagiante e pelo seu sorriso alegre e cativante. Assim era Lunke: atrás do seu sorriso menino, pulsava um coração generoso; no fundo do seu olhar sereno e confiante, havia um homem de grande fé e um salesiano missionário todo dedicado à causa do evangelho e dos povos indígenas.

Rodolfo era um homem rico em humanidade. Aqueles que conviveram com ele testemunham o en-

tusiasmo que ele tinha com a vida, o seu espírito solidário para com o próximo, a sua proximidade fraterna para com as pessoas e a sua dedicação incansável ao trabalho. Padre Rodolfo aprendeu das fontes do espírito salesiano aquilo que nosso pai, Dom Bosco, viveu e transmitiu aos salesianos através do que ele chamava de tripé do Sistema Educativo Salesiano: razão, religião e amor. Por ser muito humano, Padre Rodolfo soube expressar a grandeza da sua vida interior fecundada pela sua imensa capacidade de amar e servir o próximo.

Padre Rodolfo chegou ao Brasil em 1958, fez o noviciado em Pindamonhangaba/SP, e, retornando à Inspetoria de Campo Grande, viveu uma vida com paixão e dedicação incondicional aos indígenas.

O seu lema sacerdotal “Eu vim para servir e dar a vida” expressa a profundidade da sua espiritualidade e a grandeza do seu coração. Esse





“ O seu lema sacerdotal “Eu vim para servir e dar a vida” expressa a profundidade da sua espiritualidade e a grandeza do seu coração. Esse lema revela a convicção profunda de Rodolfo na aliança do seu amor por Jesus Cristo e pelos indígenas. ”

lema revela a convicção profunda de Rodolfo na aliança do seu amor por Jesus Cristo e pelos indígenas.

Esse amor de entrega atingiu o seu ápice no dia 15 de julho de 1976, ao ser assassinado junto com o indígena bororo, Simão, na frente da sede dos Salesianos em Meruri.

Na história da Igreja, os mártires nos ensinam a voltar para o essencial da fé. Em certos momentos da história, quando as ideologias ameaçam os cristãos, os mártires nos desafiam e nos mostram como viver o seguimento de Jesus Cristo de modo autêntico e como evangelizar com novo ardor missionário.

Na tradição cristã, o martírio é uma graça que Deus, em seu amor misterioso, concede àqueles que Ele escolhe. O Espírito Santo anima, consola, acompanha, fortalece e encoraja um cristão a entregar a sua vida como testemunho de sua fé e de seu amor a Jesus Cristo.

Na Igreja, os primeiros santos foram todos mártires. O sangue derramado por eles era a expressão de um testemunho eloquente de uma fé inquebrantável e genuína do seguimento de Jesus Cristo. Os mártires evangelizam pelo seu testemunho. Eles são o alicerce da Igreja porque carregam, dentro de si, um motivo maior e sublime para sacrificar a própria vida como resposta de um amor incondicional a Deus e aos outros.

Reconhecer as virtudes cristãs de um mártir da fé não é uma questão de vencidos e vencedores. A fé

está acima de ideologias e de interesses de qualquer forma. O mártir rompe com qualquer lógica e esquema humanos. Inspirado pelo apelo do Evangelho e pelo amor a Jesus Cristo, ele pratica a sua fé a partir de um horizonte novo e sem fronteiras que ele carrega no mais profundo do seu ser. Ele vive da coerência entre o que crê e o que ensina. Ele é a testemunha viva do Cristo, que é Cordeiro que se imola para os outros.

Não existe um martírio neutro. Todo mártir vive a tensão do seu momento histórico, as contradições religiosas e políticas, os paradoxos econômicos e éticos, a tensão entre o humano e o divino. Por isso, todo mártir vive o drama da fé, de não compreender claramente as forças antagônicas que o circundam.

Ele se lança com fé e amor incondicionais dentro da seara onde estão o joio e o trigo. Por isso não desenha estratégias de autodefesa nem se organiza para vencer o conflito com forças e projetos humanos. A única certeza que tem é a confiança de que Deus está com ele e que, em nome desse Deus, fica com o povo, fica na noite escura da fé, fica em nome do amor, porque fé é travessia e mistério.

O mártir desconcerta, desestabiliza, desconstrói, coloca-se livre na fé para anunciar a mensagem do Evangelho. Ele fica ao lado de quem sofre e padece; ele fala, profetiza, grita e ama, e, por isso, expõe-se demasiadamente; ele é visto, às vezes, como frágil e catalogado como imprudente, mas



só ele entende a razão de amar, de entregar a vida e correr o risco de ficar com o povo que Deus lhe deu para cuidar e evangelizar.

Ele se entrega porque sabe que a força do testemunho é o modo mais claro de pregar o Evangelho. Ele se entrega porque ama com o coração e a certeza de que o pastor verdadeiro é aquele que dá sua vida pelas suas ovelhas.

Quem pode compreender a liberdade interior de quem ama e se entrega incondicionalmente a Deus? Quem pode apagar a chama do fogo que queima no interior da sarça ardente daquele que caminha contra toda esperança?

O martírio é uma mensagem forte e contundente de Deus, que mostra que a sua aliança de amor com alguém que Ele escolhe e ama é mais forte que a morte. No sangue dos mártires, o Evangelho fala mais alto, renova-se, questiona e impulsiona a Igreja a caminhar com o sopro de Pentecostes.

Refletir sobre os últimos dias de vida do Padre Rodolfo, em Meruri, lembrou-me uma cena marcante e emocionante do Filme **Homens e Deuses**, vencedor do Grande Prêmio do Júri no Festival de Cannes em 2010. Esse filme retrata a vida missionária de um grupo de monges franceses na Argélia que vive e trabalha em uma lugarejo,

cujas população é formada por muçulmanos, gente simples e pobre, que aprende a amar e a valorizar aqueles monges que vivem com eles e para eles.

Em um momento crucial do filme, o grupo de monges tem que tomar uma decisão que envolve a vida ou a morte. Eles são ameaçados por um grupo terrorista com a ordem de deixar imediatamente o vilarejo onde trabalham ou serem executados.

Conscientes das ameaças que podem levá-los à morte, diante do projeto que abraçaram com fé em nome de Deus, decidem naquele momento que vão ficar.



Padre Rodolfo com bororos em Campo Grande (1975)

Ficam porque o povo do lugarejo clama insistentemente para que eles não saiam, porque esses monges são seus verdadeiros amigos e sua segurança.

Essa decisão impressionante e radical, em nome da entrega aos outros, custa-lhes a vida, tal como ocorrido com o Padre Rodolfo. Os mártires morrem pela causa que abraçaram em nome da fé. Eles morrem pelo amor ao povo que Deus colocou em suas vidas. Eles morrem porque decidiram ficar.

Padre Rodolfo ficou com o povo bororo! Ficar em nome da fé e do amor a serviço e em defesa dos indefesos é profecia e santidade. Diante do conflito da terra, ele renova seu mote sacerdotal: “Eu vim para servir e dar a vida”.

Em uma de suas cartas à família, o Padre Rodolfo escreve: “Também hoje o missionário deve estar disposto a sacrificar a sua vida”. E, em sua última visita à terra natal, em 1974, a sua mãe o advertia para que tivesse cuidado, pois se estava falando muita coisa ruim. Ele respondeu: “Mamãe, como você se preocupa! Se eles me cortassem um dedo, eu lhes ofereceria os dois braços. Não há nada mais bonito que morrer pela causa de Deus. Este seria o meu sonho”.

Biblicamente, aqueles que são chamados por Deus para uma missão enfrentam todos os tipos de desafios e decidem radicalmente ficar para testemunhar a verdade da fé e o amor pelo povo. Assim foi com Pedro, Paulo, Estevão, Lourenço, Inácio de Antioquia, Bartolomeu, os



jovens salesianos Estevão Sándor e Tito Zeman, Versiglia e Caravário, Romero, Rodolfo e Simão Bororo.

Neste momento histórico em que vivemos grandes mudanças na sociedade e na Igreja e enfrentamos grandes desafios na promoção da vida, da fé e dos valores humanos e cristãos, a celebração do Padre Rodolfo e de Simão Bororo nos

convida a refletir seriamente sobre a radicalidade da nossa fé, da nossa opção fundamental e fiel a Jesus Cristo e sobre o nosso compromisso incondicional com o Reino de Deus a serviço dos outros.

Estive no início do mês de maio em Meruri e presenciei cenas que me marcaram profundamente sobre o significado do cristão-missionário





Padre Rodolfo em reunião missionária

colocar-se a serviço do Reino para promover a vida e a mensagem cristã. Fizemos a caminhada do local onde está a cruz debaixo da mangueira de Meruri, local da morte do Padre Rodolfo e de Simão, até o cemitério, onde foram sepultados o missionário e o indígena. Ali, duas mulheres e um homem bororo narraram o momento da morte de Rodolfo e de Simão. Depois fomos para a igreja, para celebrar o mistério da paixão, morte e ressurreição de Cristo, o Cordeiro Imolado.

Recordo a fala do jovem bororo que, com lágrimas, dizia: “O Padre Rodolfo salvou nosso povo e nossa terra. Ele amava as crianças. Ele lutou por nós quando estávamos correndo o grande risco de perder nossa terra, nossa cultura, nossa vida e nossos sonhos”.

Padre Rodolfo foi um grande catequista, acima de tudo. Foi para Meruri para evangelizar, partilhar

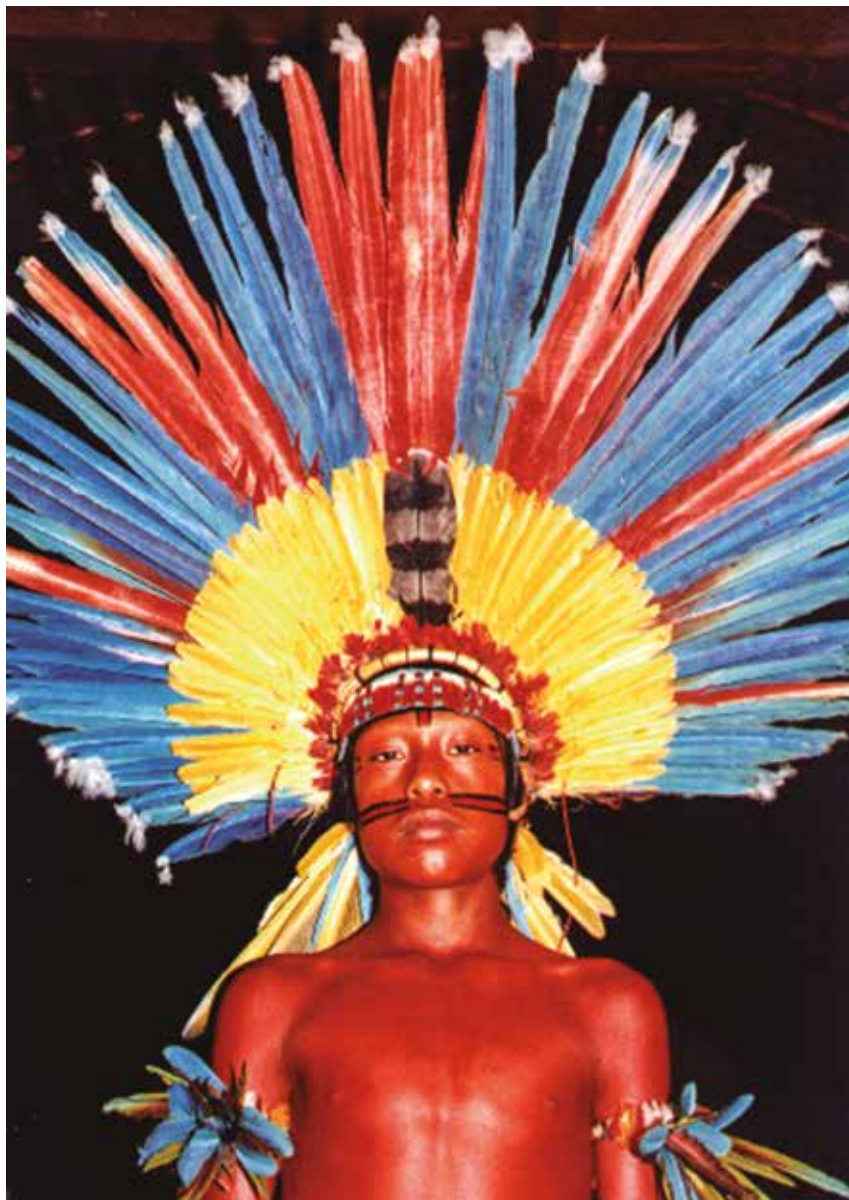
a Palavra de Deus, batizar, celebrar, promover a vida e trabalhar. Padre Rodolfo tinha muito claro o seu lema sacerdotal de servir e dar a vida, porque Cristo, o Cordeiro Imolado, era a razão da sua vida e a fonte da sua espiritualidade.

Para a Igreja e a Inspeção Salesiana de Mato Grosso, os novos tempos culturais nos interpelam para a vivência autêntica da nossa vocação de discípulos-missionários.

A Conferência de Aparecida, o CG-27 e a *Evangelii Gaudium* convidam-nos para renovar nossa vocação cristã a partir de um novo olhar missionário. E o nosso olhar para um irmão salesiano que vivenciou profundamente o ardor missionário é uma oportunidade para valorizar e aprofundar nossa vida missionária.

Como filho do nosso pai, Dom Bosco, o Padre Rodolfo faz parte

“ Mamãe,  
como você se  
preocupa!  
Se eles me  
cortassem um dedo,  
eu lhes ofereceria  
os dois braços.  
Não há nada  
mais bonito  
que morrer  
pela causa de Deus.  
Este seria  
o meu sonho. ”



Jovem bororo

de uma grande família missionária, que, desde 1894, através de grandes missionários, como Dom Luís Lasagna e Dom Antônio Malan, iniciaram uma vida de profecia e de testemunho salesiano missionário entre os bororo e os xavante. Rodolfo é parte dessa árvore missionária geradora de frutos que têm fortalecido uma Inspeção que continua fiel e viva na sua vocação missionária.

Na Inspeção, as Missões são o nosso monte das bem-aventuranças. Os filhos de Dom Bosco, desde os inícios, tiveram a fé corajosa de dialogar com as culturas, evangelizar, cuidar da saúde e da educação dos indígenas, lutando pela terra e pelos seus valores.

Dentro desse contexto de história missionária, celebramos Padre Rodolfo e Simão Bororo – 40 anos de

Entrega, Profecia e Memória. Esta homenagem é um modo de expressarmos a nossa gratidão e o nosso reconhecimento ao exemplo de sacerdócio, de vida salesiana e missionária desse filho de Dom Bosco.

E em Simão Bororo, o amigo que selou o seu sangue com o missionário, renovamos nossa admiração e nosso compromisso pelo povo bororo, pela sua terra, pela sua cultura e pelos seus sonhos. Agradecemos ao seu coração de bom samaritano, que soube amar e selar sua fé e sua fraternidade com o Padre Rodolfo no momento do sangue e de morte, defendendo o sacerdote.

Expressamos nosso profundo agradecimento ao Padre João Bosco Maciel e ao Padre Georg Lachnitt pela organização desta revista comemorativa. A todos aqueles que contribuíram com artigos e com a elaboração desta revista o nosso muito obrigado, de coração: Dom Pedro Casaldáliga, Dom Giovanni Zerbini, Padre José Marinoni, Padre Georg Lachnitt, Padre Gonçalo Ochoa, Padre Lauro Takaki Shinohara, Mestre Mário Bordignon, Padre João Bosco Maciel, Padre Nivaldo Luiz Pessinatti, Padre Osmar Bezutte, Padre Clemente Deja, Padre Spitz, Irmã Aurizena Simão do Nascimento, Dona Maria Lunkenbein (*in memoriam*), Domingos Sávio Alves, Gabriel dos Santos Bakorokudo, Leonida Maria Akiri Kurireudo, Josina Maria Ludmila da Silva e ao Mestre Altair Monteiro, pelo acompanhamento de edição e de impressão da revista, e à Roseane Lopes, pelo trabalho de digitação, e para Aline Passos, Jaqueline Mendonça e ao Padre Pedro Pereira Borges pela revisão.



Um agradecimento especial à Família do Padre Rodolfo Lunkenbein, na Alemanha, que tem acompanhado com a sua comunhão fraterna os salesianos e o povo bororo de Meruri, e o apreço e o apoio que eles têm tido pela Missão Salesiana de Mato Grosso. Nosso muito obrigado aos Salesianos e à Família Salesiana na Alemanha, na pessoa do Padre Josef Gröner, Inspetor da Inspetoria Salesiana da Alemanha.

Ao querido povo bororo, a nossa profunda gratidão e o nosso reconhecimento pelo amor ao Padre Rodolfo e por manter viva a sua memória e a sua história de salesiano, de sacerdote e de missionário. Nós renovamos o nosso compromisso de fé e de amizade com este povo que faz parte da nossa história e das nossas vidas.

Nosso reconhecimento e nossa profunda gratidão ao Padre Gonzalo Ochoa pela sua significativa e decisiva contribuição para a elaboração desta revista, sobretudo por tornar vivas tantas memórias do Padre Rodolfo e dar-nos um testemunho vivo e autêntico do seu seguimento a Jesus Cristo e do seu amor a Dom Bosco e aos indígenas. Ao Conselho Indigenista Missionário (CIMI), que o Padre Rodolfo ajudou a fundar, e a todas as organizações que lutam na fé, na transparência e na verdade em favor dos indígenas, o nosso fraterno reconhecimento.

O Papa Francisco nos tem feito um grande apelo, no contexto atual da Igreja, ao afirmar: “Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas,

a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças”. Padre Rodolfo viveu e anunciou o evangelho da alegria e saía pelos campos de missão para sentir o cheiro das ovelhas e, em nome do Pastor Maior, ficar com elas e caminhar com o povo bororo.

Na grande caminhada da Igreja na América Latina, podemos contemplar, com liberdade e esperança, o sorriso e o brilho nos olhos do

Padre Rodolfo e de Simão Bororo. Uma aliança de amor e de sangue marcada pela entrega a Jesus Cristo e ao Reino. Uma união de dois grandes amigos que selaram uma história de compromisso entre os missionários e os povos indígenas. Rodolfo e Simão: Um olhar de esperança que aponta para um futuro carregado de sementes do Evangelho e o legado de uma Entrega, de uma Profecia e de uma Memória!

*Campo Grande, março de 2016*



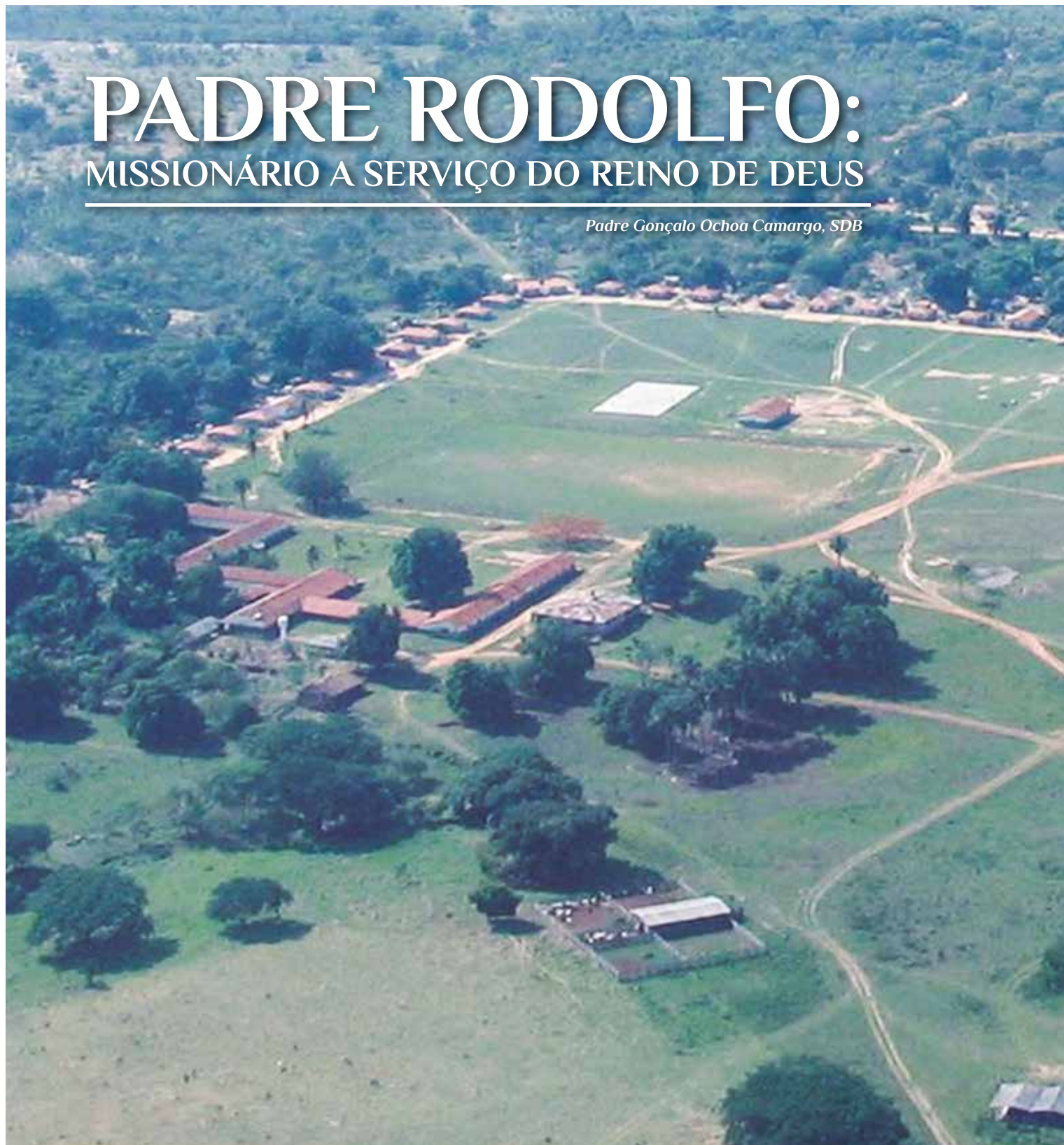
*Padre Rodolfo Lunkenbein*



# PADRE RODOLFO:

## MISSIONÁRIO A SERVIÇO DO REINO DE DEUS

*Padre Gonçalo Ochoa Camargo, SDB*



*Vista aérea da Aldeia Meruri*





Nascido em uma família profundamente cristã, podemos afirmar que Rodolfo assimilou o evangelho junto com o leite materno.

Desde criança Rodolfo viveu em profundidade a experiência cristã, sentindo e respondendo com generosidade durante toda a sua vida à força do Espírito que o impulsionava a viver e a levar a Boa Nova de Jesus a todas as gentes.

Aos maravilhosos dons de saúde, de alegria e de otimismo com que Deus o dotou desde pequeno e que ele cultivou durante toda a sua vida, misturaram-se os espinhos e as cruces, tais como: a) a ausência de seu pai que, logo que Rodolfo nasceu, em 1939, teve que participar de toda a segunda guerra mundial e depois ser exilado para a Noruega e voltar para casa com a saúde prejudicada para a vida inteira; b) o sofrimento de não poder continuar os seus estudos durante vários anos, por falta de recursos; c) a dificuldade para conseguir de seus familiares a licença para viajar para as missões. Assim, Rodolfo foi aprendendo que não há vida de fé sem cruz para carregar: “Se alguém quiser vir comigo, renuncie-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me” (Mt 16,24).

Já na sua adolescência através de boas leituras entra em contato com Dom Bosco e com a sua obra no mundo e começa a ver o Evangelho sob o prisma salesiano: Dom Bosco lhe oferece pão, trabalho e paraíso, e Domingos Sávio lhe ensina que a santidade consiste em estar sempre alegre, em fazer o bem a todos e em estar sempre disposto a morrer antes que ser infiel a Deus.



Mãe de Padre Rodolfo

“ Se Rodolfo se tornou padre foi devido à oração da mãe, que rezava muito para que ele seguisse o chamado de Deus. A mãe era muito piedosa. Principalmente rezava o terço. Tenho a convicção de que ela rezava por cada um de nós, mas por Rodolfo ela rezava mais terços durante o dia.”

Hermann Lunkenbein,  
irmão do Padre Rodolfo

Durante os vários períodos de sua primeira formação, o desejo ardente de ser sacerdote e missionário o estimulava a aproveitar todos os momentos para se capacitar o melhor possível em todos os campos, religioso, intelectual e prático, para o seu futuro apostolado. Disto são provas eloquentes os depoimentos de seu Assistente de Aspirantado e de seu Diretor de Filosofado.

Durante toda a sua vida Rodolfo contou com alguém que o acompanhou com o seu carinho, com a sua compreensão e com a sua fervorosa oração: aquela que soube formar seu coração para Deus, a mãe Maria Margareta Herold. “Se Rodolfo se tornou padre – diz o senhor Hermann Lunkenbein, irmão do Padre Rodolfo – foi devido à oração da mãe, que rezava muito para que ele seguisse o chamado de Deus. A mãe era muito piedosa. Principalmente rezava o terço. Tenho a convicção de que ela rezava por cada um de nós, mas por

Rodolfo ela rezava mais terços durante o dia” (Cfr. Entrevista de Padre Ochoa com Hermann Lunkenbein sobre a mãe do Padre Rodolfo).

No começo de 1963, Rodolfo é destinado para iniciar o seu primeiro período de vida missionária na Missão Salesiana de Meruri.

Homem já feito, com 24 anos de idade, cheio de qualidades e difundindo alegria e otimismo, enfrentou a realidade tal como a encontrou em Meruri, como assistente e professor em uma escola na qual a maior parte dos alunos eram meninos internos e externos, filhos de moradores brancos da região. A aldeia bororo era pequena, e perto da aldeia havia uma corruptela de moradores brancos, que estavam lá para colocar os seus filhos externos na escola. Rodolfo atendia a todos com a mesma bondade, muito bem relacionado e estimado pelos seus colegas de missão. Todo o mundo ficava encantado com o comportamento e a riqueza moral, a alegria e a capacidade de serviço deste jovem missionário.

Na mesma missão de Meruri, em 1º de maio de 1965, o Clérigo Rodolfo fez o pedido para a profissão perpétua, expressando “firme vontade de consagrar-se para sempre a Deus e trabalhar, mais tarde como Sacerdote, por toda a sua vida na Congregação Salesiana, **especialmente nas missões indígenas**” (grifos nossos).

“*Ido pelo mundo inteiro e ensinai a todos os povos.*” Isto valeu não somente no tempo de Cristo, mas também agora, e é tão urgente

como nunca”. Estas palavras de Rodolfo dirigidas a seus pais para obter a licença de ser missionário **ad Gentes** são a expressão da visão evangélica de Rodolfo Lunkenbein como cristão, como seminarista salesiano e como sacerdote missionário **ad Gentes**.

Fez seus estudos teológicos no Instituto Teológico de Benediktbeuern, Alemanha, de 1965-1969, logo após o Concílio Vaticano II, cujos documentos influenciaram na sua atuação missionária entre os indígenas de Mato Grosso, principalmente com os bororo de Meruri. Neste período também aproveitou os tempos de férias para fazer um curso de medicina tropical e até um curso de piloto, sempre pensando na realidade que conheceu na sua primeira atuação missionária com os bororo e os seus vizinhos, os xavante.

Voltando a Meruri como padre novo, no início de 1970, encontra uma nova realidade. Em Meruri agora estão só os bororo que ele já

conhecia e mais um grupo de bororo vindos da aldeia Pobojarí, onde tinham perdido suas terras. Estes ainda conservam a língua e a cultura. Todos o recebem com muito carinho, fazendo-lhe uma bela recepção cultural e aceitando-o na tribo com o nome de Koge Ekureu (Peixe Dourado).

É admirável o respeito com que os missionários e concretamente o Padre Rodolfo trataram estes dois pequenos grupos, num estágio tão diferente de cultura e de vivência religiosa, respeitando a caminhada histórica de cada um e facilitando entre eles o enriquecimento mútuo num diálogo intercultural e inter-religioso construtivo, na vida prática e celebrativa dos dois grupos.

Neste conhecimento da riqueza das culturas indígenas e do perigo de extinção em que os povos indígenas se encontravam, pela acelerada perda de seus territórios, todos os missionários que com eles trabalham sentem a ne-

cessidade de se organizar para, em seu compromisso evangélico de salvação, ajudar as nações indígenas a reverter esta situação, em uma aliança pela vida, mesmo com o sacrifício da própria. Mas este sacrifício não é um suicídio para que os outros morram; é a aceitação de uma oblação redentora pela vida dos outros, sem violência, sem machucar ninguém, antes perdendo como no Calvário, como em Meruri, como em Ribeirão Bonito, e como em todos os lugares onde um filho ou uma filha de Deus dá a sua vida para que no mundo haja mais vida.

Sobre a atuação do Padre Rodolfo como missionário: ninguém melhor que Dom Pedro Casaldáliga poderia no-lo descrever:

*“Eu tenho a impressão clara, convicta, de que o Padre Rodolfo foi o missionário **ad Gentes** completo e, concretamente, missionário **ad Gentes** do Terceiro Mundo, dos pobres, dos povos indígenas. Ele*



*Pensando no povo indígena Padre Rodolfo se preparou fazendo um curso de aviação para enfrentar a realidade local*



Padre Rodolfo enfrentando as estradas

*se doou totalmente; se encarnou e doou todas as suas capacidades espirituais, técnicas, o seu jeito, o seu sorriso, o seu olhar transparente, o coração grande, como o próprio corpo. Uma dedicação sempre esperçada. O Padre Rodolfo não conhecia o desânimo, não conhecia rupturas na sua dedicação. Pelo menos, sempre que o encontrei, o encontrei com uma capacidade de superar, de olhar para frente. Nas Assembleias, nas reuniões, era um toque de paz, de respaldo, de animação. É muito significativo também, um caso emblemático, histórico, que em Meruri, naquela hora gloriosa, martirial, ele, missionário, deu a vida pelo índio, pelos povos indígenas, e o índio Simão Bororo, os povos indígenas, deram a vida pelo missionário. O Padre Rodolfo*

*assumiu a prospectiva, a metodologia, o ideário do CIMI, com muita generosidade, sabendo dar a passagem de uma formação relativamente tradicional para todos nós, como era próprio da época, para uma visão mais propriamente atualizada Ad Gentes, em termos de inculturação, de diálogo cultural e até religioso com esses povos indígenas. Deu a vida numa atitude de força e de esperança martirial. Penso que sua beatificação e canonização seriam emblemáticas para a pastoral indígena e extra-indígena” (Cfr. Entrevista do Mestre Mário Bordignon com Dom Pedro Casaldáliga sobre o Padre Rodolfo. São Félix, 21/07/2006).*

A vida e a cultura de um povo estão muito ligadas ao ninho ecológico, ao domínio de uma terra onde

tradicionalmente viveu sua história e criou sua cultura, intimamente relacionadas com todos os elementos que essa terra lhe oferecia para a construção de suas aldeias e de suas moradias, para as suas caçadas e suas pescarias, para o seu sustento, para o seu lazer, para a sua saúde, para os seus rituais, para as suas lendas e para os seus mitos.

O Papa Francisco, em sua Encíclica **Laudato Si**, de 24 de maio de 2015, nº 146, confirma estes conceitos que nortearam o CIMI no seu compromisso evangélico de apoiar as populações indígenas na sua luta pela segurança legal de seus territórios, salvando assim muitos povos do extermínio a que estavam ameaçados, principalmente a partir da segunda metade do Século XX.

“É indispensável prestar uma atenção especial às comunidades aborígenes com as suas tradições culturais. Não são apenas uma minoria entre outras, mas devem tornar-se os principais interlocutores, especialmente quando se avança com grandes projetos que afetam os seus espaços. Com efeito, para eles, a terra não é um bem econômico, mas dom gratuito de Deus e dos antepassados que nela descansam, um espaço sagrado com o qual precisam interagir para manter a sua identidade e os seus valores. Eles, quando permanecem nos seus territórios, são quem melhor cuida deles. Em várias partes do mundo, porém, são objeto de pressões para que abandonem suas terras e as deixem livres para projetos extrativos e agropecuários que não prestam atenção à degradação da natureza e da cultura”.

Em meados do século XX, a situação fundiária de todos os grupos indígenas de Mato Grosso estava reduzida à sua mínima expressão e, conseqüentemente, o seu processo de extinção já estava sendo previsto especialmente para os bororo como um todo.

Uma das primeiras atuações do CIMI, logo a partir de sua criação, em 1972, foi insistir na formulação de uma lei federal que defendesse os direitos das populações indígenas. Esta lei foi promulgada em 1973; em um de seus artigos estabelece a demarcação dos territórios indígenas no prazo de 5 anos a partir de sua promulgação (Cfr. Lei nº 6.001- Estatuto do Índio).

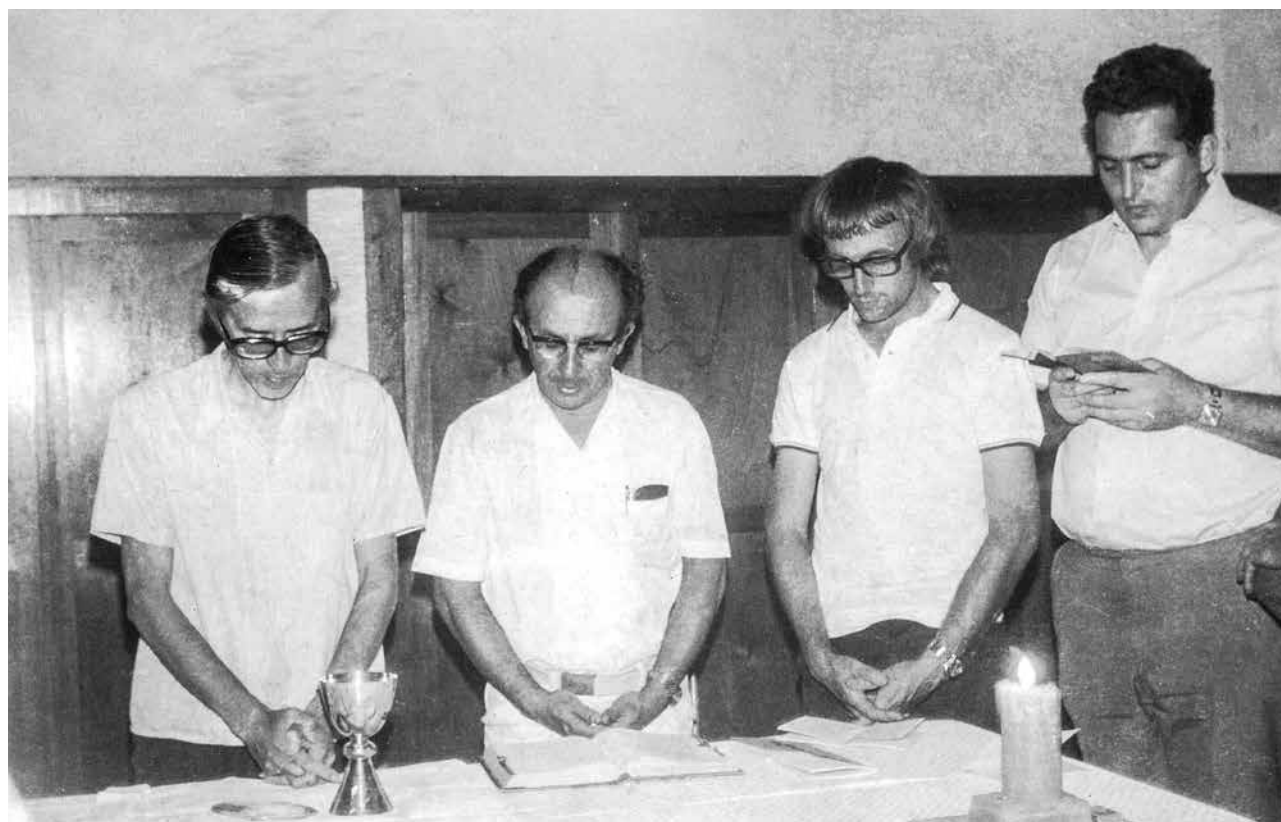


Padre Rodolfo no trabalho do dia a dia

“ Eu tenho a impressão clara, convicta, de que o Padre Rodolfo foi o missionário **ad Gentes** completo e, concretamente, missionário **ad Gentes** do Terceiro Mundo, dos pobres, dos povos indígenas. Ele se doou totalmente; se encarnou e doou todas as suas capacidades espirituais, técnicas, o seu jeito, o seu sorriso, o seu olhar transparente, o coração grande, como o próprio corpo. Uma dedicação sempre esperançada. O Padre Rodolfo não conhecia o desânimo, não conhecia rupturas na sua dedicação. ”

Dom Pedro Casaldàliga





*Padre Rodolfo em assembleia do CIMI*

Os bororo de Meruri, juntamente com outros povos indígenas, reunidos em assembleias de chefes, começaram a lutar pela demarcação de seus territórios, apoiados no Estatuto do Índio e assessorados pelos missionários, que claramente viram nesta atitude o cumprimento de um compromisso evangélico urgente.

Em Meruri, antigos posseiros, que sabiam que estavam ocupando terras indígenas, começaram a vender barato as suas posses a fazendeiros vindos de outros Estados. Pior ainda, os novos donos, sem reconhecer os direitos que os indígenas tinham sobre suas terras, iniciaram um processo de transferência dos bororo para outras áreas com promessas de terras

melhores prometendo falsamente 500 ha para cada família; isto com a finalidade de diminuir o número de moradores bororo em Meruri e, assim, ter um motivo para impedir a demarcação da área. Outra tática foi instalar uma corruptela de moradores pobres sobre a serra Nabureiao, na beira da estrada que corta a reserva, dentro da pequena área que ainda restava aos bororo, com um bolicho que fornecia bebida alcoólica para os bororo, resultando em brigas e até na morte de um tio do Cacique bororo de Meruri. Acrescentam-se a isto as contínuas e cada vez mais frequentes ameaças que o Diretor da Missão recebia. Tudo isso exacerbava os chefes comprometidos com a demarcação da reserva e preocupava profundamente os missionários,

principalmente o jovem Diretor, Padre Rodolfo, que já sentia o peso da cruz rumo ao Calvário. Padre Rodolfo, porém, continuava incansável apoiando os bororo na sua luta pela segurança de seu território, pela garantia de seus direitos; redigia requerimento após requerimento, falava com o Presidente da FUNAI, com os Ministros do Interior e da Fazenda, descrevendo-lhes a situação que se estava tornando cada vez mais dramática. As este respeito, vejamos o depoimento que o então Presidente da FUNAI deixou escrito no livro de condolências de Meruri, por ocasião do funeral do Padre Rodolfo:

*“Em meus contatos com o Padre Rodolfo sempre me conscientizei tratar-se de um missionário pro-*



*fundamente interessado pelo problema indígena. Em sucessivos encontros mantidos com ele, seja em Meruri, seja em Brasília, verifiquei que o Padre Rodolfo dedicava toda sua existência ao índio. Era um defensor intransigente do índio e de seus direitos e, por isso, passei a admirá-lo e respeitá-lo. Abraçara uma causa e, por ela, deu a própria vida. Embora lamentemos a sua morte, devemos reconhecer que a mesma foi glorificada, por um ideal. Que a sua morte não tenha sido em vão e que seu exemplo frutifique e inspire a todos nós, dedicados ao índio”.*

*Meruri, 17 de julho de 1976  
Gen. Ismarth Oliveira  
Presidente da FUNAI*

Rodolfo era um homem de paz. No seu compromisso pelos bororo fez também tudo o que estava ao seu alcance para que os moradores que iriam ter que sair da nova reserva não fossem prejudicados. Foi com essa intenção que aceitou o encargo de fazer o levantamento de todas as posses e de todos títulos, das benfeitorias e até das árvores frutais que cada morador tinha no seu quintal. Seu desejo de paz ficou gravado no sermão que ele fez no último Natal que celebrou com a presença de bororo e brancos, meio ano antes de sua morte:

*“Temos aqui um grupo de representantes dos nossos vizinhos e amigos da região, mostrando assim que todos nós somos uma única família, índios e civilizados, mostrando assim que acreditamos todos neste Deus Menino que se tornou nosso irmão, que nasceu, viveu e morreu para que todos nós pudés-*

*semos já nesta terra ter um pouco da felicidade que um dia havermos de encontrar na vida eterna”.*

Na sua visão evangélica, Padre Rodolfo soube construir também um clima de muito amor dentro de sua família, com os seus irmãos bororo, com os seus irmãos e as suas irmãs de missão, com os seus companheiros de CIMI, como o demonstram todos os depoimentos das pessoas que o conheceram em vida e o choraram depois de sua morte.

*“Dou-vos um novo mandamento: Amai-vos uns aos outros, como eu vos tenho amado. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,34-35)*

Podemos ver um detalhe desta solidariedade entre os missionários documentado no livro das *Crônicas* de Meruri correspondente ao dia 13/10/1976, pouco menos de três meses depois da morte do Padre Rodolfo e de Simão Bororo:

*“A Irmã diretora segue rumo a Diamantino a fim de, em solidariedade, representar a comunidade nos funerais do Padre João Bosco Bournier, Jesuíta, que foi tristemente assassinado. O Padre João Bosco estivera aqui conosco durante dez dias, logo após a morte do Padre Rodolfo, dando-nos o conforto da sua doce pessoa, impregnada de bondade, serviço e piedade. Por várias vezes o surpreendemos de joelhos no chão, rezando no túmulo do amigo”.*

O martírio cristão não é um acontecimento repentino, improvisado. É antes de tudo uma graça de Deus.

É também o coroamento de uma vida de muito amor e de compromisso com o Reino de Deus, no seguimento do Mártir Divino.

*“Também hoje – escreve Rodolfo em uma de suas cartas –, o missionário deve estar disposto a sacrificar a sua vida”.*

*“Não há nada mais bonito que morrer pela causa de Deus. Este seria o meu sonho”, revela Rodolfo no último diálogo com sua mãe.*

E este sonho, como o sonho de Jesus de dar a sua vida pela vida do mundo, como o sonho de Dom Bosco que viu vários de seus filhos dando a vida no paralelo 15 pela evangelização dos povos destas terras, se realizou em Meruri, quarenta anos atrás. Rodolfo se juntou a muitos outros de seus irmãos missionários mártires: Padre Thannuber, Mestre Peregrino, Padres Fuchs e Sacillotti, Santos Versiglia e Caravário, e foi o primeiro na longa lista dos missionários(as) consagrados(as) e dos apóstolos leigos que, depois do Concílio Vaticano II, aqui na América Latina, no Brasil, no CIMI, como o Padre João Bosco Bournier, o Irmão Vicente Canhas, Dom Romero, Irmã Dorothy, o Padre Balduino, e tantos outros que, como grãos de trigo caídos na terra, morreram para produzir frutos de nova vida para muitos povos. Também Simão Bororo encabeça a lista de centenas e centenas de mártires indígenas que continuam morrendo pela vida de seus povos.

*Meruri, 1º de Abril de 2016,  
77º aniversário do nascimento do  
Padre Rodolfo Lunkenbein*





Irmã Margarida trata de Simão ferido

# SIMÃO CRISTINO:

## COMPANHEIRO NA ALIANÇA DO SANGUE

Padre Gonçalo Ochoa Camargo, SDB



Foi companheiro de martírio do Padre Rodolfo Lunkenbein.

Nasceu em Meruri, em 27 de outubro de 1937, filho legítimo de Teresa Okogeboudo e Floriano Utoboga. Foi Batizado em 7 de novembro de 1937 pelo Padre João Batista Crema.

Fez seus estudos primários na escola de Meruri. Quando jovem foi trabalhar com garimpeiros bran-

cos nos garimpos do Rio Garças. Voltando para Meruri foi convidado para formar parte de um grupo de bororo para acompanhar os missionários, Padre Pedro Sbardellotto e Irmão Jorge Wörz, na primeira residência missionária entre os xavante, na missão de Santa Terezinha, pelos anos 1957-1958. Era o mais jovem do grupo, porém o mais consciente de sua qualidade de missionário entre os xavante.

Pelos anos 1962-1964 participou em Meruri da construção das primeiras casas de material para as famílias Bororo. Tornou-se pedreiro prático e dedicou o resto de sua vida a este ofício, colaborando na aldeia e na Missão.

“Simão, disse o finado Eugênio Aije, tinha 40 anos. Era muito bom. Todos tinham estima dele porque estava disposto para tudo. Ele era

o pedreiro de Meruri. Ajudou a construir as casas. Fez a maioria dos fogões das casas do Bororo. Na mesma manhã de sua morte estava consertando a lavanderia das Irmãs. Era muito unido com o Padre Rodolfo na defesa da terra". Os três tanques de cimento que ainda são usados na lavanderia da missão foram feitos por ele, que naquele dia os deixou prontos, tais como estão agora.

A irmã de Simão, hoje finada, Genoveva Borobotoudo, nos deixou este depoimento: "Simão gostava muito das crianças da aldeia... Estava sempre pronto para ajudar os outros companheiros, com dinheiro, com penas para enfeites, e ele mesmo procurava as penas. Ele conhecia muito os remédios do mato, fazia remédios de arnica (uma das plantas medicinais mais utilizadas na região) e aplicava e explicava (como usá-la). Ainda nos

últimos dias foi arrumar arnica para um velhinho. Era muito paciente e nunca se zangava".

Foi mortalmente ferido ao querer defender a vida do seu amigo, o Padre Rodolfo Lunkenbein, no dia em que estava sendo imolado por defender a vida dos bororo, 15 de julho de 1976. Genoveva o conduziu do lugar do ataque ao hospital da missão (200 m), andando vagorosamente, ela segurando o irmão ferido, ele segurando a ferida aberta no estômago, e os dois rezando durante todo o percurso.

Recebeu os últimos sacramentos no hospital de Meruri enquanto recebia também os primeiros socorros da enfermeira, Irmã Margarida Abatti. As horas de vida que ainda lhe restaram as dedicou a rezar, pedindo perdão aos que pudesse ter ofendido e perdoadando a todos. Morreu no avião que o conduzia

para ser tratado na cidade, na mesma tarde do dia 15 de julho de 1976.

Simão continua vivo na memória da Igreja missionária. O CIMI dedicou a seu nome a sede central do Regional do CIMI de Mato Grosso, na Chapada dos Guimarães. A Igreja de Rondonópolis honra-o na Caminhada dos Mártires, feita anualmente pelas ruas da cidade. Em Meruri, todos os anos é solenemente celebrado o aniversário de seu martírio, junto com o do Padre Rodolfo.

O desejo de todos é que a sua causa de martírio possa ser introduzida juntamente com a do Padre Rodolfo Lunkenbein.

*Meruri, abril de 2011*



*Simão Bororo (indicado pela seta) com um grupo de colegas*

# OS FATOS DE MERURI

*Dom Walter Bini, SDB  
na época Inspetor da Missão Salesiana de Mato Grosso*



*Corpo do Padre Rodolfo na Igreja*



Como Inspetor Salesiano de Mato Grosso, julgo de meu dever recolher alguns dados significativos para que se compreenda um pouco melhor o que se passou em Meruri, no triste dia 15 de julho de 1976, quando, num assalto de moradores da região à sede da Missão Salesiana local, morreram o Padre Rodolfo Lunkenbein, o bororo Simão Cristino e o rapaz Aloísio Bispo. Não pretendo escrever a história completa dos acontecimentos, nem muito menos antecipar os resultados do inquérito policial e da instrutória judicial, que esperamos sejam rigorosos e corajosos.

Desejo somente relatar com simplicidade alguns antecedentes do fato, o que se deu no dia 15, a linha de providências tomadas logo a seguir, e deixar por fim clara a nossa posição de salesianos diante dos acontecimentos.

Além de informar serenamente os nossos amigos, desejo também que alguns dados aqui apresentados possam servir para desfazer a um ou a outro equívoco ou interpretação errônea que despontarem cá e acolá nos meios de comunicação social do Brasil e do Exterior.

Campo Grande, 19 de agosto de 1976  
Padre Walter Bini, SDB

## a) OS PRECEDENTES: QUESTÃO DAS TERRAS EM MERURI

Os índios bororo estão presentes na região de Meruri *ab immemorabili*, como demonstram também os nomes das localidades e dos acidentes geográficos, especialmente de Rondonópolis até o Rio Araguaia e Rio das Mortes.

Em **1901**,

Padre Antônio Maria Malan, superior dos Salesianos em Mato Grosso, adquire e obtém título definitivo em seu nome (mais tarde adjudicado à Missão Salesiana de Mato Grosso) de dois lotes de terra  
a) Barreiro de Cima, ao norte num total de 2.875 ha;  
b) Boqueirão, ao sul, num total de 2.522 ha.

Em **1902**,

os salesianos se fixam em Tachos, no lote Barreiro de Cima.

Em **1918**,

o Presidente do Estado de Mato Grosso, Dom Francisco de Aquino Correia, concedeu o domínio de dois lotes de 25 mil ha cada um à Colônia Indígena “fundada e mantida pela Missão Salesiana” denominada “Sagrado Coração”, para usufruto dos índios bororo.

Em **1927**,

os salesianos deixam os Tachos e se fixam em Meruri (no lote sul, concedido por Dom Aquino em 1918).

Em **1935**,

começam as invasões dos civilizados acobertados pela política mato-grossense daquela época, que desconhecia os direitos dos indígenas. As terras concedidas pelo Estado do Mato Grosso em 1918 foram sendo ocupadas pelos posseiros e fazendeiros, em grande parte.

Em **1957**,

os salesianos fixam-se também em São Marcos com os xavante que iam chegando, ocupando parte do lote norte cedido por Dom Aquino.

Em **1958**,

surgem e se intensificam atritos entre o Padre Pedro Sbardellotto, diretor da Colônia Indígena de São Marcos, e o fazendeiro Alípio Tontinho, que invadira a terra dos bororo na região de São Marcos. O fazendeiro prevaleceu-se com a violência, chegando a bater no Padre Pedro com chicote até sangrar e derrubá-lo. O processo aberto contra o criminoso foi arquivado na Barra do Garças, sem consequências para o agressor.

Em **1959**,

diante da situação de atrito, especialmente na região, de São Marcos, o Governador João Ponce de Arruda ordenou um levantamento dos limites antigos das terras cedidas em 1918. O levantamento foi efetuado por José Nicodemos Sá Porto. Na medição, decretada em seguida, resultaram dois títulos em nome de Colônia Sagrado Coração de Meruri para usufruto dos índios bororo e xavante, reduzindo-se as duas áreas (que eram de 25 mil ha cada uma) a um título de 16.031 ha e outro de cerca de 9 mil ha. O restante ficou “para a pobreza”, sendo fornecidos títulos também a posseiros.

Em **1960**,

havendo entre as duas áreas uma terra sem documentação e tendo sido requerida por Herondino Rodrigues Ribeiro, Padre Bruno Mariano, diretor de Meruri, requereu em próprio nome, para facilitar a aquisição, e obteve título definitivo de 9.225 ha (Contemporaneamente a Missão Salesiana tinha requerido e obtido 4.402 ha, mas que se constatou sobrepossem-se ao lote de 9.225 ha em nome do Padre Bruno Mariano).

Em **1972**,

São Marcos e Sangradouro obtêm do Governo Federal Reservas para os respectivos índios.

Em **1973**,

os bororo de Meruri acham ter chegado a hora de reivindicar as terras que eram deles, especialmente o correspondente aos 50 mil ha obtidos em 1918. O Presidente da FUNAI formou uma comissão composta por um agrimensor, um antropólogo, um advogado, o Delegado da FUNAI de Cuiabá (Presidente do grupo de trabalho) e o próprio Padre Rodolfo Lunkenbein. O grupo esteve *in loco* por uma semana fazendo o levantamento da situação e preparando um mapa da futura Reserva que incluía terras num total de 79.540 ha (dos quais 19.026 ha tinham sido adquiridos pela Missão Salesiana de Mato Grosso; 25 mil ha tinham sido cedidos em 1918; 13 mil ha eram parte do outro lote de 25 mil ha; e 22.514 ha foram incluídos como área de perambulação). Com o decreto do Presidente da FUNAI que estas terras foram sempre dos índios bororo, os que estavam ocupando as mesmas foram considerados invasores. Também os Salesianos com isto perderam qualquer direito sobre as terras adquiridas. Junto ao Mapa da Reserva Padre Rodolfo enviou ao Presidente da FUNAI a lista dos Fazendeiros e Posseiros que estavam dentro dos novos limites a serem demarcados.

De **1973**  
a **1974**,

enquanto a FUNAI estudava os limites da Reserva, os posseiros limítrofes em suas medições iam invadindo as terras em usufruto dos bororo e da Missão Salesiana, criando frequentes atritos com os índios bororo. Ao mesmo tempo, os fazendeiros e posseiros uniam-se para impedir os estudos e o decreto que estabeleceria a nova reserva (requerida pelos índios bororo), apoiados por alguns políticos mato-grossenses.

Em **1975**,

19 de março, vem a Meruri uma Comissão Mista FUNAI-INCRA para tomar contato com os que seriam prejudicados pela Reserva, a fim de lhes propor uma solução com o seu reassentamento em outras terras da União. Em geral foram mal recebidos e não se lhes deu crédito.

De **1975**  
a **1976**,

além destes acontecimentos, registraram-se diversos atritos entre índios e civilizados, notadamente os que tinham bar na rodovia federal que atravessa a Reserva, a BR-070, e culminando em maio de 1976 no afastamento compulsório dos que tinham bar ou venda à margem da mesma rodovia, dentro dos limites da Reserva. Este fato contribuiu muito para aumentar a atitude hostil dos moradores vizinhos para com a Missão. Divulgava-se a ideia de que os missionários eram os únicos interessados em obter a demarcação de uma Reserva da qual eles se tornariam os verdadeiros proprietários. Assim aos poucos os ressentimentos se foram concentrando sobre eles, notadamente sobre o Diretor da Missão, Padre Rodolfo Lunkenbein, que, por amor à causa dos bororo, não media esforços para assegurar a demarcação.



## **b) OS FATOS TRÁGICOS DO DIA 15 DE JULHO DE 1976**

Na manhã do dia 15 de julho de 1976, um grupo de mais de 60 pessoas, em oito viaturas, dirigiram-se para a Missão Salesiana de Meruri. Duas viaturas ficaram na entrada da Missão. As outras foram em primeiro lugar até onde estavam trabalhando os topógrafos da primeira das três frentes de demarcação da Reserva. A demarcação começara três dias antes. Sem violências, convenceram os topógrafos a irem com eles até à sede da Missão, colocando-os nas viaturas com seus aparelhos de medição.

Chegando à sede da Missão, no patiozinho central, pediram para falar com o Diretor. Como o Padre Rodolfo no momento estivesse ainda trabalhando na roça com os bororo, atendeu-os o Padre Gonçalo Ochoa. Trataram-no mal, com palavras e com gestos, exigindo satisfação pelo fato de que a demarcação tivera início, apesar de todas as ameaças anteriores. Padre Gonçalo tentou dialogar com eles, sofrendo todos os insultos sem reagir.

Logo após chegou o Padre Rodolfo com alguns bororo. Deixaram então em paz o Padre Gonçalo e dirigiram-se ao Padre Rodolfo com as mesmas atitudes de provocação. Este não perdeu a calma e serenamente tentou persuadi-los de que, se se sentiam lesados em seus direitos, deveriam recorrer à FUNAI ou à Justiça. Ofereceu-se, como em outras vezes, para ser intermediário deles para isso. Chegou a anotar numa folha de papel os nomes de todos os reclamantes. Os que o rodeavam, seguros de si, tomaram em ridículo a boa vontade do padre, dando os seus nomes e de amigos ausentes também.

Fizeram enfim menção de se retirar. Alguns se dirigiram para os carros. Um pequeno grupo, porém, cercou o Padre Rodolfo. Começaram a insultá-lo e empurrá-lo. Alguns dos bororo presentes, vendo isso, tentaram defender o padre. Lourenço, o chefe, foi então alvejado por um tiro. Três outros tiros atingiram imediatamente o Padre Rodolfo, que morreu dez minutos após. Seguiu-se um tiroteio em que ainda foram feridos outros quatro bororo, enquanto os carros começavam a sair. Um dos atacantes, Aloísio Bispo, de 16 anos, foi atingido por um tiro no rosto, e morreu também. Os atacantes fugiram imediatamente nas viaturas de que dispunham, deixando no local o corpo do rapaz e uma das viaturas atolada num banco de areia.

Alguns bororo, vendo o que estava acontecendo, utilizando-se de uma viatura da Missão, foram desabadamente até a sede da Missão vizinha, de São Marcos, que dista cerca de 40 km, para pedir socorro. Foram recebidos pelo Diretor da Missão, Mário Gosso. Compreendendo a gravidade da situação, e conhecendo o ânimo agressivo dos xavante que vivem nesta Missão, imediatamente reuniu um grupo deles e calmamente instruiu-os para que nada fizessem sem ordem sua. E assim rumaram para Meruri. A presença dos xavante serviu de reconforto e encorajamento para os bororo. Estiveram presentes o tempo todo, exercendo um papel de vigilância e de colaboração com seus irmãos bororo e com os missionários. Naquela ocasião e em todos os dias seguintes, tanto eles como os bororo não fizeram um

gesto impensado ou agressivo, que pudesse comprometer a situação.

Quase imediatamente depois dos fatos, através do rádio da Missão local, a sede da Missão Salesiana de Mato Grosso, em Campo Grande, foi informada. Padre João Zerbini, Ecônomo Provincial, comunicou os fatos à Polícia Federal e à Delegacia da FUNAI de Cuiabá na ausência do Padre Walter Bini, Superior Provincial, pedindo providências imediatas, e seguiu logo de avião (táxi aéreo) para o local, a fim de orientar as primeiras medidas a serem tomadas em Meruri. Em Campo Grande, duas horas depois, chegava o Padre Walter Bini, que passou a ter contato-rádio contínuo até a noite com a Missão de Meruri, e a informar com os seus auxiliares as autoridades, a imprensa, os irmãos salesianos e a família do Padre Rodolfo.

Os socorros aos feridos e a intervenção policial verificaram-se algumas horas após, vindos de Barra do Garças, distante 120 Km do local. Um avião e uma caminhonete levaram para esta cidade os feridos e também o corpo do Padre Rodolfo, para o laudo médico legal e para o embalsamamento, desde que havia a possibilidade de que o corpo fosse pedido pela família do falecido. No avião, que levou dois feridos, veio a falecer o índio Simão Cristino. Este avião não pode chegar até Barra do Garças por causa da noite; fez um pouso de emergência numa fazenda, onde, por coincidência, estavam de férias oito médicos, que socorreram o ferido sobrevivente. Chegou a Barra no dia seguinte pela manhã.



### c) NOS DIAS SEGUINTES



*Padre Rodolfo sendo velado*

Pela manhã do dia 16 foram trazidos de volta para Meruri os corpos do Padre Rodolfo e do bororo Simão. Colocados na capela da Missão para o velório, foram rodeados pelo carinho, pela tristeza, pelo choro, pelos cantos lancinantes dos bororo, o dia todo. Às 14 horas foi sepultado Simão. Já chegara então à Missão o Senhor Dom Camilo Faresin, Prelado de Guiratinga. Este celebrou a santa missa exequial.



De Campo Grande, o Padre Inspetor conseguiu colocar-se em contato com a família do Padre Rodolfo, através do Diretor da Casa Salesiana de Bamberg. A família declarou que consentia que o corpo do falecido fosse sepultado na Missão de Meruri, pela qual ele dera a vida.

O contato-rádio entre a sede da Inspetoria de Campo Grande e a Missão de Meruri continuou durante todo o dia 16. Através do rádio o Padre Inspetor pôde informar bem e continuamente seja a Polícia Federal, seja a Delegacia da FUNAI.

Estas, por sua vez, puderam informar devidamente o Senhor Ministro da Justiça e o Senhor Presidente da FUNAI, General Ismarth de Oliveira Araújo.

No dia 17 de julho procedeu-se aos funerais do Padre Rodolfo. Já pela manhã começaram a chegar salesianos, irmãs e amigos. A Missa teve lugar às 14 horas. Antes da missa, os bororo cantaram seus longos cantos de funeral. A Missa foi presidida pelo Senhor Dom Camilo Faresin. A seu lado concelebravam o Senhor Dom Tomás Balduino, Bispo de Goiás e Presidente do CIMI, o Padre Walter Bini, Inspetor Salesiano, e outros dez sacerdotes. Após a missa, durante a caminhada em direção ao cemitério, os bororo voltaram a cantar os seus cantos de despedida. Ao lado do túmulo, depois da oração final, rezada por Dom Camilo, um dos bororo com os enfeites da tribo cantou um último canto de despedida. O sepultamento, porém, não foi à maneira bororo, e nem se pensou em seguir o ritual bororo que prevê uma exumação 30 dias após.





#### **d) A ATITUDE DA FUNAI**

Nesse mesmo dia 17, às 11h40min, chegara ao campo de aviação da Missão de Meruri o avião trazendo o General Ismarth de Oliveira Araújo com alguns de seus assessores, para participarem dos funerais do Padre Rodolfo.

Quase imediatamente e sem prévio acordo, formaram uma mesa redonda, com a participação espontânea de diversas pessoas presentes. Cito especialmente o General Ismarth com sua comitiva; Dom Camilo Faresin, Prelado de Guiratinga, sob cuja jurisdição está a Missão de Meruri; Padre Walter

Bini, Provincial dos Salesianos do Mato Grosso; Dom Tomás Balduino, Bispo de Goiás e Presidente do CIMI; Padre Mário Gosso, Diretor da Missão de São Marcos; Padre Paulo Mohr, Diretor da Missão de Sangradouro, e respondendo interinamente também pela Missão de Meruri; Madre Maria do Carmo, Provincial das Irmãs Salesianas, que trabalham também nas Missões Salesianas de Mato Grosso; Irmã Rita Bramati, Diretora das Irmãs de Meruri.

A reunião se desenvolveu num clima de seriedade e franqueza

na procura de soluções concretas e viáveis para os problemas que culminaram com a morte do Padre Rodolfo, do bororo Simão e do menor Aloísio Bispo. A reunião foi suspensa para um rápido, almoço às 13h10min e para os funerais que se realizaram a partir das 14 horas com a Missa e o enterro. A seguir, embora com pouco tempo, o General Ismarth quis retomar a reunião para colher os seus resultados. Já não estavam presentes Dom Camilo Faresin e nem os representantes do CIMI (Dom Tomás Balduino, Padre Tomás e o Padre Egidio).

#### **e) EM SÍNTESE EIS AS CONCLUSÕES:**

1. A ação da justiça deverá prosseguir decididamente até o final: o acompanhamento pessoal do Ministro da Justiça e a presença da Polícia Federal dão garantias disso.

2. A demarcação das terras deverá prosseguir também. Será preciso para isso dar a devida proteção aos agrimensores. Nas três frentes de demarcação, os três grupos de agrimensores serão acompanhados por dez bororo em cada frente, um representante da FUNAI em cada frente e ainda por um corpo armado da Polícia Federal com viatura para contatos contínuos com as três frentes e para qualquer ação de emergência. A presença dos bororo não tem caráter policial. Eles ajudarão com serviços simples. A FUNAI pagará o serviço dos bororo através da firma de

agrimensores, e o pagamento deles será semanal.

3. FUNAI e INCRA colaborarão para uma solução urgente para o problema humano criado pelos desalojados do território demarcado: uma perspectiva viável é o reassentamento destas pessoas em lotes doados pelo INCRA em duas reservas indígenas que não o são mais, e que estariam à disposição do Governo, para outra destinação.

Os dias seguintes evidenciaram que essas três linhas de ação estavam sendo colocadas em prática. A Polícia Federal interveio com eficácia; a demarcação continuou com os resguardos previstos; a FUNAI entrou em contato com o INCRA para dar possibilidades de reassentamento para os prejudicados pela Reserva.

4. **DECLARAÇÃO DO CIMI:** Com a consciência de que “evangelizar” para a Igreja é levar a boa nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude e, pelo seu influxo, transformá-las a partir de dentro, e tornar nova a própria humanidade, o Conselho Indigenista Missionário - CIMI - propõe-se colaborar para essa transformação, definindo as seguintes posições:

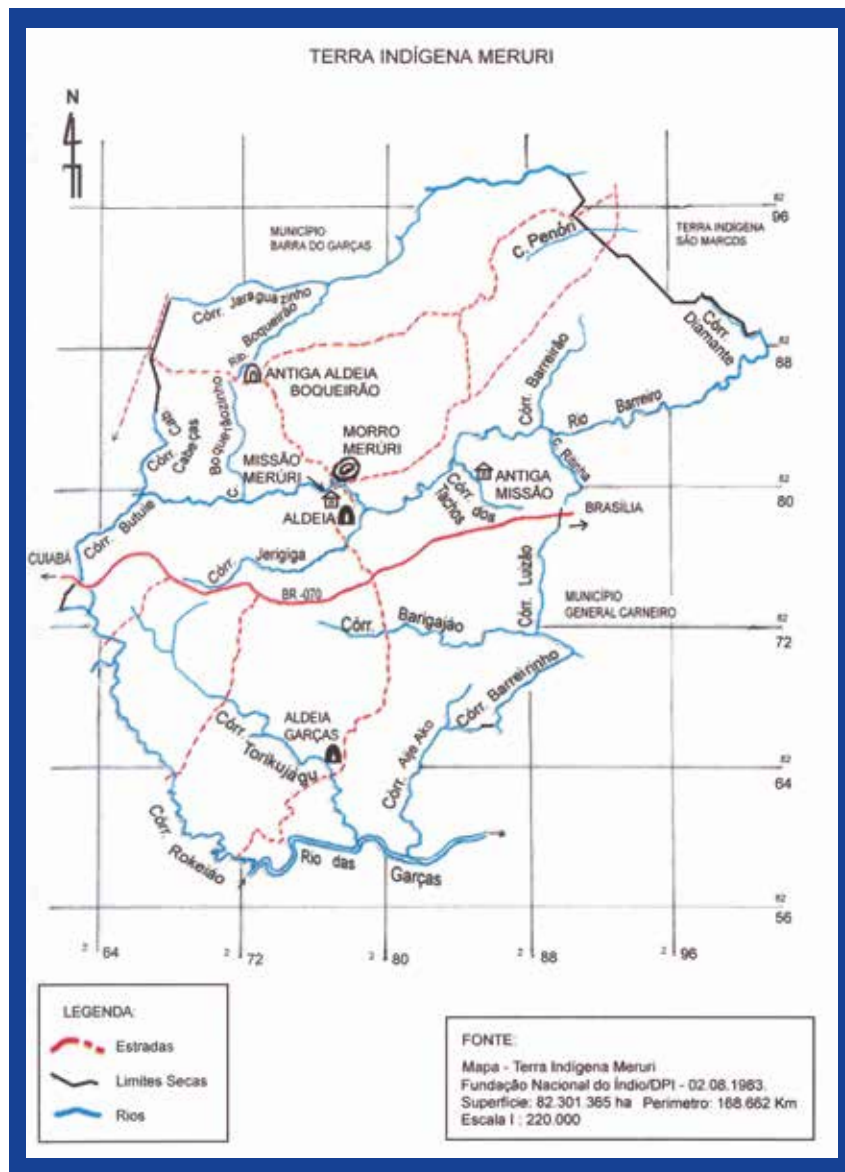
1. Existe, no Brasil, mais de 700 mil posseiros ameaçados, como os índios, em seu direito de terra. Eles se situam entre os 10 milhões de famílias de trabalhadores rurais brasileiros sem terra. Por isso, vemos o problema das áreas indígenas situados no contexto mais amplo da distribuição irracional da terra em nosso país. Só com uma radical e profunda transformação da estrutura agrária brasileira, que beneficie

a todos os trabalhadores rurais sem terra, será possível abrir o caminho para o reconhecimento pacífico do direito dos povos indígenas à terra.

2. Assim como defendemos o direito dos índios a uma extensão de terra compatível com as necessidades impostas por sua cultura, reafirmamos a importância de se respeitar e defender essa mesma cultura das pressões para impedir a humildade e a honestidade de desejar um intercâmbio e um diálogo com a cultura do índio, para que também a sociedade nacional possa se beneficiar dos valores das comunidades indígenas. Há pouco mais de um ano (1975), neste mesmo local, a Primeira Assembleia Indigenista Missionária promovida pelo CIMI (1975) afirmava a necessidade de “os missionários, como pessoas e com Igreja optarem por uma encarnação realista e comprometida com a vida dos povos indígenas, convivendo com eles, investigando, descobrindo e valorizando, adotando sua cultura e assumindo sua causa, com todas as suas consequências”. Acreditamos que o Padre Rodolfo Lunkenbein tenha selado, com o testemunho de sua morte, a aceitação desse princípio. Ao mesmo tempo, o sacrifício de Simão Cristino, e seus irmãos bororo que ofereceram sua vida para defenderem o Padre Rodolfo, constitui um apelo e uma exigência para que toda a Igreja Missionária do Brasil busque cada vez mais essa encarnação com o índio. Esperamos também que esta realidade constitua um chamado a todas as Igrejas do Brasil, no sentido de que a pas-

toral indigenista seja assumida integralmente no planejamento pastoral de conjunto. Finalmente, convictos de que, no mistério da Páscoa de Jesus Cristo, a morte desses irmãos é mais um sinal de que os índios do Brasil viverão, vencendo os que desejam sua extinção, apelamos à consciência de todos os brasileiros para nos unirmos na luta por transformações estruturais que nos conduzam a uma so-

cidade mais justa e humana, onde não tenham lugar acontecimentos como os de Meruri. Nenhuma força deterá a determinação de um povo consciente e unido. Os índios estão se unindo e lutando. Unamo-nos nós todos e trabalhemos solidariamente apoiando a causa indígena, causa de todos nós. (Cfr. Boletim do CIMI, julho de 1976 – Noticiário especial MSMT, setembro 1976).



# PADRE RODOLFO: UMA VIDA DE LUMINOSA ENTREGA

*Padre João Bosco Monteiro Maciel, SDB*



*Padre Rodolfo com família xavante*



**E**m 1875 Dom Bosco enviou um grupo de salesianos para a Argentina, iniciando assim a aventura missionária de sua nascente Congregação. O Oratório de Turim vivia um clima de grande entusiasmo e de santa porfia. Muitos se colocavam à disposição do nosso pai para também partir um dia para terras distantes. Dom Bosco vivia totalmente envolvido nessa difícil e grandiosa empresa: preparar, arranjar meios, enviar, manter contato com os salesianos e as co-

munidades que nasciam na América do Sul. Em sua mesa de trabalho muitas cartas começavam a chegar de vários bispos latino-americanos pedindo a presença de seus filhos em suas dioceses. Vastos horizontes se descortinavam na mente e no coração de Dom Bosco. De dia ele trabalhava incansavelmente para levar a bom termo todas as suas santas empresas. De noite ele sonhava... e nesses sonhos procurava divisar o que Deus lhe estaria revelando.

Nos últimos anos de sua vida ele teve cinco grandes sonhos missionários em que ele se viu em terras desconhecidas e em meio a povos estranhos; em que ele viajou pela América do Sul e viu o imenso campo de trabalho de seus salesianos e as futuras gerações que realizariam a evangelização daqueles povos; em que ele era convidado a traçar uma diagonal de Santiago a Pequim e antever as numerosas casas de formação localizadas ao longo dessa linha misteriosa; em que ele se

agoniava diante dos perigos e das ameaças que seus salesianos corriam o risco de enfrentar. Assim ele vivia: trabalhando, rezando, esperando, confiando...

Até hoje esses sonhos, essas visões e essas profecias continuam entusiasmando gerações de missionários. O famoso sonho da viagem misteriosa pela América do Sul, para nós, salesianos da Inspeção de Mato Grosso, tem um significado todo particular. Nele Dom Bosco traçou um futuro promissor para os seus missionários, cujo glorioso campo de trabalho ele localiza entre os paralelos 15 e 20. É exatamente aí que nós nos encontramos! É dentro dessas coordenadas geográficas que aconteceram fatos heroicos escritos pelos nossos antepassados e abnegados irmãos. Nesse sonho misterioso, e ao mesmo tempo profético, Dom Bosco se vê diante de um dos seus filhos que lhe vem ao encontro oferecendo-lhe enigmáticos presentes: dois cálices cheios de um líquido semelhante a água e vinho e um cesto repleto de figos verdes. Diante da perplexidade do nosso pai que estranha aquelas frutas verdes, seu salesiano lhe pede para mergulhar esses figos no conteúdo dos dois cálices para que se tornem frutos maduros e apetitosos. E concluiu dizendo-lhe: “Com suor e sangue dos seus salesianos os indígenas ficarão novamente unidos à planta e serão agradecidos ao Senhor da vida”.

Suor e sangue... paralelos 15 e 20... Exatamente nessa região, dentro dessas coordenadas geográficas, quatro irmãos nossos derramaram

“ 15 de julho é uma data histórica na história da nova Igreja Missionária. Rodolfo e Simão são mais dois mártires, desfeitos no amor, segundo a palavra de Cristo: o índio deu a vida pelo missionário. O missionário deu a vida pelo índio. Para todos nós, índios e missionários, este sangue de Meruri é um compromisso e uma esperança. O índio terá terra! O índio será livre! A Igreja será índia!”

*Dom Pedro Casaldáliga, Bispo Emérito de São Félix do Araguaia*

o seu suor e empaparam com o seu sangue o campo de trabalho, a vinha a que o Senhor da vida lhes destinou: Padre José Thannuber (1920, em Palmeiras/MT), Padre João Fuchs e Padre Pedro Sacilotti (1934, no rio das Mortes/MT) e Padre Rodolfo Lunkenbein (1976, em Meruri/MT).

Em Meruri os figos mergulhados no suor e no sangue do jovem missionário fizeram amadurecer um tempo novo! Dom Pedro Casaldáliga, Bispo de São Félix do Araguaia, no dia 18 de julho de 1976, deixou escrito no Livro de Condolências de Meruri: “Esta tarde celebramos, com a morte gloriosa de Cristo, a morte gloriosa do Rodolfo e do Simão, o sangue da Tereza, do Lourenço, do Zezinho e do Gabriel; a angústia e a solidariedade do Ochoa, dos bororo, dos missionários salesianos de Meruri. 15 de julho é uma data histórica na história da nova Igreja Missionária. Rodolfo e Simão são mais dois mártires, desfeitos no amor, segundo a palavra de Cristo: o ín-

do deu a vida pelo missionário. O missionário deu a vida pelo índio. Para todos nós, índios e missionários, este sangue de Meruri é um compromisso e uma esperança. O índio terá terra! O índio será livre! A Igreja será índia!”

“Se o grão de trigo que cai na terra não morrer permanecerá só; mas se morrer produzirá muito fruto” (Jo 12,24)... Desde pequeno o menino Rudi, como era carinhosamente chamado, sentia no seu coração o chamado para ser missionário. Para isso lutou e venceu dificuldades. Muito jovem, em 1958, veio para Mato Grosso, ainda noviço, e aqui dedicou os seus verdes anos ao aprendizado para ser missionário: “O Clérigo Rodolfo Lunkenbein, nos conta seu diretor, Padre Walter Bocchi, ficou no Estudantado Filosófico do Instituto Pedagógico São Vicente de 1960 a 1962. As características que o distinguiram eram as seguintes: jovialidade e amizade, que o ligaram cordialmente com todos; serenidade e exatidão nas





Döringstadt (Alemanha) Terra Natal do Padre Rodolfo

práticas religiosas e nos estudos; espírito de sacrifício e de dedicação para com a comunidade; muito trabalho, mesmo material, na lavoura e na manutenção da chácara e da casa. Quantas horas passou sentado num trator, também de noite, para arar, gradear e plantar! Quantas horas sobre o jipe, para levar e trazer mercadorias da cidade! Quantas horas no conserto do “motor a diesel”, do qual dependia o gerador da luz! Quantas horas atrás do “carneiro”, do qual dependia o abastecimento da água para uso da comunidade! Ficou encarregado, por dois anos, de ligar, de madrugada, e desligar, em noite já adiantada, o motor do gerador da luz. Com muito zelo e empenho realizou este trabalho pesado para servir à comunidade. Com a máxima alegria, o clérigo Rodolfo servia assim à comunidade, naqueles anos em que a vida da chácara era pesada e difícil. Mas com um salesiano desse “porte”, o prefeito e o diretor ficavam bem aliviados!”

Sua trajetória de vida foi curta. “Padre Rodolfo Lunkenbein nasceu no dia 1º de abril de 1939 em Döringstadt, perto de Bamberg, na Alemanha. Seus pais, João e Maria, eram pequenos agricultores.

Rodolfo era um menino alegre e sincero. Era notável a sua generosidade e a sua prontidão em ajudar principalmente os velhinhos. Gostava de rezar. Antes de entrar na escola já sabia rezar o terço e convidava os irmãos para rezarem juntos. Não perdia uma missa e comungava sempre.

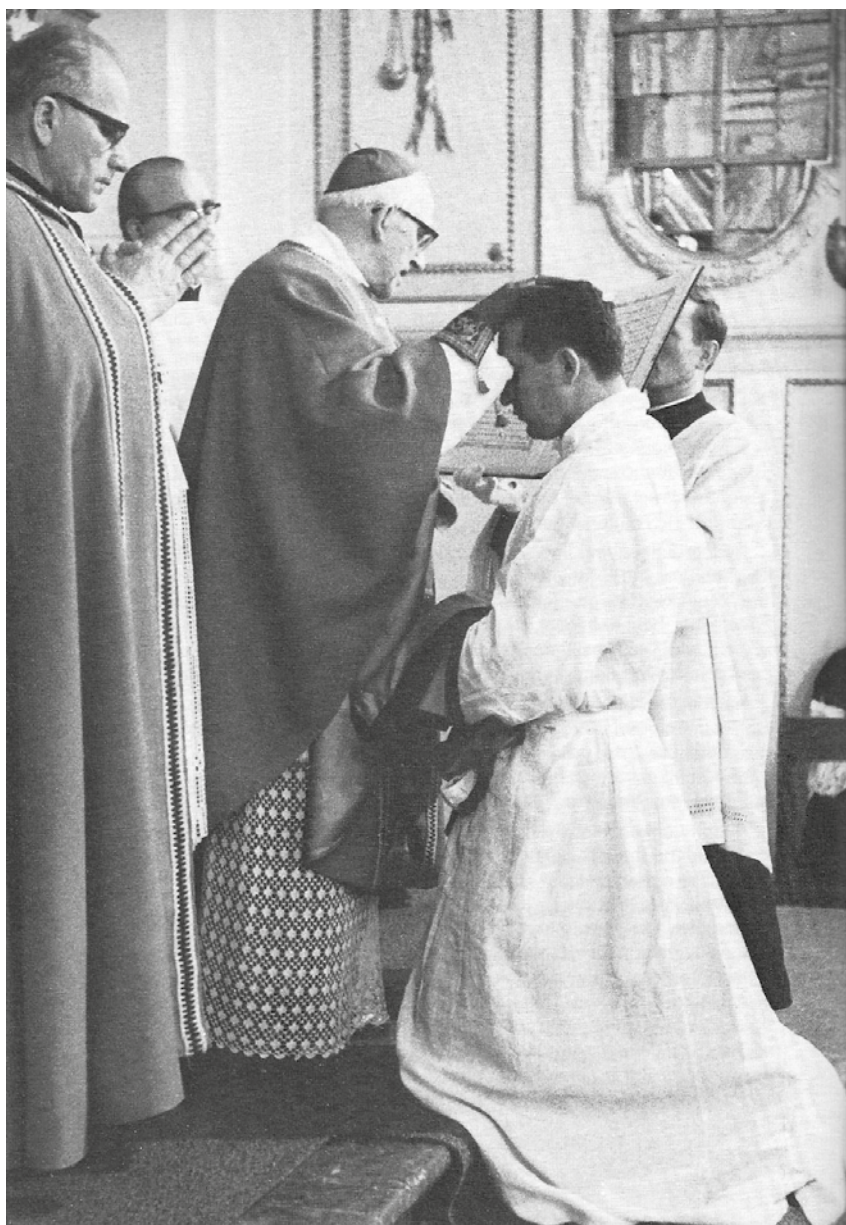
Quando estava na quarta série, um dia caíram-lhe nas mãos alguns números do **Boletim Salesiano** alemão. Foi para ele a descoberta de um mundo novo. O vigário deu-lhe de presente uma vida de Dom Bosco. A figura do santo impressionou tanto o pequeno Rudi, que desde então ele decidiu: *haverei de ser Padre salesiano*” (Cfr. Carta Mortuária).

Após seus estudos teológicos na Alemanha e sua ordenação sacerdotal retornou à sua querida Meruri e aí se entregou totalmente. Seu lema sacerdotal plenifica sua breve vida: *“Vim para servir e dar a vida”* (Cfr. Mt 20,28). E assim fez. Uma de suas últimas cartas (27 de fevereiro 1976) espelha muito bem o seu modo de realizar a entrega:



Padre Rodolfo com os pais e sobrinha





Padre Rodolfo em sua ordenação sacerdotal

“Após seus estudos teológicos na Alemanha e sua ordenação sacerdotal retornou à sua querida Meruri e aí se entregou totalmente.

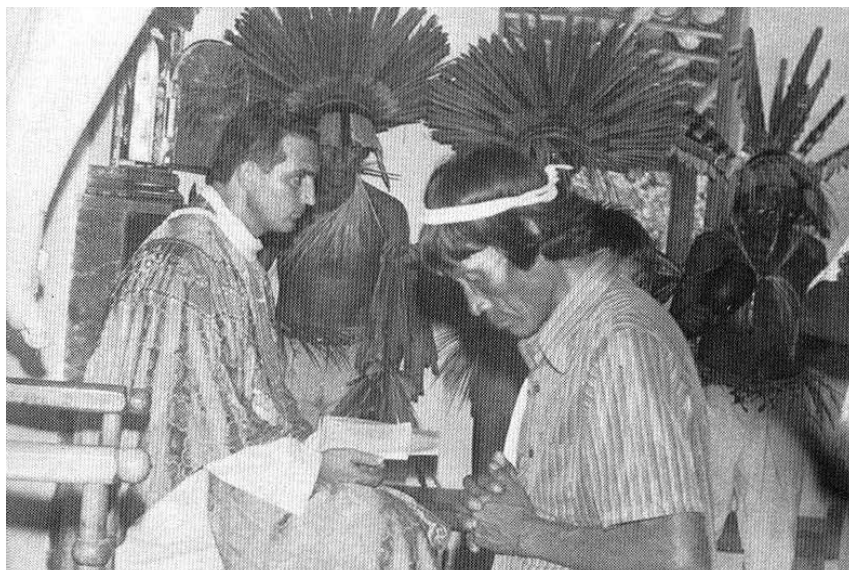
Seu lema sacerdotal plenifica sua breve vida:

“Vim para servir e dar a vida”

(Cfr. Mt 20,28). E assim fez.”

“Meus Queridos... Os primeiros dois meses foram muito agitados para mim neste ano. Particpei de um retiro, particpei de um curso de uma semana, e tive que ir duas vezes a Brasília: uma vez fui chamado pelo Serviço de Proteção ao Índio, porque eles precisavam informações sobre alguns pontos da reserva, e no segundo ponto porque eu estava entregando uma carga de artesanato indígena. Com o dinheiro (DM 10.000,00 aproximadamente) consegui encher também um rombo enorme na loja. No entanto, nem tudo foi possível.

Ontem voltei de uma pequena viagem: durante dois dias visitei duas pequenas aldeias dos nossos bororo (700 km). Lá tirei fotografias para os documentos, para possibilitar a aposentadoria para aqueles de mais de 65 anos de idade. Aqui existe uma possibilidade para isso. Com isso vão ganhar mensalmente quase DM 100. Os indígenas ficaram muito contentes quando lhes expliquei tudo isso. Vamos ver se consigo arrumar toda a papelada para isso em dois meses. Nos dois meses passados tive que pôr em dia toda a papelada para o balanço, para as estatísticas e escrever um relatório anual, etc. No dia 6 de março sigo outra vez para uma viagem. Desta vez vou para Campo Grande onde no dia 9 de março o atual inspetor se despede e o novo toma posse. Todos os diretores têm que estar presentes para esta solenidade. O novo inspetor, Padre Walter Bini, é o melhor que nós nos poderíamos desejar. A escolha foi realmente perfeita.



*Padre Rodolfo celebrando em Meruri*

No dia 8 de março começa em Brasília um curso especial para missionários que estudam a língua indígena. O nosso Padre Ochoa vai participar desse curso que dura até o dia 21 de maio. Portanto, temos que assumir durante o tempo de quase três meses todo o trabalho do Padre Ochoa. Por outro lado, esse curso é muito importante, para não dizer indispensável para o nosso trabalho aqui. No mês de junho vou participar em Goiânia de um curso de três semanas para missionários. Este curso é ministrado pela universidade de Goiânia e trata de problemas antropológicos, etnológicos e semelhantes, portanto especial para o nosso trabalho atual.

Faz poucos dias recebi uma carta do inspetor da inspetoria do sul do Brasil, na qual ele me comunicou que, numa assembleia de diretores, meu nome foi indicado unanimemente para, nos meses de setembro e outubro, fazer palestras em escolas e universidades sobre o nosso trabalho missionário.

Para tudo isso ainda vem a preparação da comemoração dos 75 anos da nossa Missão de Meruri, que foi fundada no dia 20 de janeiro de 1902. Com isso, no ano vindouro teremos um jubileu.

Vocês podem ver que aqui há muita coisa para fazer. Ainda neste ano queremos dar um avanço na nossa agricultura. Provavelmente receberemos no ano que vem um trator pesado de uma organização holandesa, com o que poderemos derrubar algumas matas. Se isso acontecer poderemos derrubar de 100 até 200 hectares de mata e plantar arroz, milho, feijão, mandioca, amendoim, cana e café. Vamos ver se conseguimos fazer isso. Já fizemos as primeiras experiências e semeamos 20 ha de arroz em um trecho derrubado recentemente. Infelizmente não tivemos muita sorte, pois no tempo da sementeira não choveu quase um mês inteiro, pelo que brotou apenas a metade. O que, porém, brotou está uma maravilha e já superou o tempo

pior. Ultimamente está chovendo muito bem”.

Essa foi a sua vida missionária: totalmente gasta na causa que abraçou. Padre Gonçalo Ochoa, que conviveu com ele, testemunha sua vida de fé intensa, firme esperança e operoso amor aos irmãos: “Padre Rodolfo trabalhou até o dia de sua morte entre os indígenas bororo de Mato Grosso. Nos últimos três anos (1974-1976) era Diretor da Missão Salesiana de Meruri”.

Padre Rodolfo era uma das figuras mais prestantes da Igreja missionária do Brasil. Jovem, alto, simpático, sempre afável, sempre acolhedor. De uma grande inteligência e praticidade, trabalhador incansável, sempre disposto a servir a qualquer hora do dia ou da noite, sempre alegre e aberto, não havia pessoa que dele se aproximasse, grande ou pequeno, que não se sentisse aceito como pessoa. É estranho como os seus adversários o tenham perseguido com tanta sanha. Só se explica porque viam nele a pessoa mais influente na defesa dos indígenas, cujas terras eles queriam a qualquer preço.

Sua existência foi toda para os indígenas. Por eles sacrificou sua família, sua pátria, suas grandes possibilidades de glória humana, sua vida.

Como superior soube formar um grupo de trabalho profundamente comprometido com a comunidade indígena, seguindo as linhas pastorais do Concílio Vaticano II e da pastoral renovada da Igreja Missionária.





Padre Rodolfo em reunião no CIMI

Foi membro do CIMI e, como tal, promoveu a participação das bases missionárias e dos indígenas na programação de sua pastoral, ajudando a organizar encontros e cursos, participando ativamente nos mesmos, facilitando a seus irmãos a participação e abrindo as portas de sua Missão para a realização de alguns deles, como o Primeiro Encontro Regional do CIMI, realizado em Meruri, de 26 a 29 de agosto de 1974 e a 3ª Assembleia de Chefes Indígenas, convocada e coordenada pelo indígena bororo Lourenço Rondon, e realizada na aldeia do Boqueirão (Terra indígena de Meruri), de 2 a 4 de setembro de 1975.

Soube respeitar, conhecer, valorizar e reavivar a cultura indígena, como elemento básico para uma verdadeira evangelização.

Estudioso dedicado da legislação indigenista, procurou divulgá-la e, de acordo com ela, acompa-

nhou os indígenas na defesa de seus direitos, entre os quais o de terem uma terra própria suficiente para a sua sobrevivência e para o seu crescimento.

Estudou, junto com sua equipe de trabalho, formada por missionários, missionárias e indígenas, o modo de proporcionar aos meninos bororo a possibilidade de terem uma escola própria que favorecesse melhor aos padrões culturais do povo bororo.

Incentivou o artesanato indígena como meio de subsistência do povo bororo, enquanto procurava capacitar os jovens mais integrados para melhor aproveitamento agropecuário da área, onde o grupo já não encontrava da caça, da pesca e da coleta, com que antigamente se sustentava.

Trabalhava com eles até na hora em que foi chamado para o supremo sacrifício. Este o atingiu com o uniforme de missionário na ativa: uma roupa manchada de óleo, suor e terra. Seu corpo ficou ali estendido

no meio do pátio da Missão como cordeiro sacrificado pelo seu povo.

Ao sangue do Padre Rodolfo misturou-se o sangue dos bororo, e, em nome de todos eles, de Simão, que soube amar de verdade, dando sua vida para defendê-lo.

Hoje, Rodolfo e Simão, os dois grandes amigos, veem a Deus e intercedem pela Igreja Missionária e pelas comunidades indígenas do Brasil”.

Padre Rodolfo continua sendo para todos nós um sinal e uma profecia. Seu martírio é um testemunho glorioso que nos impulsiona a caminhar sempre mais, a acreditar na causa que ele abraçou, a dedicar a vida pelos menos favorecidos e excluídos. Cremos que, “para o salesiano, a morte é iluminada pela esperança de entrar na alegria do seu Senhor. E quando acontece que um salesiano sucumbe trabalhando pelas almas, a Congregação alcançou uma grande vitória” (Constituições Salesianas, Art. 54).

*Meruri, 06 de abril de 2016.*

“ Padre Rodolfo era uma das figuras mais prestantes da Igreja missionária do Brasil. Jovem, alto, simpático, sempre afável, sempre acolhedor. De uma grande inteligência e praticidade, trabalhador incansável, sempre disposto a servir a qualquer hora do dia ou da noite, sempre alegre e aberto, não havia pessoa que dele se aproximasse, grande ou pequeno, que não se sentisse aceito como pessoa. ”



Padre Rodolfo em trabalho na roça

## O SELO DE UM CENTENÁRIO

Dom Walter Bini, SDB

“Creio que a mais realista das celebrações do Centenário das Missões Salesianas (1975), por vontade de Deus, aconteceu em Meruri. Não com festas nem com discursos, mas com o sangue derramado. Nenhuma celebração conseguiu, como esta, tornar conhecidas e compreendidas, em todo o Brasil, e também no exterior, as Missões Salesianas.

Em Meruri deu sua vida pelos índios o Padre Rodolfo. Não é o

primeiro. Em nossa Inspeção precederam-no o Padre José Thannhuber (1020) e os Padres João Fuchs e Pedro Sacilotti (1934).

Creio que, com a serenidade de quem já deu tudo mesmo, podemos perguntar: o que Nosso Senhor quer de nós?

Em Meruri caiu também o bororo Simão Cristino. Ele deu a vida para defender a vida do padre. Não poderíamos considerar

isso como o fruto maduro de 75 anos de trabalho salesiano entre os bororo daquela região? Uma resposta desse povo tão sensível ao que tantos salesianos fizeram por ele nestes anos todos?

Em Meruri morreu também, de uma maneira tão constrangedora, um jovem de 16 anos. Não será também isso um apelo para continuarmos o nosso trabalho entre os moradores da região, especialmente os jovens?

No sonho missionário de 1883 (MB 16, 389), Dom Bosco entreviu as grandes dificuldades das Missões Salesianas da América do Sul, na imagem de figos verdes, colhidos antes do tempo, e que, no entanto, haveriam de amadurecer se fossem banhados no suor e no sangue...

Nunca como nestes últimos anos estamos sentindo as dificuldades para o “amadurecimento” de nosso trabalho missionário. Mas o suor de tantos missionários e o sangue de Thannhuber, Fuchs, Sacilotti e Rodolfo poderão renovar hoje a “teimosia” e o entusiasmo para continuarmos.

Padre Rodolfo voltava da roça, quando foi atingido. A camisa suja

de terra, óleo e suor, foi ainda tingida de sangue. Uma bandeira para os nossos missionários.

Padre Rodolfo, antes de dar a vida toda de uma vez e de repente, gastou sua vida dia por dia, no trabalho rotineiro da Missão, que só pode ser sustentado por um grande amor e por uma total consagração.

Que o Padre Rodolfo, junto de Deus, continue a cuidar de sua Meruri, dos seus bororo, dos Irmãos e Irmãs de lá, e continue a iluminar com seu sorriso sereno e otimista, e com o testemunho do sangue derramado, os caminhos da nossa Comunidade Inspetorial! (*Noticiário especial da MSMT, setembro 1976*).

“ Creio que a mais realista das celebrações do Centenário das Missões Salesianas (1975), por vontade de Deus, aconteceu em Meruri. Não com festas nem com discursos, mas com o sangue derramado. ”



Padre Rodolfo admirando os artefatos criados pelos bororos

# PADRE RODOLFO: COMPANHEIRO FIEL

*Padre Georg Lachnitt, SDB*



*Padre Rodolfo em sua formatura*

Aos 4 de agosto de 1957 entrei no noviciado dos salesianos em Ens Dorf. Tinha feito quatro anos de aspirantado em Burghausen. Neste tempo amadureceu o meu sonho de ser missionário no Mato Grosso, Brasil. O sonho era muito próximo, pois o Inspetor salesiano era Padre João Greiner, missionário de longos anos na Inspetoria de Campo Gran-

de. Em 1952 ele tinha sido nomeado Inspetor da Alemanha, uma inspetoria com as casas quase todas com marcas relevantes da guerra de 1939-1945. E muitos salesianos com um histórico de guerra, marcados até fisicamente. Nas boas-noites, Padre João Greiner contava algumas aventuras missionárias, embora ele nunca tivesse trabalha-

do nas Missões propriamente ditas. Com mais alguns encontros com ele foi se delineando o meu sonho missionário a ser concretizado logo após concluir o noviciado.

No dia 5 de agosto começamos o retiro de conclusão do nosso noviciado. Para esse retiro também veio a nova turma de noviços, nos-

sos sucessores. Entre eles, sobressaindo pelo tamanho, se encontrava Rodolfo Lunkenbein, que tinha feito o aspirantado em Buxheim, enquanto eu o fiz em Burghausen. Logo se tornou público que eu, com um colega de noviciado, Georg Aigner, iríamos ao Mato Grosso, e Rodolfo, o novo noviço, querendo vir conosco, só que ele apenas estava começando o seu noviciado.

Naquele ano, o Padre João Greiner estava concluindo o seu sexto ano de Inspetor. Portanto terminava o seu mandato. Com isso ele voltaria para a sua inspetoria de origem como missionário, Campo Grande/MT. Não somente isso, ele ainda acabava de ser nomeado Inspetor da Inspetoria de Mato Grosso, com sede em Campo Grande. Durante o seu tempo de inspetor na Alemanha, Padre Greiner enviou todos os anos alguns missionários para Mato Grosso e então, com a sua saída, o grupo se tornou maior. Éramos oito candidatos. Nesta situação, Rodolfo viu em perigo o seu sonho missionário, uma vez que o Padre Greiner “tinha esvaziado a inspetoria de Munique” e seu sucessor bem provavelmente não o deixaria mais vir para as Missões. Além de conversas pessoais sobre o tema missionário, orientei Rodolfo a tratar intensivamente com Padre Greiner sobre o desejo próprio de ser missionário, o que ele fez com tanto fervor que conseguiu arrancar do Padre Inspetor a garantia de vir conosco para o Brasil e fazer o noviciado aqui.

Esse modo de fazer o noviciado nas missões não era novidade na Inspetoria de Mato Grosso. No tempo do inspetor Padre Carletti

“ Rodolfo viu em perigo o seu sonho missionário, uma vez que o Padre Greiner “tinha esvaziado a inspetoria de Munique” e seu sucessor bem provavelmente não o deixaria mais vir para as Missões. Além de conversas pessoais sobre o tema missionário, orientei Rodolfo a tratar intensivamente com Padre Greiner sobre o desejo próprio de ser missionário, o que ele fez com tanto fervor que conseguiu arrancar do Padre Inspetor a garantia de vir conosco para o Brasil e fazer o noviciado aqui. ”

muitos jovens vieram assim e fizeram o seu noviciado já em terras de Missão. Só que na Alemanha não era essa a prática, pois sem ser salesiano, como a inspetoria poderia assumir a vocação missionária, não havendo a garantia dos votos? Mas Rodolfo foi aceito nessas condições e não decepcionou ninguém, nem em sua vocação de salesiano, nem em sua vocação de ser missionário entre os indígenas.

Depois de um mês de férias de despedida junto aos familiares, voltamos a Munique, à casa inspetorial, para nos preparar para o envio. Nossa viagem para o Brasil, de navio, estava marcada para o dia 30 de outubro. Pela metade de outubro já fomos encaminhados para Turim, onde naquele tempo ainda funcionava o centro da congregação. Como já tinha sido realizado o envio missionário anual, foi feito para nós um envio especial, presidido pelo então Prefeito Geral, o Padre Fedrigotti, que falava muito bem a língua alemã. Tomamos conheci-

mento dos ambientes de origens de Dom Bosco e da congregação, além da grande basílica de Nossa Senhora Auxiliadora. Como ainda havia alguns dias de tempo, foi-nos autorizada a visita a Roma, onde, naqueles dias, depois da morte do Papa Pio XII, devia ser realizado o Conclave para a eleição do novo Papa. Estivemos na Basílica de São Pedro para a missa de entrada dos cardeais para o conclave. Estávamos hospedados no Sagrado Coração. Aliás, naqueles dias de ônibus se gastava uma hora e meia, devido ao trânsito, pelo que nós preferimos andar a pé, gastando apenas uma hora, sem problemas para nós, jovens. No Sagrado Coração havia também um grupo de estudantes de teologia que num grande cartaz já marcavam os candidatos a Papa, indicando até os mais prováveis.

No dia 25 de outubro, salvo algum engano de data, estivemos na porta da sacristia onde deviam entrar os cardeais em procissão. Quantos papas havia naquela procissão! No

final da fila processional havia um cardeal meio bonachão, até fazendo torcida para esse ou aquele nome. No dia 28 de outubro de 1958, de tarde, finalmente foi apresentado o novo Papa, Ângelo Roncalli, aquele do final da fila da procissão, que, aliás, no cartaz do Sagrado Coração não tinha sido contemplado por nenhum sinal. Com esse acontecimento marcante em nossa vida, voltamos a Turim, cheios de entusiasmo e, no dia 30 de outubro, embarcamos no Frederico C para seguir viagem para o Brasil, onde chegaríamos, em Santos, apenas no dia 11 de novembro de 1958.

Nos dias no navio enorme de 2 mil passageiros, aproximadamente, nos preparávamos estudando português e tomando esse e aquele contato. Foi uma viagem rumo ao novo mundo cheio de sonhos e deixando-nos surpreender pelos acontecimentos. Viajava conosco também o Padre Albert Link, missionário veterano do Peru, que viajava para Piquete/SP, onde se encontrava a sua

irmã, Filha de Maria Auxiliadora. Ele falava espanhol, mas o que não era tanto do nosso interesse então. O grupo brilhava pela convivência fraterna, onde eu, o colega Georg Aigner e o Rodolfo éramos os caçulos. Os mais velhos davam a tonalidade.

Ainda um pequeno comentário sobre o nosso grupo. Padre Albert Link já tinha perto de 60 anos e era mais observador, também entrou por último no nosso grupo. Havia os dois coadjutores Adolfo Zollner e Pedro Frei, que eram mais quietos. O primeiro era agricultor e o segundo carpinteiro. Depois de poucos anos eles deixaram a congregação. O líder do grupo, pela vivacidade e idade já contava com 28 anos na época, era Richard Bäumlér. Richard tinha sido militar no final da última guerra e esteve a serviço no Tribunal de Nuremberg, no julgamento dos criminosos de guerra. Muita coisa a contar. Além disso, era um excelente artista de artes de ginástica e de faquirismo – deitava encima de cacos de vidro como os

faquires da Índia, para espanto dos expectadores. Outro colega meu de noviciado e agora na filosofia em Campo Grande era o Georg Aigner. Ele veio dos ambientes beneditinos quando ainda vivia na Alemanha. Este era mais quieto e fazendo círculos da amizade. Ele foi fazer teologia no México. Quando já ordenado, não se sentiu realizado aqui e voltou para o México onde hoje está aposentado. Enfim, o mais inteligente de todos, Pedro Gawlik, já tinha feito o exame para o ingresso na faculdade. Esse logo, nas férias de teologia, foi para as missões dos recém-chegados xavante, de São Marcos, onde ele, em um mês apenas, conseguiu falar a língua xavante. Este fez a teologia em São Paulo e, voltando para as Missões dos xavante, foi um furacão. Ele entendeu logo que o Concílio Vaticano II deveria ser aplicado também aqui por meio de uma liturgia em língua indígena. No entanto a compreensão dos superiores era outra ainda e ele, aborrecido, deixou a inspetoria e foi para a de Manaus, onde continuou sua missão entre os indígenas e a população de periferia. Mais tarde deixou a congregação e continua até hoje como diocesano.

Rodolfo, ainda nos poucos meses na Chácara, já mostrou o seu empenho também no trabalho, valendo-se do seu tamanho e da sua força. Logo se habilitou na língua nacional e foi para o noviciado de Pindamonhangaba/SP. Nós, alemães, fomos logo taxados de trabalhadores técnicos. Basta lembrar o Paulo Mohr e o Max Wolfring. Deste, Rodolfo e eu aprendemos a arte da apicultura. O Paulo cuidava do galinheiro.

“ No dia 28 de outubro de 1958, de tarde, finalmente foi apresentado o novo Papa, Ângelo Roncalli, aquele do final da fila da procissão, que, aliás, no cartaz do Sagrado Coração não tinha sido contemplado por nenhum sinal. Com esse acontecimento marcante em nossa vida, voltamos a Turim, cheios de entusiasmo e, no dia 30 de outubro, embarcamos no Frederico C para seguir viagem para o Brasil, onde chegaríamos, em Santos, apenas no dia 11 de novembro de 1958. ”



*Padre Rodolfo em viagem para o Brasil em 1958*



“ Rodolfo, ainda nos poucos meses na Chácara, já mostrou o seu empenho também no trabalho, valendo-se do seu tamanho e da sua força. Logo se habilitou na língua nacional e foi para o noviciado de Pindamonhangaba/SP. ”

Voltando do noviciado, Rodolfo e eu formamos logo uma dupla de trabalho. Max Wolfring nos passou a apicultura e o serviço do motor de luz e das bombas de água, etc. O motor trabalhava somente das 17h até as 22h. Assim sendo, quando começavam os problemas nestas horas do dia, que precisavam de eventuais consertos que iam até noite adiantada. Pelas 21h vinha o ecônomo, Padre Walter Bochi, para ver as previsões e não deixava de cuidar de uma merenda para os trabalhadores. Várias vezes o serviço terminava de madrugada, 4h, mais ou menos. Depois de um banho na lagoa íamos dormir e o Rodolfo lembrava a hora da meditação, à qual não podíamos faltar. E, naturalmente, no resto do dia, nada de exceções... Rodolfo cobrava reagir e não dar mau exemplo. Em tudo isso o Rodolfo liderava pelo otimismo, pelo espírito esportivo e pela alegria que nunca lhe faltavam. Certa vez, tomando banho na represa, ao luar, depois do conserto do motor, não é que apareceu no alto do caminho um padre com batina branca. E agora? Mergulhamos até o fundo da represa no meio dos galhos. Rodolfo

me puxava e não tinha outro jeito senão acompanhá-lo. O tal padre, Padre Chovelon, parou no meio da estrada, virou para o nosso lado e disse: “Venham para cá, meninos! Já os xavante faziam assim comigo... Não vou contar para os superiores”. Sempre sabíamos que o Padre Walter estava do nosso lado, não, porém, todos os outros.

De tarde, na hora de trabalho, íamos para o apiário. O trabalho consistia em fazer as caixas para as colmeias com os equipamentos necessários, como nós conseguimos saber de um livro sobre o assunto. Quando tínhamos que abrir alguma caixa, com alguma técnica e a bombinha de fumaça, conseguimos trabalhar sem máscara. Nosso mestre, Max Wolfring, nos dizia que bastava aguentar as primeiras dez mil ferroadas para não ter mais reações com elas. Não sei se já tínhamos sofrido tudo isso, mas é fato que as abelhas se acostumaram com a nossa presença, assim pensávamos, ou nós nos tínhamos acostumado com elas, tanto é que trabalhávamos com camiseta comum. Voltando do trabalho levávamos o troféu de alguma ferroadada.

Na época de criação das rainhas, para aumentar as caixas, algumas vezes era problemático. Do décimo até o décimo segundo dia, depois de retirar a rainha da caixa, era obrigatória a intervenção para separar as células reais. Quando o tempo não colaborava, como, por exemplo, nas tempestades ou nas friagens, as abelhas se tornavam extremamente agressivas. Tínhamos duas máscaras, mas apenas um par de luvas que compartilhávamos fraternalmente. Lembrome que certa vez podíamos contar entre até quarenta e cinquenta ferroadas na única mão descoberta. Espírito esportivo! E o Rodolfo era o líder que animava a equipe!

Rodolfo era um salesiano sempre pronto para o que devia ser resolvido, desde quando era estudante de filosofia e, sobretudo, como missionário. Contaram-me um episódio significativo sobre isso. Certo dia o Padre Rodolfo precisou ir a Goiânia, de caminhão. Ele saiu à noite de Meruri e chegou de madrugada a Goiânia. Foi fazendo as compras necessárias durante o dia, sem descansar. Tendo feito todas as compras, à tarde saiu de volta para Meruri, onde chegou pela manhã. Descarregou o caminhão e chamou o Gabriel, motorista bororo, porque tinha que ir a Cuiabá. Este foi guiando e o Rodolfo dormindo na carroceria, tanto que o vento lhe abriu a camisa e o sol fez o seu serviço. Chegando a Cuiabá constatou o estrago feito pelo sol: uma bela queimadura. Poder-se-ia escrever um livrinho com as anedotas que envolveram o Padre Rodolfo, todas elas carregadas de espírito sereno e esportivo.



Mais um episódio: certo dia, em 1973, eu estava voltando de Cuiabá, de caminhão. Já a uns 30 km de Sangradouro e começando a escurecer, tentei acender os faróis, mas em vão. Parei para verificar o caso, mas sem sucesso. Lá veio chegando um caminhão ao encontro e parou: “Que foi que aconteceu, menino?” (é que eu era dois dias mais novo que Padre Rodolfo). Ele meteu a mão debaixo do painel e pronto: “Essas crianças não entendem do assunto!”. A qualquer hora o Rodolfo estava pronto para socorrer e isso pondo mãos à obra, nada de pios conselhos.

Nunca vi o Padre Rodolfo ofender a ninguém, nem que seja por brincadeira. Era brincalhão, sim, mas sempre respeitoso.

Já era o ano de 1973 quando, estando eu em Sangradouro, começou outro processo sofrido de demarcação das terras indígenas, processo demarcatório decretado pelo governo federal. Visitei a todos os que seriam prejudicados pela criação da terra indígena, animando-os a apelarem para receberem a devida indenização. No dia em que os agrimensores chegaram, alegria para os xavante e tristeza para os vizinhos. De início eu pessoalmente colaborava levando mantimentos para a equipe em ação. Por duas vezes foi-me preparada uma emboscada por gente comprada para me obrigar – pelo menos isso – a suspender os serviços. Nas duas vezes os xavante se anteciparam e enfrentaram os homens a cavalo. Quinze na segunda vez, e bem armados. Foi então que o Mestre Roberto Police me urgiu a deixar esse serviço de apoio para os xavante.



*Padre Rodolfo em sua incansável jornada em Meruri*

Certo dia passou por Sangradouro o Padre Rodolfo aconselhando-me com insistência a ser mais prudente e a não me expor. Três anos antes ele já entendeu qual era o risco que nós, salesianos, junto dos indígenas estávamos correndo.

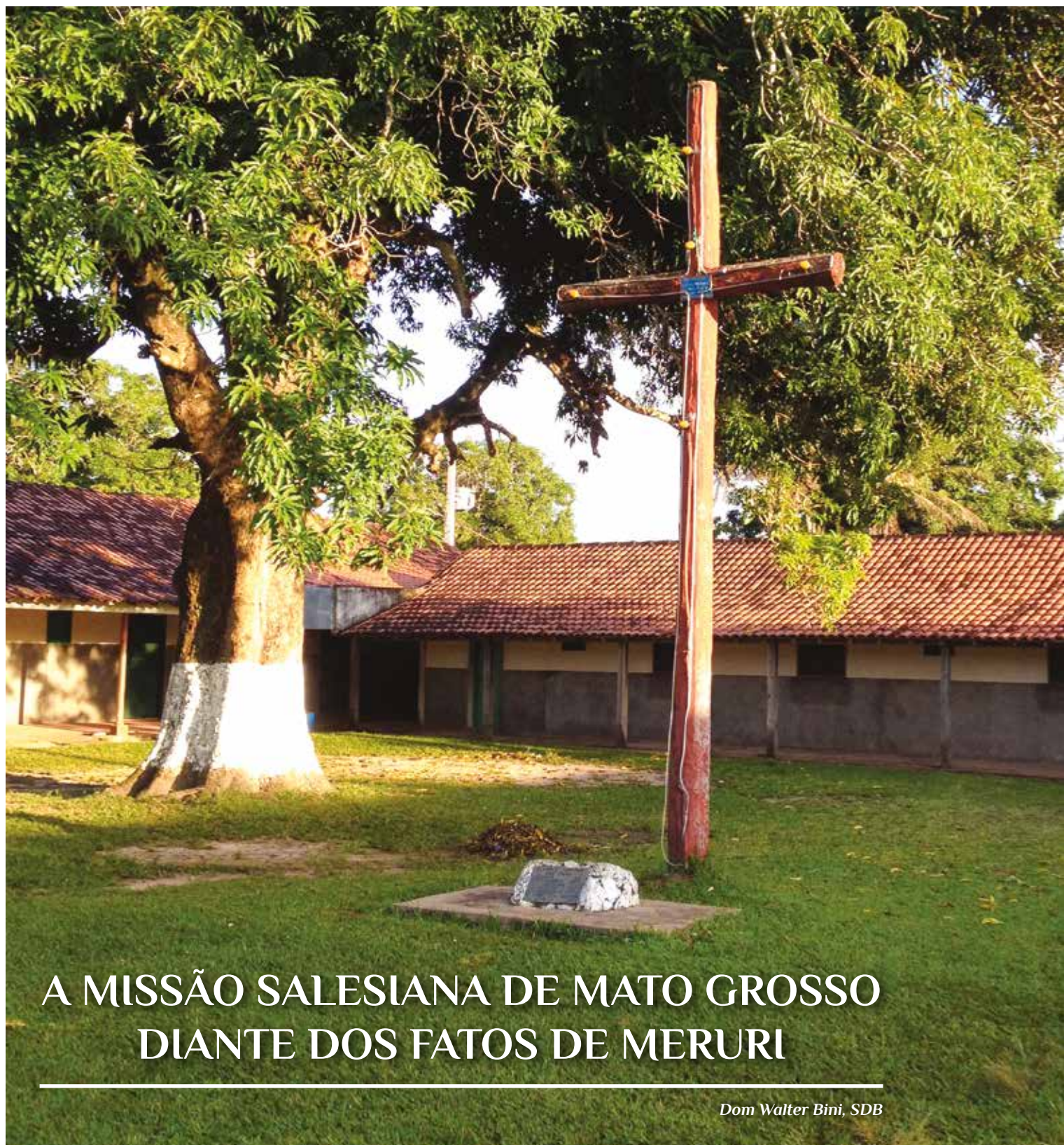
Dois dias antes, exatamente no domingo, dia 13 de julho de 1976, estivemos reunidos em Cuiabá por motivo da ordenação de um colega e o Padre Rodolfo estava entre nós. Durante o almoço, com conversas prolongadas, brincávamos com o Rodolfo colocando todas as garrafas vazias de cerveja ao redor

do prato dele, como se ele tivesse tomado tudo aquilo. O Rodolfo não se ofendeu com isso. Antes continuou alegrando o pessoal da mesa com suas potocas e piadas.

Dois dias mais tarde ele foi assassinado, em Meruri. Um acontecimento que chocou a todos os que o conheceram!

Então, essa foi a trajetória de Rodolfo segundo a minha visão, tendo provas palpáveis de um missionário e de um amigo a toda a prova.

*Campo Grande, abril de 2016*



# A MISSÃO SALESIANA DE MATO GROSSO DIANTE DOS FATOS DE MERURI

*Dom Walter Bini, SDB*

*Local do martírio do Padre Rodolfo e de Simão Bororo*





- 1 — Após a celebração dos 100 anos de trabalho salesiano na América do Sul (1975), a Missão Salesiana de Mato Grosso sente-se atingida brutalmente por esta violenta agressão dentro do local de trabalho, construído com o sacrifício de pessoas vindas de diversas partes do mundo para a promoção humana e cristã dos índios bororo em Meruri. Mas, enviados para a evangelização dos indígenas de Mato Grosso desde os últimos anos do século XIX e tendo concentrado nossos trabalhos salesianos principalmente a serviço dos bororo e xavante, nós, salesianos, **temos a intenção de continuar** neste serviço, apesar das dificuldades.
- 2 — Nestes últimos anos colaboramos com os xavante e os bororo de Sangradouro, São Marcos e Meruri para obterem do Governo Federal a demarcação das suas reservas porque tais reservas são condição indispensável de sua sobrevivência como povo. Por este mesmo motivo julgamos que **deve continuar a demarcação** da última reserva, a de Meruri, de acordo com o critério de inteira responsabilidade do Governo Federal e da FUNAI.
- 3 — Ao mesmo tempo assumimos como reivindicação nossa um tratamento justo e humano para **os que foram prejudicados pela demarcação**. Queremos nos colocar a serviço deles também para conseguirem dos órgãos governamentais **perspectivas de sobrevivência digna**.
- 4 — Não podemos aprovar a instrumentalização por parte de políticos que querem ignorar a existência dos índios e dos seus direitos, e fazem de tudo para anular as reservas a eles destinadas.
- 5 — Deploramos também que os que foram prejudicados pela demarcação se tenham deixado instrumentalizar por um grupo de **pistoleiros** decididos a ir até ao crime para conseguirem os seus intentos.
- 6 — Confiamos nas autoridades e na **ação da justiça** para a apuração rigorosa das responsabilidades no crime em que tombaram um padre, um índio e um dos moradores vizinhos. Não temos outra alternativa se não a de confiar. O contrário seria o desastre e a loucura de uma terra sem lei em que vence o mais forte. Queremos confiar, tendo em vista mais a boa vontade atual do que as provas decepcionantes do passado.
- 7 — Como **missionários** a serviço dos indígenas e a serviço dos moradores da região limítrofe à reserva, esperamos ser compreendidos por uns e outros: não queremos terra, nem poder, nem prestígio, mas tão somente a promoção humana e cristã de todos. Nada esperamos em compensação das terras outrora adquiridas pela Missão e atualmente incluídas na reserva.
- 8 — Agradecemos a todos os que, de uma ou outra maneira, participaram do nosso luto e das nossas preocupações destes dias. A todos pedimos que se unam a nós **na oração e na ação serena, inteligente e ética** para que o sangue derramado e o sofrimento de tantos frutifiquem em dias melhores para os índios, para todos os moradores da região e para os missionários, na procura comum da justiça, da união e da verdadeira paz.

*Campo Grande 30 de julho de 1976.  
(Arquivo Inspetorial  
Missão Salesiana MT )*

# CONDOLÊNCIAS

## Nunciatura Apostólica

OF. Nº 18794

Brasília, 3 de agosto de 1976.

Reverendo  
Padre Walter Bini  
Presidente da Missão Salesiana de Mato Grosso  
Campo Grande

Reverendo Padre,  
Retornando de minha viagem à Itália, tomei contato com seu comunicado sobre a trágica morte do Padre Rodolfo Lunkenbein, do que fui informado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil em Rio de Janeiro.

É supérfluo manifestar minhas condolências pela morte do Padre Rodolfo, que tive a oportunidade de conhecer pessoalmente no Natal de 1974 por ocasião da minha visita a Meruri. Sua pessoa aumenta o número das fúlgidas glórias dos Filhos de Dom Bosco. Sua vida, sua atividade missionária e sua morte são um autêntico testemunho da ardente fé do sacerdote, que generosamente deu-se completamente pela causa de Cristo em meio aos nossos irmãos “os índios bororo”.

“O sangue dos mártires é semente de novos cristãos”..., que a morte do Padre Rodolfo seja incremento de vida para a Missão Salesiana de Mato Grosso.

Elevando a Deus minha prece pela alma bendita e pela paz entre os bororo abençoado de coração a todos os que trabalham pela expansão do Reino de Cristo, que é Reino de Amor e de Paz.

De Vossa Paternidade  
dev.mo  
+ Carmine Rocco  
Núncio Apostólico  
(Arquivo Inspetorial Missão Salesiana MT)



### Conferência Nacional dos Bispos do Brasil/CNBB

Telegrama - Rio de Janeiro  
Dom Antônio Barbosa  
Residência Episcopal  
Campo Grande - MT

Em nome de Dom Ivo Lorscheiter, secretário geral da CNBB, transmito vossa excelência e à Igreja regional Extremo Oeste os sentimentos de fraterna solidariedade. Momento trágico falecimento Padre Rodolfo Lunkenbein, extensivos religiosos salesianos, e família enlutada e particularmente missão Meruri. Possa entrega preciosa vida ser semente de justa e pacífica solução urgente questões posse e uso da terra em todo Mato Grosso.

Padre Virgílio Leite Uchoa  
Secretário geral da CNBB  
(Arquivo Inspetorial Missão Salesiana MT)

### Casa Geral – Roma

Roma, 7 agosto 1976.

Caro Padre Bini,  
Participei da trágica morte do pranteado Padre Rodolfo.  
Ao mesmo tempo em que renovo a expressão dos meus fraternos pêsames pela imprevista e grave perda, com satisfação auguro que o Senhor torne fecundo de bens, especialmente de válidas vocações, o sangue do nosso heroico missionário.  
Unem-se a mim os Superiores e demais irmãos da Casa Geral que sentiram profundamente a dureza da prova a que foi submetida a Inspetoria.  
Peço-lhe de transmitir meus sentimentos a todos os Irmãos, e de modo especial, aos da Comunidade duramente provada.

Coragem e fé.  
O Senhor está conosco.

Padre Luigi Ricceri – Reitor Mor  
(Arquivo Inspetorial Missão Salesiana MT)

**Dom Eugênio de Araújo Sales,**  
*Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro.*

A nação tomou conhecimento do sacrifício de um sacerdote, o Padre Rodolfo Lunkenbein, assassinado em defesa da Justiça, protegendo os direitos dos silvícolas. O crime foi perpetrado quando fazendeiros da região invadiram a Missão Salesiana de Meruri, em Mato Grosso, onde há três anos ele era seu diretor.

A demarcação da área indígena estava sendo executada por Órgãos do Governo Federal. Atribuída a Padre isso serviu de motivo para lhe tirar a vida. Desde sua ordenação sacerdotal, em 1969, trabalhava junto aos bororo. Cumpria um dever decorrente do encargo evangélico que abraçou. Pelas notícias divulgadas, uniu a firmeza aos meios pacíficos, resguardando em sua ação as características que identificaram uma presença verdadeiramente eclesial.

Este acontecimento doloroso para nós, católicos e brasileiros, faz vir à tona mais uma vez, com o egoísmo e a ganância, a questão de terras, bem como o ingente e patriótico esforço missionário e sua responsabilidade na proteção dos mais fracos. Alguns poderão dizer que estes episódios são a cota dolorosa da penetração do homem em regiões desabitadas. Em parte, é verdade, embora jamais se justifique a imolação do pobre e a opressão do desvalido. O problema de terras parece um paradoxo em um país tão vasto e generoso. A própria extensão territorial e a variedade de situações põem à prova a boa vontade do legislador.

O ocorrido recentemente em Meruri revela à consciência nacional o heroico trabalho dos missionários. No caso avulta um sacrifício da própria vida, o sangue inocente derramado. Outros muitos episódios existem que, embora não se tornem o alvo de armas assassinas, fazem a doação total, a lenta imolação da existência em regiões inóspitas para levar a Boa-Nova aos nossos irmãos.

O documento do presidente da Missão Salesiana de Mato Grosso, redigido logo após o assassinato, em sua simplicidade faz ressaltar o heroísmo de uma ação verdadeiramente evangélica.

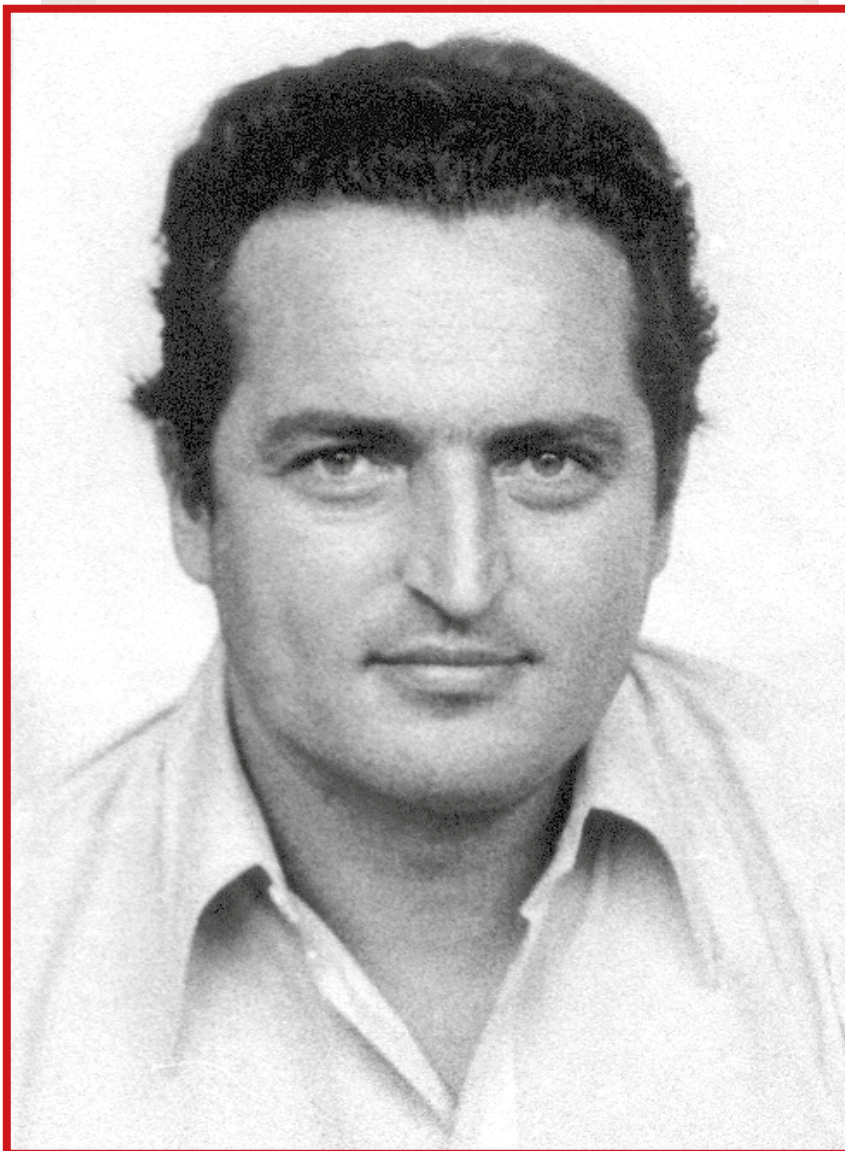
Diante do ocorrido, com a punição dos culpados e a correção das injustiças que ocasionam esses crimes, faz-se mister guardar silêncio. Não aquele que é estéril, que encobre todo o mal. Mas, sim, que demonstra vergonha diante do egoísmo e da maldade praticados por alguns brasileiros. Uma atitude de coragem e firmeza, aliada ao perdão nessas circunstâncias, bem revela o perfil do pastor que dá um verdadeiro testemunho de Cristo.

( JORNAL DO BRASIL - 24/07/76 - p.11 – 1º C)



# PADRE RODOLFO: PRESENÇA VIVA ENTRE NÓS

*Padre José Marinoni, SDB*



*Padre Rodolfo Lunkenbein*

Parabenizo a Missão Salesiana de Mato Grosso na pessoa do seu inspetor, Padre Gildásio Mendes dos Santos, pela publicação da revista, em comemoração aos 40 anos da morte do Padre Rodolfo Lunkenbein.

Aprofundar algumas dimensões da vida do Padre Rodolfo é trazer à memória a sugestiva e simpática figura do jovem salesiano, do sacerdote e do missionário. O padre inspetor me convidou para fazer algumas reflexões sobre o seguinte tema: “O Padre Rodolfo e a sua capacidade de relacionamento humano com as pessoas; o seu modo de acolher, aproximar, servir e encontrar-se com os outros”. Apesar do susto inicial, pela responsabilidade que isso exige, acabei aceitando o desafio proposto pelo inspetor, Padre Gildásio, ciente, porém, de minhas limitações.

Ao refletir sobre o tema, imediatamente pensei na Exortação Apostólica **Evangelii Gaudium**. O Padre Rodolfo ou, muito carinhosamente, o Lunke, como gostávamos de chamá-lo, encarnou, em sua breve existência, aquilo que nos recomenda o Papa Francisco quando afirma, nos números 87 e 88 da

“ Mas fiquei impressionado mesmo quando, aos poucos, fui mantendo contato pessoal com ele. Era sempre sereno, prestativo, acolhedor e tranquilo. Várias vezes me perguntava como conseguia esse clérigo ser amigo de todos, estimado por todos, procurado por todos para resolver problemas que surgiam na convivência comunitária e mantendo-se ele sempre atencioso, calmo e sereno. ”

referida Exortação Apostólica, que devemos sentir “o desafio de descobrir e transmitir a mística de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos... pois o Evangelho nos convida sempre a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com os seus sofrimentos e suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa permanecendo lado a lado”. Assim foi o Padre Rodolfo ao longo da sua vida; como jovem estudante, como clérigo salesiano e como sacerdote missionário.

O meu primeiro contato com o Lunke foi em novembro de 1960, quando cheguei, vindo da Itália como jovem pós-noviço, à Chácara São Vicente, em Campo Grande. Imediatamente chamou-me a atenção aquele clérigo que se sobressaía sobre os demais pelo seu porte físico. Mas fiquei impressionado mesmo quando, aos poucos,

fui mantendo contato pessoal com ele. Era sempre sereno, prestativo, acolhedor e tranquilo. Várias vezes me perguntava como conseguia esse clérigo ser amigo de todos, estimado por todos, procurado por todos para resolver problemas que surgiam na convivência comunitária e mantendo-se ele sempre atencioso, calmo e sereno. Aos poucos fui me tornando mais próximo e amigo dele, em decorrência também de diversos trabalhos manuais que fazíamos juntamente com o clérigo José Moschin. Essa proximidade me fez descobrir no Lunke toda a riqueza humana e espiritual muito bem apresentada pelo assistente do seu aspirantado e por um dos superiores do pós-noviçado.

Passo a referir o que encontrei numa carta escrita pelo então inspetor salesiano, Padre Walter Bini, um ano após a morte do Padre Rodolfo Lunkenbein.

Seu assistente salesiano daquela época dá este testemunho: “Gênio feliz, temperamento sereno e alegre, facilmente se acostumou à vida colegial do internato, tomando a sério estudos e práticas de piedade. Aberto a tudo o que era bom e verdadeiro, bonito e nobre, tornou-se o bom companheiro de todos os colegas que o apelidaram de Lunke. Nos brinquedos ao ar livre participava com entusiasmo de todos os esportes. Liderava não só por causa do tamanho físico, mas também pela simplicidade e naturalidade próprias de um bom coração”.

Um dos seus superiores do pós-noviçado afirmou: “O clérigo Rodolfo ficou no Estudantado Filosófico do Instituto São Vicente de 1960 a 1962. Suas características eram as seguintes: jovialidade e amizade que o ligaram cordialmente a todos; serenidade e exatidão nas práticas religiosas e nos estudos; espírito de sacrifício e dedicação para com a comunidade; muito trabalho, mesmo material, na lavoura e na manutenção da chácara e da casa”.

Verdadeiramente este é o retrato fiel do Lunke que conheci e com o qual tive o privilégio de conviver por dois anos na Chácara São Vicente. Porém o que mais me impressionou foi a sua entrega total à missão que desde criança já alimentava em sua vida e que concretizou quando retornou para a Missão de Meruri como sacerdote, no ano de 1969, onde permaneceu até a sua morte, dedicando-se totalmente ao seu querido povo bororo.

Um mês após a morte do Padre Rodolfo, agosto de 1976, fui enviado





Padre Rodolfo com grupo bororo

como diretor para a comunidade salesiana de Meruri, onde permaneci até dezembro de 1979. Confesso que foi um dos períodos mais belos e enriquecedores da minha vida salesiana e sacerdotal, apesar das dificuldades e dos desafios que o dia a dia apresentava. Foi ao longo desses anos que pude perceber o quanto o Padre Rodolfo era estimado, admirado e amado pelos bororo. Era para todos, indistintamente, um pai, um irmão, um verdadeiro amigo em quem se podia sempre confiar.

Lembro novamente o que nos diz o Papa Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*,

em seu número 24, cujo título é: “Primeirear, envolver-se, acompanhar, frutificar e festejar”, pois isso bem condiz com a pessoa do Padre Rodolfo como sacerdote e missionário. Vou me servir dessas palavras do Papa Francisco e fazer um paralelo com a vida sacerdotal e missionária que o nosso querido Lunke transcorreu em Meruri até a sua morte.

“Primeirear” significa **ir à frente, tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro**”. O Padre Rodolfo sempre tomou a iniciativa e ia à frente dando o exemplo. Soube ousar e tomar a iniciativa tanto nas questões inerentes à terra indígena, quanto

“ Foi ao longo desses anos que pude perceber o quanto o Padre Rodolfo era estimado, admirado e amado pelos bororo. Era para todos, indistintamente, um pai, um irmão, um verdadeiro amigo em quem se podia sempre confiar. ”



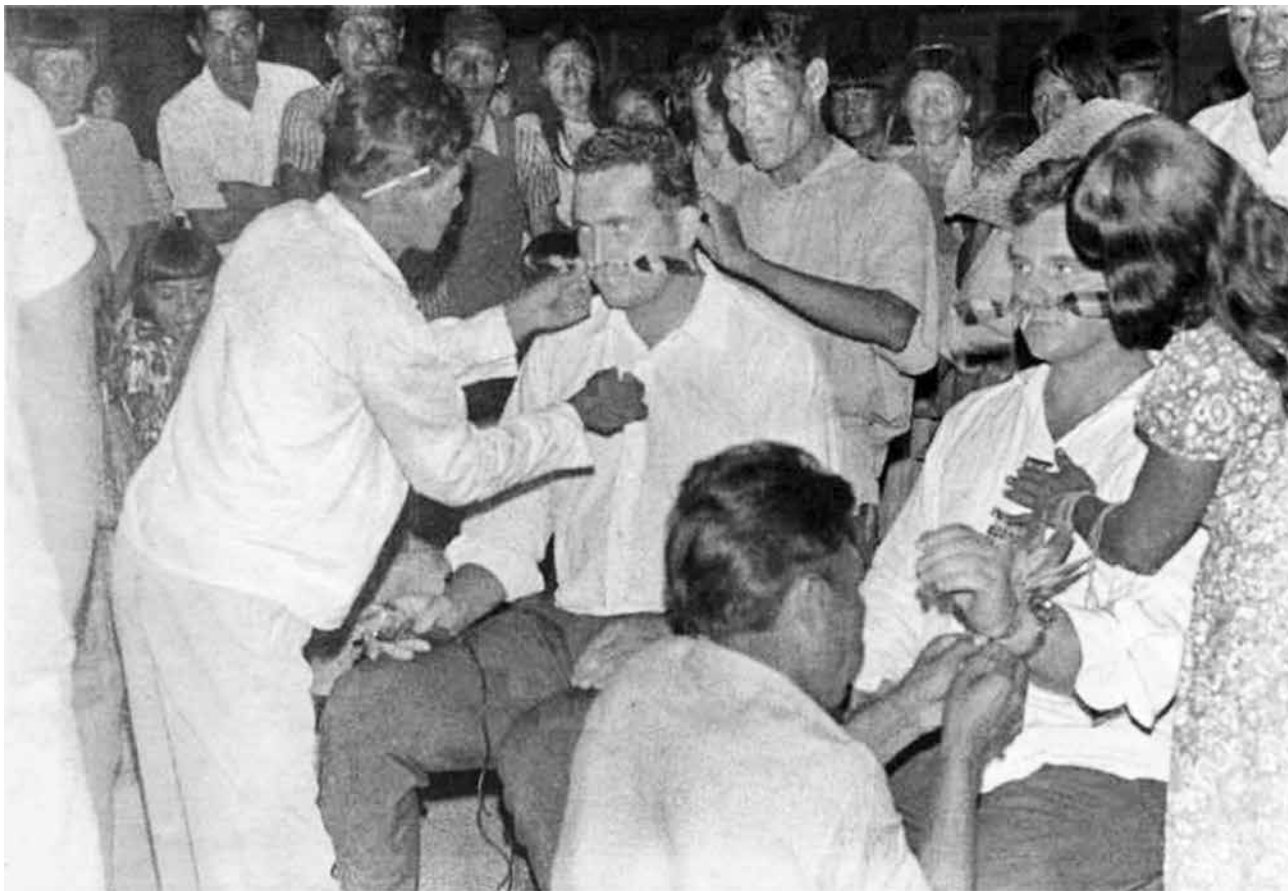
*Dança bororo*

no trabalho manual e nos afazeres de cada dia e também valorizando a cultura indígena e promovendo experiências de adaptação da liturgia à cultura bororo. Amava o que realizava e o fazia com o prazer de sempre servir.

“Envolver-se significa entrar na vida diária dos outros, encurtar as distâncias, sentir o cheiro das ovelhas e escutar a sua voz”. Sim. O Padre Rodolfo sempre foi muito próximo das pessoas; sorridente, atencioso e acolhedor. Todos se sentiam acolhidos e valorizados por ele. Estava sempre disposto a servir e a atender, não se importando com a hora ou as circunstâncias; e isso ele fazia seja

com os irmãos salesianos, seja com as irmãs salesianas e seja com os indígenas. Durante todo o tempo que passei em Meruri, nunca escutei uma reclamação ou uma queixa a respeito do Padre Rodolfo.

“Acompanhar significa estar atento a todos os processos, ter muita paciência e evitar deter-se em considerar as limitações”. O Padre Rodolfo acompanhou com muito cuidado e carinho o amadurecimento do povo bororo. Sei que não foi fácil para ele estar atento e presente nesse processo de crescimento dos bororo, seja em relação à consciência de seus direitos, seja na valorização de sua cultura e seja no compro-



*Padre Rodolfo sendo enfeitado pelos bororo em Meruri*



Grupo bororo com foto do Padre Rodolfo no Santuário dos Mártires

misso de fazer a terra produzir para o sustento familiar. E mesmo quando havia motivos para desanimar, pois nem sempre era correspondido, mesmo nessas horas, o Lunke incansavelmente, com muita paciência, retomava a caminhada sem julgar, sem condenar ou responsabilizar a quem quer que seja.

**“Frutificar significa oferecer a vida inteira e jogá-la até ao martírio como testemunho de Jesus”.** O Padre Rodolfo ofereceu a própria vida pelo povo bororo que tanto amou e pela causa que desde menino acalentou: ser missionário. Acompanhou os indígenas na sua rotina quotidiana, na defesa de seus direitos pela demarcação das

terras, no resgate de sua cultura e de suas tradições, no trabalho duro e pesado para o seu sustento. O Padre Rodolfo escreveu, no dia 11/06/1975: “Também nos dias de hoje, um missionário deve estar disposto a morrer para cumprir o seu dever”. E quando foi necessária a oferta da própria vida para defender o seu querido povo bororo, o Padre Rodolfo prontamente respondeu com a doação cruenta de sua própria existência. E os bororo em sinal de respeito e reconhecimento pelo bom pai que por eles se ofereceu em sacrifício, “nos funerais, pintaram com carinho o seu rosto com as cores da tribo, ornaram seus restos mortais com os enfeites da tribo, cantaram-no como a um de seus familiares”.

**“Festejar significa celebrar e festejar cada pequena vitória, cada passo em frente e fazer avançar o bem”.** Todos nós, família salesiana, indígenas e quantos conheceram o Padre Rodolfo, choramos a perda desse gigante no físico, mas muito mais gigante pela sua riqueza humana e espiritual. Hoje festejamos a sua vitória sobre a morte, pois ele continua vivo não só na memória, mas também na vida de todos quantos o conheceram e com ele conviveram. O bem que ele semeou perdura até hoje e a terra que ele regou com o seu sangue se tornou abençoada.

Obrigado, querido Lunke, pelo seu exemplo de vida, pela pessoa simples, mas humana que você foi, pela sua disponibilidade em servir sempre!



*Padre Rodolfo em reunião do CIMI*





*Jovens bororo nos dias de hoje*

Obrigado pela sua entrega incondicional pela causa indígena e obrigado, sobretudo, pelo testemunho missionário que nos deixou ao derramar o seu próprio sangue!

Queremos fazer nosso o compromisso que você, Lunke, vivenciou quando escreveu numa de tuas últimas cartas: “ser cristão hoje é sacrificar-se com Cristo, sofrer com Cristo, morrer com Cristo e vencer com Cristo para a salvação de todo o mundo, pelo nosso próximo”. Querido Padre Rodolfo, obrigado mesmo de coração; você continua vivo entre nós!

*Brasília, abril de 2016*



*Padre Rodolfo com bororo*

# COMPOSIÇÃO MUSICAL

## EM HOMENAGEM AO PADRE RODOLFO E A SIMÃO BORORO

Padre Osmar Augusto Bezutte, SDB

### VIDAS PELA VIDA

#### I

Desde menino então, Rodolfo já sonhava:  
queria ser um missionário do Senhor.  
Atravessou mares e rios, desafios,  
com alegria, esperança e muito amor.

“Boe-Bororo” foi seu povo, sua vida,  
Meruri, altar do sacrifício-redenção.  
Ali manchou com o seu sangue a terra amada,  
a Deus oferta singular de vinho e pão.

UM MARTÍRIO NÃO SE IMPÕE, NÃO SE ESCOLHE OU SE IMPROVISA:  
VEM DO RAMO UNIDO AO TRONCO, NO SENHOR GERANDO VIDA,  
VEM DO GRÃO QUE SE FAZ PÃO, HÓSTIA VIVA EM REFEIÇÃO,  
VEM DO MÁRTIR, DEUS AMIGO, QUE NOS DEU A SALVAÇÃO.

#### II

Simão Bororo derramou também seu sangue  
pra defender o seu amigo, seu pastor;  
na hora extrema não fugiu ao sacrifício,  
mostrando ao mundo sua coragem, seu valor.

Assim, “perfeitos no amor”, são testemunhas  
do Cristo Mártir, do Cordeiro imolado,  
denunciando todo mal que leva à morte,  
anunciando a vida no Ressuscitado.

#### III

“Profetas do Reino” que a todos consola  
na opção pelos pobres, no ser que se imola.  
“Profetas do Reino”, da morte vencida,  
total compromisso co’as Causas da Vida!

Rodolfo: alegria, sorriso, amizade,  
Ternura de pai, na fidelidade.  
Simão: defensor, humilde e pobre,  
Do Pai preferido, querido e nobre.

No retiro espiritual anual em Chapada dos Guimarães/MT (dez/2015), o Padre Gildásio me fez a proposta de compor uma música para os 40 anos da morte do Padre Rodolfo e do indígena Simão, boe-bororo. Não poderia negar um pedido seu, primeiramente por ser meu inspetor e, depois, porque também conheci pessoalmente o Padre Rodolfo, que muito me marcou com sua vida e sua morte. Eu era Padre novo (um ano e meio de ordenação) quando, no dia de sua morte (15/07/1976), estava animando a liturgia do Retiro Espiritual pregado pelo Padre Walter Bini, nosso inspetor na época. A notícia interrompeu o retiro: o Padre Bini teve que se deslocar até Meruri. Uma semana antes eu tinha me encontrado com o Rodolfo em Cuiabá, por ocasião da ordenação presbiteral de um colega meu, também amigo do Rodolfo. Ficamos hospedados em Coxipó e tive o privilégio de despedir-me do Rodolfo, que também participou da ordenação. Ele sempre me chamou a atenção pelo seu tamanho, pelo porte físico, pela serenidade, pelo sorriso e pela alegria. Um homem grande não só pela altura, mas também pelo seu ser. Parecia uma criança, pelo sorriso, pela simplicidade, pela serenidade e pela alegria!



Dentro desta grande responsabilidade de compor para esta data significativa, o Padre Gildásio deu-me algumas ideias e enviou-me um bom material.

O título *Vidas pela Vida* é tirado de um refrão contemplativo composto por Dom Pedro Casaldáliga, quando então Bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia/MT. Ele o fez justamente para ser cantado na Romaria dos Mártires, que acontece há muitos anos em Ribeirão Cascalheira/MT. O refrão completo é assim:

“Vidas pela Vida,  
 /: vidas pelo Reino :/  
 Todas as nossas vidas,  
 /: como a vida Dele :/,  
 o Mártir Jesus”.

Iniciando a poesia, pensei numa “evocação” do fato histórico (I e II parte) dos dois “mártires”. Estrofes em versos dodecassílabos, com acentos na quarta e na oitava sílabas. A melodia em tom modal (Ré menor), com a harmonia sustentada por acordes do piano e pontuação simples do contrabaixo, facilitam a comunicação desta evocação, quase como uma narração. História, vida e martírio misturados num lugar real (Meruri), ideal missionário do Rodolfo e lugar nativo do Simão. Ambos unidos pelo mesmo fim: morrer por uma causa justa e digna, na luta pelo direito indígena de ter a sua terra demarcada. A morte por essa causa, na visão cristã, tornou-os “perfeitos no amor” (a virtude do amor-caridade vivida heroicamente). O martírio é um fato, quando os dois imitaram o Mártir Maior, Jesus Cristo.



O Refrão em redondilha menor duplicada em cada verso, com acentos na terceira e na sétima sílaba, em tom maior, quer dar a tônica do conjunto da poesia no qual se focalizam as raízes profundas da doação de uma vida: o permanecer no tronco da videira (“Eu sou a videira e vós os ramos”), o ser grão de trigo que morre no chão para gerar o pão e o ser hóstia para o sacrifício, como Jesus na Eucaristia. O martírio não é um acontecimento repentino, algo que se improvisa. É, antes de tudo, uma graça de Deus e o coroamento de uma vida de muito amor e compromisso com o Reino de Deus. Ele vem da pessoa que se alimenta da Palavra e do Pão na eucaristia diária. Estas ideias perpassam a letra em sua totalidade.

Na III parte, a primeira estrofe lembra o tema da Romaria dos Mártires da Caminhada de 2016 que acontecerá nos dias 16 e 17 de julho, em Ribeirão Cascalheira/MT, prelazia de São Félix do Araguaia. “O tema será ‘Profetas do Reino’, dando à profecia as

três funções que a caracterizam: Anúncio, Denúncia e Consolo. A profecia anuncia a Boa Nova; denuncia o anti-reino; consola o povo quando opta pelos pobres e excluídos e marginalizados. A profecia que consola é misericordiosa, solidária, cuidante, luta pela justiça e pela paz, é amorosa”.

Todos os que dão a vida em nome da Boa Nova de Jesus Cristo vencem a morte em seu Mistério Pascal, comprometidos com as Causas da Vida.

Na segunda estrofe, quis terminar a letra evocando a alegria e outras virtudes características vividas por Rodolfo e Simão. A mudança de ritmo para a guarânia quer justamente transmitir a alegria da doação, da entrega da vida, da aceitação da morte testemunhando o Crucificado-Ressuscitado. A alegria faz parte de nossa espiritualidade salesiana e era uma característica do Padre Rodolfo.

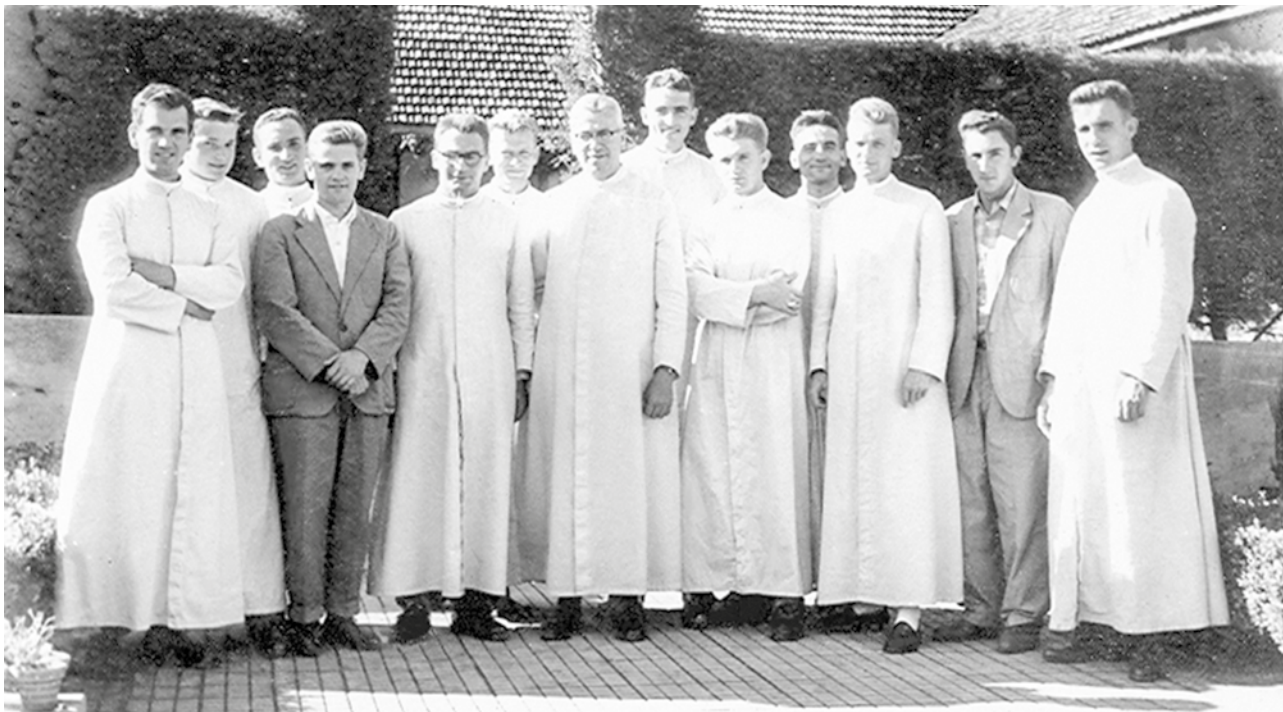
*Rondonópolis, março de 2016*

# PADRE RODOLFO:

## DESDE MENINO, CONSCIENTE DE SUA VOCAÇÃO

*Padre Spitz*

No 25º aniversário de morte de Padre Rodolfo Lunkenbein (15/07/2001) foi realizada uma celebração memorial na Igreja Paroquial em Döringstadt, sua terra natal, na Alemanha. Na homilia recordou o Padre Spitz o tempo em que ele com Padre Lunkenbein estiveram no Ginásio para Vocações Tardias.



*Padre Rodolfo com seus companheiros alemães e o Padre João Greiner*

“Dom Bosco recomendou aos salesianos caminhar no caminho do Bom Pastor”, disse o Padre Spitz. “O Bom Pastor dá a vida pelas suas ovelhas. Como o Padre Rodolfo defendeu os direitos dos indígenas bororo, foi morto a tiros por fazendeiros no pátio da Missão.

Padre Rodolfo Lunkenbein recebeu uma homenagem póstuma um ano depois de seu assassinato com a ordem do mérito pelo Ministério do Interior do Brasil.

Rodolfo Lunkenbein nasceu no dia 1º de abril de 1939, em Döringstadt.

Desde menino expressou o seu desejo de ser missionário. No quarto ano do primário ele leu o **Boletim Salesiano**. Falando com o pároco a respeito, este lhe deu uma biografia de Dom Bosco. Desde então Rodolfo Lunkenbein decidiu ser sacerdote salesiano.



Em 1953 cumpriu-se esse seu desejo. Com 14 anos de idade Rodolfo Lunkenbein entrou no internato ginásial dos salesianos em Buxheim. Ele não sentiu como um dever a liturgia, a oração e os exercícios religiosos, mas como algo que fazia parte do caminho para o sacerdócio. Os colegas o apelidaram de Lunke.

Durante as férias, depois do quarto ano ginásial, arrumando suas roupas, a mãe dele descobriu um bilhete no bolso do seu terno, onde estava escrito: “Eu quero ser Missionário”. O diretor do Internato solicitou dos alunos que escrevessem abertamente em uma folha, o que eles queriam ser.

Na Festa de Dom Bosco de 1958, que foi celebrada pelo Inspetor com os salesianos em Buxheim, o

Padre João Greiner mandou chamar Rodolfo e lhe disse que ainda neste ano ele voltaria para o Brasil e convidou-o a Rodolfo acompanhá-lo. Rodolfo comunicou isso aos seus pais numa carta longa: “Vocês já sabem, que já há muitos anos é o meu desejo ir para as Missões e disso ninguém me vai desviar”.

Os pais não estavam animados, mas finalmente concordaram. Em outubro Rodolfo Lunkenbein embarcou no navio em Gênova e deixou a Alemanha. Ele fez o seu noviciado perto de São Paulo. No dia 31 de janeiro de 1960 fez a sua primeira profissão. No Instituto São Vicente, em Campo Grande, Rodolfo Lunkenbein fez os seus estudos de filosofia. Depois ele foi para o lugar onde se achava o sentido de sua vida e também encontraria a sua morte, Meruri.

“ Vocês já sabem, que já há muitos anos é o meu desejo ir para as Missões e disso ninguém me vai desviar. ”

*Rodolfo Lunkenbein antes de se tornar padre missionário*



*Padre Rodolfo celebrando em sua terra natal*



*Padre Rodolfo com Padre Burnier no CIMI*

No dia 10 de junho de 1965 fez Rodolfo Lunkenbein a sua profissão perpétua em Campo Grande, e voltou à Alemanha para concluir os seus estudos. No dia 29 de junho de 1969, em Benediktbeuern, foi ordenado sacerdote. Ele celebrou a sua primeira missa na sua comunidade natal, em Döringstadt. No dia 8 de março de 1970 Rodolfo Lunkenbein celebrou a sua primeira missa em Meruri.

Como Meruri de noite continuasse na escuridão, pois ainda dependia de motores a diesel, decidiu Rodolfo Lunkenbein construir uma usina elétrica. Ele recebeu por doação uma velha turbina e também um transformador. O serviço de construção de estradas escavou gratuitamente o canal. Dois irmãos coadjutores ajudaram e com um trabalho duro surgiu a usina hidrelétrica. Ele deu-lhe o nome de

Padre Greiner, aquele homem que o levou para o Brasil.

Desde 1973 Rodolfo Lunkenbein dirigiu a Colônia Indígena de Meruri. Ele foi recebido pelo povo bororo. Em 1973 ele foi eleito no Conselho Missionário Brasileiro para as questões indígenas. Esse conselho missionário, CIMI, é o órgão oficial de ligação entre as missões indígenas e as representações governamentais. A estima que Lunkenbein gozava mostra que o conselho missionário naquele tempo constava de apenas sete membros eleitos pelos missionários de todo o Brasil. Ele organizou encontros e cursos. Assim foi realizada em Meruri em 1974 uma assembleia de missionários, a primeira específica de todo o Brasil da pastoral indígena.

Rodolfo Lunkenbein foi membro da organização estatal de proteção dos índios, a FUNAI. Isso lhe deu a possibilidade de lutar com mais força pelos direitos de posse dos indígenas.

Em uma carta aos pais Lunkenbein comunicou que queriam expulsar os bororo de Meruri, mesmo que as terras pertencessem aos indígenas e isso até seria documentado por escrito. O Padre Lunkenbein foi claro que sem terra os indígenas iriam desaparecer. Para viver somente de caça, as terras atualmente ocupadas não seriam suficientes. Por isso começou Lunkenbein a acostamá-los para praticar a agricultura e a criação de gado – com sucesso.

Os indígenas criavam gado e cuidavam dos bezerros, cavavam valetas de irrigação e semeavam arroz.



*Padre Rodolfo em visita a sua família*

Desta maneira tiveram a oportunidade de sobreviver. Com muitas intervenções nos devidos lugares, finalmente o Padre Lunkenbein obteve sucesso e a demarcação da terra indígena teve início.

Entre os moradores brancos o ódio ferveu. O Padre Lunkenbein tentou diversas vezes intervir. Ele ficou do lado da justiça. No dia 14 de julho de 1976 o Padre Lunkenbein presidiu a celebração em Meruri, em ação de graças pelo início da demarcação das terras. No dia seguinte, os fazendeiros se juntaram. Os agrimensores estavam lá. Na sede da Missão se encontrava apenas o Padre Gonçalves. O Padre Lunkenbein tinha saído de manhã para a roça. Com os moradores reunidos maltrataram o Padre Gonçalves, fraquinho, com em-

purões, quando Padre Lunkenbein voltou dos campos em seu jipe. Logo ele foi cercado pelos moradores. Eles o acusaram por causa da demarcação da terra.

Padre Lunkenbein se prontificou em levar adiante as reivindicações dos moradores. Ele escreveu os nomes daqueles que desejavam encaminhar as reivindicações. Esses foram os seus últimos escritos. A tensão tendia a se dissolver. De repente um dos moradores atirou no Padre Lunkenbein. O sacerdote pôs a mão no coração, cambaleou e caiu por terra. Ainda quatro vezes atirou o assassino em sua vítima. O Padre Rodolfo Lunkenbein estava morto.

Durante a sua última visita à pátria a sua mãe pediu que ele tivesse mais

cuidado. Ele disse: “Se eles me quiserem cortar o dedo, eu lhes ofereço os dois braços. Não há coisa mais bonita do que morrer por Deus”.

Na sua homilia constatou o Padre Spitz que o Padre Rodolfo Lunkenbein é um verdadeiro mártir. Em suas palavras de saudação recordava o segundo prefeito Wolfgang Mayer a vida e a ação de Padre Lunkenbein. Com a denominação da escola fundamental e principal de Ebensfeld com o nome do missionário é apresentada à juventude de Ebensfeld sempre a vida de Padre Rodolfo Lunkenbein. Em Döringstadt a Praça Pater Lunkenbein recorda um dos filhos mais importantes da cidade (*Staffelsteiner Tagblatt 18.7.2001 – Tradução Padre Georg Lachnitt*).

# DEPOIMENTOS

## Padre Rodolfo Lunkenbein Sacerdote e Missionário

*Dom Giovanni Zerbini, SDB  
Bispo emérito de Guarapuava/PR*

Nos meses de maio e junho de 1975, levei o Padre Juan Vecchi em Visita oficial às comunidades salesianas presentes nas Colônias indígenas dos bororo e dos xavante.

Em Meruri admirei a serenidade das famílias bororo, cerca de trezentas pessoas, empenhadas nas atividades educativas e num trabalho de produção agrícola bem organizado. Tudo isso fruto da ação do missionário Padre Rodolfo, há pouco tempo responsável como Diretor da comunidade.

Notei como o jovem salesiano se sentia integrado na realidade do povo bororo, levando adiante o trabalho que há mais de setenta anos os salesianos iniciaram, superando grandes dificuldades, mas com determinação e dedicação visando a evangelização respeitosa da cultura e tradições.

Percebiam-se os frutos de todo aquele trabalho, valorizado pelo empenho e pelo bom relacionamento do jovem diretor.

O Visitador extraordinário fez questão de aceitar o convite para a Festa do Sagrado Coração de Jesus, titular da Comunidade de Meruri. A Solenidade realizou-se de madrugada, ao raiar do sol, com o Batismo de uma criança bororo. O rito foi uma feliz integração entre costumes indígenas e a Liturgia do Sacramento. O que eu admirei foi a criança totalmente recoberta de plumas brancas. Iniciando a cerimônia, o chefe do clã, segurando a criança orientada ao sol que nascia, dizia: “Recebemos você em nosso clã. Você brilhe entre nós como o sol da manhã”. Esta celebração como outros atos religiosos fizeram perceber a sensibilidade pastoral e litúrgica do sacerdote missionário.

No dia 15 de julho de 1976, durante o almoço, na Sede da Missão Salesiana, uma voz feminina, através da rádio que ligava as comunidades salesianas insistia em pedir ajuda. Comunicava “a tragédia de Meruri”.

Foi para mim, chegado a Meruri depois de poucas horas, um triste impacto ver aquele jovem sacerdote de 37 anos, de altura imponente, vestido com roupa de trabalho, inerte por uma morte violenta.

Vi aquele corpo depois da autópsia já revestido de sua túnica e de sua estola que me fez lembrar o Padre Rodolfo, sacerdote salesiano que através da ação educativa e social testemunhava a presença de Jesus Cristo, o Bom Pastor. “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 15,13)

*Guarapuava, março de 2016*



## Falo a verdade sobre meu filho

*Dona Maria Lunkenbein  
in memoriam*

No mês de fevereiro de 1977 o **Bollettino Salesiano** publicou uma carta que a mãe do Padre Rodolfo, a senhora Maria Lunkenbein, escreveu como uma confidência muito particular brotada do seu coração materno. É uma parte significativa e íntima do Padre Rodolfo que nos é revelada. Convido você a lê-la em atitude de profundo respeito e admiração...

“Sou a mãe do Padre Rodolfo Lunkenbein; ao lhe escrever falando a verdade sobre o meu filho, poderia pensar que estou exagerando. Já desde menino Rodolfo tinha colocado na cabeça a decisão de ser missionário, e eu por puro acaso percebi isso.

Somos pequenos camponeses; meu marido estava sempre adoentado; com grandes sacrifícios conseguimos fazer nosso filho estudar. A partir de sua primeira comunhão Rodolfo recebia diariamente a Eucaristia, mesmo recebendo gozações dos colegas por essa sua atitude. Sua oração preferida era o santo terço, e sua grande vontade era que seu nome tivesse sido Rodolfo Maria. Além dos estudos regulares requeridos pela escola, ele se interessava pelo ofício de pedreiro, pela horticultura, pela agricultura, pela zootecnia, e especialmente pela área da saúde no cuidado dos doentes. Lembro-me que um ano, nas férias de verão, ele foi de Benediktbeuern a Würzburg, ao Instituto Missionário Médico, unicamente para fazer um curso de medicina tropical.

Tirou a carteira de professor de natação, de motorista para todos os tipos de carros; tirou o brevê de piloto para aviões de pequeno porte, fez curso de radiotelegrafista. Julgava que tudo isso lhe seria útil em sua vida de missionário. De noite rezava muito para ter bom êxito em seus empreendimentos, e esse bom costume certamente o ajudou a superar as muitas dificuldades na vida.

Ele queria ajudar os indígenas pobres e oprimidos. Seu desejo nunca foi colecionar títulos honoríficos ou glórias. Amava o silêncio e a vida retirada. Queria apenas cumprir a santa vontade de Deus no serviço e na caridade para com o próximo.

Apesar da profunda dor que senti pela sua morte prematura, não ousei perguntar ao Senhor por que quis chamá-lo tão cedo. Eu penso que é o Senhor que no-lo deu e é o Senhor que o levou para si; por isso o nome do Senhor seja bendito para sempre.

Apesar de tudo sinto uma profunda alegria. E agradeço a Deus pelos 37 anos em que pude ter esse filho, mesmo que se para meu Rodolfo eu tenha devido percorrer muitas estações da Via Sacra”.

*BS, 1º febbraio 1977, P. 29-30. Tradução: Padre João Bosco Maciel*



## Padre Rodolfo e Simão Bororo: 40 anos do martírio

*Padre Lauro Takaki Shinohara, SDB*

Ao celebrarmos os quarenta anos dos acontecimentos que marcaram indelevelmente a história do povo bororo e a história da presença missionária de Salesianos e de Filhas de Maria Auxiliadora, foi-me solicitado um “pequeno” depoimento sobre o Padre Rodolfo Lunkenbein e os acontecimentos de 15 de julho de 1976. Faço-o com grande prazer, porque isto me dá a oportunidade de fazer memória de um período curto, mas intensamente vivido de calor humano e salesiano.

Tive a alegria de ser, naquele julho de 1976, em Meruri, o salesiano mais jovem fazendo parte como membro daquela que, naquele mês, foi a minha comunidade religiosa salesiana. Fui destinado para Meruri para passar o período de férias do meu primeiro ano dos estudos de teologia.

À fraterna acolhida na chegada foram se somando dias de feliz convivência na casa. Como jovem salesiano, vivi os primeiros quatorze dias gozando do clima alegre, irmão e amigo que lá se respirava. Fruto, certamente, da figura imponente não só no aspecto físico, mas principalmente no alegre e sorridente rosto e no trato humano feito de simplicidade e de humildade do Padre Rodolfo.

Na semana anterior ao acontecido, gozei um pouco da companhia dele na jornada que juntos passamos em Barra do Garças. Caminhando lado a lado com ele pelas ruas da cidade, recordo-me de, em um certo momento, ter comentado com ele: “aqui estamos, lado a lado, os dois extremos da nossa inspetoria!”. Imediatamente ele entendeu que eu me referia à nossa compleição física.

Naqueles dias, na minha ingenuidade, não cheguei a perceber nada dos iminentes acontecimentos. No início da manhã do dia 15 de julho, a pedido da Irmã Maria José Machado para eu poder acompanhá-la para as compras em Barra do Garças, as últimas palavras que ouvi dos lábios sorridentes do Padre Rodolfo na “Praça dos mártires”, foram: “O Lauro pode ir junto porque hoje não tem nada de especial para ele fazer”. Aquela permissão me poupou de viver os momentos trágicos das horas mais duras daquele dia. Com isso pude conservar as melhores imagens da pessoa dele e do seu tranquilo sorriso a quase dois metros de altura. Enquanto ele saía para a destoca do cerrado, nós saíamos para a cidade.

Recordo-me que, ao entrarmos na Rodovia BR-70, deparamos com um grupo de pessoas e disse à irmã que estranhava porque ninguém nos pediu carona. Mais adiante vimos outro grupo de pessoas com carros e comentei: “puxa, como as coisas estão movimentadas”... Nem podia imaginar que, pelas três horas da tarde, estando numa calçada das ruas de Barra do Garças, alguém de carro parasse e me perguntasse se eu era de Meruri. Após minha resposta positiva, me disse: “Mataram o Padre Rodolfo”, e saiu apressado de junto de mim.

Os primeiros dias pós-evento da morte do Padre Rodolfo e do bororo Simão Cristino foram tensos. A comunidade xavante de São Marcos, sob a coordenação do diretor Salesiano, se fez presente, e dezenas deles vindos armados com bordunas, flechas e arcos, permaneceram alguns dias em Meruri, para, na solidariedade, garantir segurança e companhia fraterna.

Situado entre os paralelos 15 e 20, em Meruri acontece a realização de parte do Sonho Missionário das Américas que Dom Bosco teve na véspera da Festa de Santa Rosa de Lima, no ano de 1883. Neste sonho, encontramos a presença misteriosa de um jovem de 16 anos, de nome Luiz Colle que conduz Dom Bosco durante todo o sonho que prognosticava um futuro fecundo para o

carisma salesiano, em Meruri outro jovem, também de 16 anos, Aloisio (mesma raiz do nome Luiz) Bispo, conduzido pelos adultos inescrupulosos foi envolvido na trama que lhe ceifou a vida, e foi encontrado no carro fusca “atolado” na areia, morto com um tiro.

A celebração de mais um evento comemorativo do martírio em Meruri aponta para o desafio de entender e assumir os sinais pelos quais o Mártir dos mártires, Jesus Cristo, hoje se manifesta nos destinatários da missão salesiana no território indígena do povo bororo, e interpela a nossa paixão apostólica. Como para Dom Bosco, a maneira de fazer o presente dos figos verdes amadurecerem banhando-os na taça de sangue e de água (suor), e grudá-los à planta para serem agradáveis ao Senhor da vida, é quanto apresenta o sonho como caminho sempre atual de fidelidade à vocação e à missão confiadas.

Dos acontecimentos de 15 de julho de 1976 em Meruri, após 40 anos, podem-se ainda extrair mensagens que iluminam o presente e o futuro das instituições e das pessoas que ali realizam a missão.

Da vida e do testemunho do Padre Rodolfo, e que pode iluminar a figura do diretor salesiano de uma casa religiosa, destaco a serenidade, a humildade e um sorriso sempre franco que foram transmissores de confiança fraterna entre Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora. Com a sua presença ele soube criar uma vida comunitária e fraterna feliz, e que, tendo eu experienciado como possível, pude aludir a ela na minha caminhada vocacional como uma das motivações para o meu pedido para a profissão perpétua. A superação dos traumas dos incidentes por parte da comunidade religiosa missionária de Meruri de então, nos dias que se seguiram àquele dia 15 de julho de 1976, foi fruto, certamente, da unidade criada pela presença e pela atuação do Padre Rodolfo, e que ali reinava.

Significativo foi o testemunho de fé cristã, aprendido e vivido na simplicidade do cotidiano feito de participação na vida sacramental da Eucaristia e da Confissão por parte do Simão Cristino que, no leito de dores, ferido gravemente, como Jesus no alto da cruz, pronunciou palavras de perdão para os seus algozes. Este exemplo de Simão Bororo aponta para o fruto máximo que uma evangelização e uma catequese bem transmitidas podem produzir.

Se a presença de um jovem de 16 anos no sonho de Dom Bosco apontou para uma messe promissora do carisma salesiano, a de outro jovem, também de 16 anos, tragicamente atingido no acontecimento de Meruri, se faz presente na pergunta pedagógica das crianças, dos pré-adolescentes, dos adolescentes e dos jovens que hoje pululam na realidade da presença missionária salesiana em Meruri. Eles fazem, mesmo inconscientes, uma pergunta que espera por uma resposta educativa. Desta dependerá para que eles não sejam “conduzidos”, como o foi o jovem Aloisio Bispo pelos “adultos inescrupulosos”, hoje muito presentes de modo incisivo na Missão de Meruri, “vestidos” com a roupagem da cultura circunstante hodierna ali atuante, marcadamente hedonista, subjetivista, indiferente, que os está levando, mesmo sem que saibam, a clamar pela razão e pelo sentido último da vida.

Nossa Senhora Auxiliadora, que se antecipou aos missionários no contato com os bororo na missão de Tachos, que fecundou a evangelização com a graça da taça do martírio do Padre Rodolfo e de Simão Bororo, e com a taça do suor de tantos outros missionários e missionárias, continua presente “conduzindo” sempre o empenho missionário de seus filhos e filhas.

Os exemplos e o testemunho de quantos se dedicaram e trabalharam na missão indígena de Meruri inspirem e fortaleçam os missionários e as missionárias de hoje.

Obrigado, Pai, pela graça de mais esta celebração de doação de vidas!

Obrigado, Jesus, pelo sangue dos mártires Padre Rodolfo e Simão Cristino, bororo, pelo qual continuas fecundando a evangelização missionária de hoje em Meruri!

Obrigado, Divino Espírito Santo, porque sempre presente na Igreja de Meruri, continuas inspirando a missão salesiana educativa e evangelizadora!

*Barbacena, maio de 2016*



## **Padre Rodolfo Lunkenbein: amigo e herói**

*Padre Nivaldo Luiz Pessinatti, SDB  
Inspetor da Inspetoria de Recife*

Existe na capital paulista um espaço muito significativo para salesianos e para os demais membros da Família Salesiana: o **Pio XI**. É o apelido utilizado por centenas de pessoas que usufruíram do ambiente educativo proporcionado por esta casa de estudos, pesquisa e vivência religiosa e que hoje ostenta o qualificado nome de Curso de Teologia do Unisal, São Paulo.

Foi exatamente neste cenário, particularmente especial, que pude conhecer o Padre Rodolfo Lunkenbein, Padre novinho em folha.

Na segunda parte da década de 1970, juntamente com os empenhos e as exigências acadêmicas, tive a feliz e fecunda oportunidade de participar diretamente do projeto EMA (Equipe Missionária Auxiliadora). Esta equipe desenvolveu um importante papel de formação humana, cristã, salesiana e missionária para dezenas de jovens. A metodologia de estudo, oração e trabalho missionário oportunizou a construção no coração de centenas de jovens um sólido projeto de vida.

Foi por meio desta equipe que tive a ocasião de conhecer, conviver e partilhar com o Padre Rodolfo muitos sonhos e projetos. Meruri, São Marcos e Sangradouro eram os lugares sonhados e emocionalmente desejados por todos os membros da EMA, que aguardavam ansiosamente serem escolhidos para oferecer o próprio tempo e o próprio trabalho durante suas férias (dezembro e janeiro). Eu estava no meio destes sonhadores.

Durante o ano, desenvolvíamos inúmeras atividades missionárias nas presenças salesianas de São Paulo. O resultado financeiro subsidiava o trabalho a ser desenvolvido, durante as férias, junto aos bororo e aos xavante.

Entre as lembranças mais vivas e empolgantes, sem dúvida, destaco o testemunho dos salesianos e salesianas que viviam e trabalham neste espaço lindo das missões do Mato Grosso.

Foi neste especial contexto que recebi um grande presente: a amizade e a fraternidade do Padre Rodolfo.



Sua estatura (física e moral), sua simpatia e sua simplicidade cativaram imediatamente a todos nós, destinados para o trabalho missionário em Meruri.

Pessoalmente, guardo de forma muito viva a primeira vez que chegamos à aldeia dos bororo: já era noite. Fomos carinhosamente recebidos pelo ecônomo da casa: o jovem Padre Rodolfo – que simpatia!

Estabeleci com ele um laço espontâneo, autêntico e imediato de empatia, amizade e admiração. Dura até hoje!

Durante as férias no trabalho direto ou em suas vindas para São Paulo pude desfrutar de sua amizade e de sua autenticidade sacerdotal missionária.

Aos poucos este sentimento de amizade foi se transformando em grande apreço e admiração. Sua generosa entrega como jovem missionário, seu currículo de piloto, seu profundo respeito pela cultura dos bororo, sua alegria, sua dedicação incansável e sua autenticidade de vida foram ingredientes determinantes para transformá-lo num modelo e, posso dizer, sem constrangimento, num herói.

Apenas como exemplo, lembro o carinho e a firmeza com que tratava os conflitos inevitáveis entre as pessoas da comunidade.

Jamais poderia imaginar que sua vida seria eliminada por pessoas que ele ajudava diretamente com combustível, apoio, respeito e honesto relacionamento.

Depois de ordenado sacerdote, durante os estudos em Roma, pude visitar sua família e seus amigos, na Alemanha. Lá me emocionei com as pessoas que prepararam e ofereceram este presente para o Brasil.

A defesa da causa indígena, bandeira facilmente ostentada com arroubos ideológicos por muitas pessoas, nesta época, era serena e evangelicamente defendida pelo Padre Rodolfo.

Sua pregação diária era o trabalho para e com os bororo.

Todos sabemos que no dia de seu martírio, preparou, como de costume, ferramentas, condução e materiais que favoreciam o trabalho duro dos indígenas.

Entendo que a amizade seja um dom natural, cultivado na reciprocidade da partilha. Contudo o heroísmo é algo muito mais completo e exigente.

Fico feliz e orgulhoso por ter partilhado da privacidade desta amizade com o jovem sacerdote Padre Rodolfo. Porém posso dizer que desde o primeiro encontro até hoje crescem minha admiração e meu apreço.

Padre Rodolfo, não tive tempo de dizer antes... agora registro: você continua sendo meu amigo, meu herói!

*Recife, abril de 2016*



## Um homem apaixonado pela causa missionária...

*Padre Clemente Deja, SDB*

Sou o Padre Clemente Deja, SDB. Fui destinado para a missão de Meruri em 1975 e fui recebido com muita alegria pelo então novo diretor, Padre Rodolfo Lunkenbein. Aqui tínhamos internato para civilizados, tanto meninos como meninas, até 4ª série, e também atendíamos à paróquia de General Carneiro, assim como também dávamos aulas lá nos sábados, porque havia poucos professores na escola de lá. Posso lembrar primeiramente do Padre Rodolfo que era um homem muito caloroso, um homem apaixonado pela causa missionária a qual queria consagrar e dar sua própria vida, tanto que o problema naquele tempo era a terra, porque o CIMI, nas reuniões dos missionários, dava esta orientação que é mais importante na vida dos povos indígenas: era a terra. E aqui em Meruri era a causa do momento porque a população estava aumentando, graças a Deus. Padre Rodolfo tinha um modo especial de querer bem os índios. Ele seguia o conselho de Dom Bosco que dizia que eles têm que sentir que são amados. O problema principal era o desentendimento com os civilizados, porque eles tinham ocupado as terras, sejam eles sitiantes ou fazendeiros, e que deveriam ser recuperadas, pois antigamente pertenciam ao povo bororo.

O que me impressionava no Padre Rodolfo era a sua fé, a sua determinação. Ele era alguém que tinha um ideal na sua vida. Dava testemunho de fé, de vida de oração. Não faltava nem à meditação nem à santa missa, nem à reza do terço. Quando a gente viajava com ele, nós rezávamos o terço sempre com aquela serenidade e convicção de que a nossa causa era defender e fazer de tudo para que o povo pudesse ser evangelizado em todos os sentidos; pudesse ter também a sua terra, a sua escola, à qual ele dava muita importância, como às demais necessidades que eles tinham.

Naquele, ano no começo de julho, as crianças civilizadas tinham ido para as suas casas de férias; como eu já conhecia os xavante e as aldeias dos xavante que estavam na área do Paraburure, eu pedi ao Padre Rodolfo para que pudesse fazer uma visita a eles, pois estávamos de férias na comunidade. Tendo sua permissão e lá pelo dia 10, que era domingo, celebrei a missa em General Carneiro e, em seguida, peguei o ônibus até Barra do Garças. Pelo meio dia falei com o Padre Rodolfo pelo rádio, que naqueles tempos tinha sido instalado nas missões pelo jesuíta Padre Benno Schörr. O Padre Rodolfo estava muito feliz e me dizia que nessa semana, na segunda-feira, iria começar a medição das terras da reserva, pois o pessoal do Plantel já estava chegando, garantindo assim que estariam presentes. Disse-me ele: “Você continue rezando. Vá visitar os xavante e esperamos que tudo irá dar certo”. Eu respondi a ele: “Padre Rodolfo, tome cuidado, pois aqui no General Carneiro os ânimos estão bastantes esquentados e estão revoltados por causa disso; se vivermos esta semana sem nenhuma confusão o resto será tudo ok!”. E ele me respondeu: “Não tenha medo, pois esta é uma causa pela qual temos que passar para que possam serem declaradas terras indígenas”. Então no mesmo domingo eu peguei o ônibus para ir a Xavantina e mais para frente para visitar os xavante. Porém, na quarta ou quinta-feira, estando eu lá na aldeia, um dos chefes do posto da FUNAI me disse: “Padre, o senhor não está sabendo? Mataram o Padre Rodolfo”. Eu disse: “É impossível”. – “Sim”, me respondeu ele, “houve lá uma confusão, onde ele morreu e também um bororo; foi uma chacina lá em Meruri”. Eu fiquei muito preocupado e logo procurei uma carona para poder voltar e chegar a tempo para o enterro do Padre Rodolfo. Em Xavantina consegui pegar um avião para Aragarças, onde chegamos pela noite. E como estava já escuro o piloto pediu que iluminassem o campo com os faróis dos carros. Assim pudemos aterrissar. Fui até a nossa casa salesiana de Barra do Garças onde era diretor o Padre Firmo Duarte, muito amigo e admirador do Padre Rodolfo, que

me disse: “Infelizmente mataram o Padre Rodolfo e amanhã vai ser o enterro” e me convidou para ir com ele até Meruri. Chegando lá o Padre Rodolfo já estava no caixão. Seu semblante era o de sempre: infundia paz, alegria e serenidade. Irmã Margarida Abatti, que era enfermeira, me contou: “Eu estava por perto e falei para o Padre Rodolfo: Padre, o senhor está morrendo, o senhor não vai viver. Ele então me disse: Esta causa pela qual lutamos creio que irá vingar. Em seguida fechou os olhos, com serenidade e sem revolta”.

O que me impressionava da vida do Padre Rodolfo é que ele era muito irmão, muito fraterno, muito amigo. Queria bem aos salesianos, queria bem as crianças; estava sempre presente em tudo com aquela alegria de poder fazer o bem a todos, tanto que as crianças internas dos civilizados nem pagavam, pois não tinham com que pagar, mas davam em gêneros, arroz e feijão, e com o que podiam contribuir para poderem estudar. Uma alegria e uma harmonia reinavam na comunidade e na aldeia dos bororo. Porém a gente sabia que esta causa iria custar muito... Pois ele dizia sempre: “Eu vim para fazer alguma coisa por este povo e se não tiver outro jeito e eu tiver que morrer eu estou disposto”. Creio que esse foi um testemunho autêntico de um missionário, de um digno filho de Dom Bosco que de fato assumiu esta causa pela qual entregou a sua vida. A gente muitas vezes pede a ele para que interceda junto a Deus por nossas intenções, pois ele era uma pessoa muito coerente com aquilo que era e que vivia, pelo seu testemunho, pela sua fé, pelo seu amor a esta grande causa dos indígenas e também pelo testemunho de fé que ele sempre dava, pela coerência celebrando as santas missas, atendendo às pessoas, a todos ele era aberto e a todos queria bem. Ele não tinha nenhum ódio ou rancor em relação aos civilizados; porém ele sabia que esta causa pela qual ele lutava era para que o povo bororo tivesse a sua terra. É isso que me lembro do tempo que vivi com o Padre Rodolfo.

*Meruri, abril de 2016*



## **Padre Rodolfo Lunkenbein: coerência e compromisso**

*Me. Mário Bordignon, SDB*

Eu, Mestre Mario Bordignon, não tive a sorte de trabalhar com o Padre Rodolfo. Porém pude conversar várias vezes com ele nas viagens a Belém na boleia do caminhão ou em Cuiabá, quando lá ia para resolver as questões da demarcação da terra dos bororo. Além disso morei em Meruri por quase trinta anos e escutei muitos depoimentos dos bororo e das pessoas que trabalharam com ele. Mais informações ouvidas nas reuniões do CIML, do qual fui por duas vezes Coordenador em MT, seja em Cuiabá, seja em Brasília, me ajudaram a ter uma visão bastante ampla da riqueza humana e espiritual do Padre Rodolfo. Mato Grosso teve e tem grandes figuras de missionários que ajudaram muito na atualização da pastoral indígena seja em âmbito regional, seja em âmbito nacional. Para mim muito me ensinaram, além do Padre Rodolfo, o Padre Ochoa Camargo e Dom Pedro Casaldáliga. Este último, em suas falas proféticas, disse uma vez: “**Não basta celebrar os nossos mártires, é preciso assumir a causa pela qual eles deram suas vidas**”. Assim, cada vez que eu passava na



frente da cruz do pátio da missão de Meruri, onde morreram Padre Rodolfo e Simão Bororo, eu, no meu coração, renovava e assumia o compromisso de lutar para a recuperação das terras dos bororo. Compromisso que procuro levar em frente até hoje.

Do Padre Rodolfo me impressionou muito a sua simplicidade, a clareza das ideias e a transparência evangélica quase infantil. Nunca perdia o seu bondoso e característico sorriso largo e sereno. Contava-me com grande alegria como era bonito descobrir a grande riqueza da cultura bororo e esta ser valorizada e inculturada nas celebrações litúrgicas da Igreja Católica. Vinha espontâneo lembrar os fatos da Igreja primitiva que anunciava o Evangelho e assumia os ritos e as culturas locais. Sabia muito bem das dificuldades que estava enfrentando em assumir os compromissos da nova caminhada da pastoral indígena surgida aos poucos nas reflexões dos missionários reunidos com forte participação do mesmo Padre Rodolfo. Sabia muito bem das dificuldades encontradas especialmente na luta pela terra, mas não desistia, numa coerência assustadora.

Tinha dificuldades com as repartições públicas e com os fazendeiros vizinhos, com os quais não tinha medo de dialogar e de defender os direitos deles. A última coisa que fez antes de morrer foi uma petição de justa indenização para os proprietários das terras que iam ser devolvidas aos bororo. Dificuldades com os mesmos bororo dos quais somente uma mínima parte deles estava disposta a lutar pela própria terra. Procurando entender sem querer julgá-los, parece-me que o contexto da época não era nada favorável a eles. Viviam numa terra no meio de uma maioria de não-indígenas. Recebiam tentativas constantes da cooptação por parte dos fazendeiros vizinhos e havia já vários mestiços na aldeia, fruto de casamentos com não-indígenas, consolidando a ideia de que este era o caminho natural na formação da população e das cidades brasileiras, como o mesmo Marechal Rondon defendia. Não bastassem estas dificuldades, o Padre Rodolfo tinha dificuldades com alguns dos próprios irmãos salesianos que não compartilhavam da caminhada feita pela Igreja depois do Concílio Vaticano II, de 1965, depois da Conferência Latino Americana de Medellín, de 1968, e depois da criação, no Brasil, do CIMI, em 1972, que traçou as novas linhas de ação da pastoral indigenista.

Na celebração dos quarenta anos de fundação do CIMI foi lembrado o papel histórico do Padre Rodolfo quando ele, preocupado com que todos os missionários conhecessem e assumissem os compromissos do CIMI, resolveu apoiar financeiramente o Padre Egidio Swade, que andou, de mochila nas costas, por todas as missões indígenas do Brasil para unir e difundir o novo jeito de ser missionário entre os povos indígenas. Repetidas vezes nas assembleias gerais do CIMI se destacou o martírio do Padre Rodolfo e de Simão Bororo, mortos unidos na fé e no sangue em defesa da terra e da cultura de um povo. O Padre Rodolfo foi o primeiro mártir na América Latina a morrer pela terra e pela cultura de um povo indígena. Repetidas vezes foi pedido que se iniciasse o processo de martírio para termos oficialmente na Igreja um grande santo protetor dos missionários que trabalham em defesa dos direitos dos povos indígenas, que procuram inculturar o Evangelho na riqueza das culturas destes povos como Padre Rodolfo sempre quis.

*Campo Grande, maio de 2016*



## Ele foi uma pessoa muito querida pelos bororo...

*Leonida Maria Akiri Kurireudo*

Sou Leonida Maria Akiri Kurireudo. Eu era muito pequena quando conheci o Padre Rodolfo. Ele foi uma pessoa muito querida pelos bororo. Era muito atencioso, muito alegre, contente, principalmente com as crianças e com os velhos. Era um homem muito trabalhador e muito exemplar para nós; ele foi de tudo um pouco para nós. Numa palavra: muito bom. Eu o conheci quando eu tinha uns 12 anos, mas ele já tinha vindo aqui, já tinha trabalhando antes aqui. Veio como diretor. Para nós ele fez uma coisa muito boa, ele trabalhou e lutou e até deu a vida por nós, mas nós ganhamos muito com isso, pois o povo não-indígena que estava aqui foi para outro lugar e deixou só nós, os bororo, porque se não fosse ele aqui seria hoje talvez uma corruptela e não uma aldeia como é hoje, pois já tinha aqui muitos moradores não-indígenas. Nós perdemos ele, mas ganhamos muito porque ficamos em paz, tivemos nossa terra demarcada e homologada; isso nós agradecemos muito ao Padre Rodolfo. Em todas as minhas orações eu peço ao Padre Rodolfo e ao finado Simão que intercedam por nós, eles que deram a vida e derramaram seu sangue; quando vejo que as coisas não estão tão bem eu peço a intercessão deles por nós. Ai todas as vezes eu fico tranquila. Não só eu, mas muitos dizem que ele já fez algum milagre na vida das pessoas; eu principalmente presenciei um fato que aconteceu com meu pai que me criou, o finado José Carlos Iori. Ele teve a perna cortada; o corte era pequeno, mas atingiu a veia e o sangue, muito sangue, não parava de sair; então a Irmã Ada, que cuidava do hospital, não tendo mais o que fazer pegou um lenço que pertenceu ao Padre Rodolfo e amarrou na perna do meu pai. O sangue estancou, desinchou e melhorou muito bem. Isso para mim foi um grande milagre que eu presenciei juntamente com minha mãe, meu pai e a Irmã Ada. Isso eu guardo para sempre comigo. Não só eu, mas muita gente fala que ele já fez algum milagre na vida deles, pois ele gostava muito de nós, ele amava muito o povo bororo.

Vou falar sobre o dia da morte do Padre Rodolfo. Eu presenciei tudo, mas eu era muito pequena e estava com muito medo e com muito susto, mas eu presenciei tudo! Era tempo de férias e nós, as crianças bororo, estávamos todos aqui no colégio; como já estava começando a demarcação das terras, os homens estavam todos no serviço e aqui ficaram só as mulheres e as crianças. Estavam aqui algumas moças e rapazes de Corumbá que brincavam conosco e nos ensinavam muitas coisas. Por isso nós estávamos aqui no colégio. O Padre Rodolfo estava no serviço. Ele tinha ido trabalhar. Falaram para nós que nesse dia 15 iria ter um comício aqui na aldeia e nós estávamos esperando e banhando no tanque com as moças. Quando chegaram os carros todos nós ficamos alegres dizendo: “já está chegando o povo do comício trazendo para nós balinhas”, e algumas outras coisas que sempre os candidatos traziam para nós. Ficamos muito contentes. Quando nós fomos ver o pessoal que tinha chegado vimos que não eram os candidatos, mas pessoas diferentes que não conhecíamos, alguns fazendeiros que estavam fazendo reunião e conversando com o Padre Ochoa, no refeitório; fomos então lá para o colégio para trocar nossas roupas. Lá estava o nosso parente, Simão, trabalhando, e eu lhe disse: “Olhe, Simão, chegaram aí muitos fazendeiros que estão lá junto com o Padre Ochoa e o Padre Diretor não está, acho que ele está trabalhando”. Então ele saiu para cá. Então foram chamar o Padre Diretor. Ele chegou cansado e nem tempo teve de beber um pouco de água. Ele estava tranquilo, como sempre, do jeito que ele era: sorridente. Então nossas mães desceram para cá para ver o



que estava acontecendo e se era mesmo o comício. As moças nos despediram e pediram para a gente ir para casa, mas nós paramos para ver o que estava acontecendo. O povo estava lá na porta e ia saindo. Aí uma mulher veio conversar com ele e também o João Mineiro. Ele estava tranquilo e encostado num carro; ele estava rodando as chaves. Nós e as mulheres estávamos bem pertinho e víamos tudo. Então ele, o João Mineiro, começou a pegar no Padre Rodolfo; então a finada dona Rozenda, que era tia do finado Lourenço, disse em nossa língua: “Não estão vendo que ele está pegando no nosso diretor?” Em seguida eu vi que o Padre Rodolfo pôs a mão do lado do coração e outra no pé da barriga. Foi um tal de Preto que atirou. Na hora em que o João Mineiro pôs a mão no Padre Rodolfo o finado Lourenço também deu um empurrão nele; foi nessa hora que o Preto atirou no Padre Rodolfo e no Lourenço também; agora o tiro que veio de baixo e pegou na barriga do Padre Rodolfo foi do João Mineiro, que deu o tiro e largou o revólver. Ninguém sabia que isso iria acontecer, pois aqui estavam apenas as mulheres e as crianças. Nós esperávamos um comício e não o que aconteceu. Esse dia foi feio, muitos tiros. Dona Teresa, mãe do finado Simão, entrou lá porque ela viu o filho lutando com um rapaz e ser baleado e esfaqueado. Foi muito tiro que chegou a levantar uma poeira e uma fumaça também e atingiu a mangueira e as varandas. Nessa hora as crianças se espalharam e saíram correndo dali. Quando olhei para trás vi o Padre caindo, mas sorridente do jeito que ele era... vi também o finado Lourenço com a mão no peito e sangrando vir em nossa direção. Nós corremos. Depois não sei mais nada do que aconteceu. Sei que levaram uns de avião. Simão pediu para a irmã dele levar ele para o posto. Já estava muito fraco e foi dizendo: “Vamos rezar já estou muito fraco”. Mas ele não aguentou pelos ferimentos que levou... Nossas mães também estavam no meio dessa confusão. Daí a gente não esperava mais nada com tanto tiro e tanta poeira. Pensávamos que todas tinham morrido. Por isso corremos para a beira do rio. Quando ouvimos que elas nos chamavam, viemos embora. Aí foi chegando a polícia, foi chegando gente. Levaram o corpo do finado Padre Rodolfo para Barra do Garças. A mãe do Padre Rodolfo deu-nos o privilégio de ele ser enterrado aqui, junto conosco. Ela falou: “Ele morreu aqui e deverá ser enterrado aqui”. Os bororo, tempo depois, fizeram o funeral com os ossos dele. Participaram desse funeral as irmãs, os Padres, o sobrinho e o irmão do Padre Rodolfo. Ele deixou uma grande herança para nós: a nossa terra demarcada e homologada. E desde que conhecemos os Salesianos temos a proteção de Nossa Senhora e depois o sangue do Padre Rodolfo e de Simão que continuarão fazendo muita coisa por nós e também pelos salesianos que passam e ainda passarão por aqui.

*Meruri, abril de 2016*



## **O que me marcou foi a bondade dele, a delicadeza, a atenção a simplicidade...**

*Irmã Aurizena Simão do Nascimento, FMA*

Sou Irmã Aurizena Simão do Nascimento, FMA, missionária da comunidade de São Marcos. Foi no início dos anos de 1970 que eu conheci o Padre Rodolfo. Ele já era Padre. Impressionou-me muito a atitude dele, a maneira de ser dele, a delicadeza, a bondade. Ele estava pronto para atender a todos. Foi naquela época que a tuberculose entre os bororo era muito acentuada; ele fez de tudo para exterminá-la e conseguiu. Ele não viu o fim disso, mas aconteceu. Um médico de São Paulo, chamado Dr. Geraldo Salomão, por dez anos consecutivos veio a Meruri e cuidou dos bororo doentes de tuberculose. Padre Rodolfo comprou um aparelho de Raios-X, de modo que todo o trabalho era feito em Meruri e não precisava mais levar os doentes para fora. Nesse tempo, antes de ter o aparelho, ele levava os bororo para Dourados, mas a partir daí ele conseguiu dar esse grande passo. Ele tinha uma preocupação muito grande com a saúde; ele nos contou que quando estudava teologia fez questão de fazer um curso de enfermagem para que pudesse colaborar um pouco mais nessa área de saúde. E valeu, porque ele aprendeu e isso o ajudou. Aprendeu a pilotar; o sonho dele era comprar um avião para levar os bororo para onde fosse preciso. Trabalhei lá nesse tempo; ele sabia desdramatizar as situações mais difíceis de um modo tão feliz; ele era um homem bom; sabia criar um ambiente muito familiar ao redor de si; isso foi muito bom para as irmãs e para a nossa comunidade feminina de Meruri; que Deus o recompense! Depois eu fui embora. Saí de lá e ele ficou. Um dia eu estava chegando a Barra do Garças a fim de pegar o ônibus para Cuiabá, onde ia participar de um encontro de catequese; escutei a buzina de um carro bem perto de mim; buzina com insistência. Olhei para trás vi que era o Padre Rodolfo que me chamava. Perguntou-me para onde eu estava indo e eu lhe contei que iria para Cuiabá no ônibus da tarde. Ele me disse: “Não. Vamos lá no Colégio Madre Marta; pegue sua mala e venha comigo até Meruri. Lá eu te levo na estrada para pegar o ônibus”. Assim aconteceu. Fomos para Meruri. No caminho ele ia contando todas as aventuras dos bororo, todas as atividades, os trabalhos, enfim tudo que estava acontecendo na Missão. Ele era muito otimista; podia acontecer a maior dificuldade que ele tinha uma saída positiva, uma saída feliz; ele sabia ver o lado positivo em qualquer dificuldade. Chegando perto de Meruri, ainda na estrada, ele disse que também estava indo a Cuiabá, onde iria participar de uma ordenação sacerdotal de um salesiano. Ele iria de caminhão para levar uma vaca para Coxipó. Era a carne para a festa. Ele me disse: “Eu não vou te levar, porque vamos de caminhão e a viagem vai ser demorada, é melhor você ir de ônibus; a gente se encontra lá”. Assim aconteceu. Assim fui para Cuiabá. Na quarta-feira foi a ordenação do Padre José Luís. Nós nos encontramos lá e conversamos bastante. Uma conversa boa. Em seguida ele retornou para Meruri e eu fiquei lá em Cuiabá. Dias depois eu estava participando da santa missa à tarde e na homilia o Padre anunciou a morte do Padre Rodolfo. Eu, que estava sentada no fundo da Igreja, saí correndo e fui lá na frente me certificar do fato. Assim fiquei sabendo. Então no dia da morte dele eu não estava em Meruri, mas sabia do contexto difícil que ele estava vivendo. Certo dia o Padre Paulo Mohr falou assim para mim: “O Padre Rodolfo está procurando a morte; ele está envolvido com o CIMI, com essa demarcação de terra, com esse povo, com esses fazendeiros... ele é muito imprudente”. Eu escutei tudo aquilo, aliás, li, pois ele escreveu-me uma carta contando tudo isso. E aconteceu igual como ele falou. Depois me contaram o que aconteceu no dia da morte; eu não estava presente. Conversei bastante com ele quando me levou para pegar o ônibus na BR; contou-me tudo o que estava acontecendo: que os bororo estavam sendo prejudicados, que os fazendeiros estavam invadindo a terra e que ele tinha que voltar depressa



de Cuiabá porque os agrimensores já estavam vindo para Meruri para começar a demarcação da terra. E assim ele voltou de Cuiabá rapidamente. Contaram-me que ele estava no campo; naquele dia não tinha homem nenhum na aldeia, tinham ido pescar, caçar; tinha mais era mulher, tinha pouca gente. Então mandaram chamá-lo; quando ele chegou, o pátio estava cheio de muita gente e de muitos carros. Então ele chegou e começaram a falar; ele pediu: “Vamos conversar, vamos nos entender, vamos refletir melhor”. Enquanto ele ia se encaminhando para o seu escritório alguém puxou ele para trás (assim me contaram a Irmã Pedrosa e o Padre Ochoa). Aí deram o tiro e ele caiu. Quando eles perceberam que ele caiu, que tinha morrido, saíram e, no caminho, no meio do tiroteio, uma bala pegou num jovem, que também morreu. Os detalhes do que aconteceu naquela hora eu não sei, eu li. Quando eu saí de Meruri eu dei para o Padre Ochoa uma pasta com todos os recortes de jornais que relatavam todos esses acontecimentos. Outra coisa que me impressionou muito: os assassinos eram de Barra do Garças; lá, no Colégio das Irmãs, estudavam alunos filhos desses pais; em vista disso criou-se um clima tão sofrido lá; então as irmãs proibiram tocar nesse assunto pois naquela semana o assunto era esse. Pelo que me contaram daquele grupo (dos assassinos) nenhum deles teve um final feliz... Um livro intitulado **A chacina de Meruri** narra uma versão completamente diferente dessa que acabo de narrar; foi escrito defendendo e de acordo com a realidade deles. Quando completei 10 anos da morte do Padre Rodolfo eu estava em Meruri; nesse ano os bororo fizeram o funeral; eu participei de quase todos os rituais; comigo estavam outras irmãs também; os irmãos do Padre Rodolfo vieram; foi muito emocionante. Mais tarde veio também a mãe dele e ela fez questão de conhecer a mãe do Simão, que morreu também nessa ocasião ao lado dele, não na hora, mas depois. As duas ficaram de mãos dadas ao lado do túmulo... Outros detalhes já foram narrados, mas o que me marcou foi a bondade dele, a delicadeza, a atenção, a simplicidade. A gente chegava perto dele e sentia uma familiaridade muito fraterna. Não tinha aquela distância de uma pessoa porque é Padre. Parecia um irmão, uma família, criava um espírito de família muito forte. Anos depois, numa missa de comemoração da morte do Padre Rodolfo e do Simão Bororo, Padre Arnaldo Kaneko, que trabalhava em Meruri, foi o celebrante. Nessa ocasião ele fez a seguinte reflexão em sua homilia lá no cemitério: “A gente, para alcançar um objetivo, tem que mirar bem alto; se a gente mirar alto pode ser que consiga pela metade; se não tiver objetivo alto não sairá do baixo”. Padre Rodolfo sonhou alto e ficou nas alturas, ele teve coragem! Alguém certo dia me falou: “Ele foi imprudente; essa morte dele foi de muita imprudência”. Depois comentamos juntos: “Mas martírio a gente não planeja, o martírio é imprevisto; se ele tivesse planejado a morte ela não teria acontecido. Ele mirou alto, não planejou nada e aconteceu. Não dá para planejar o martírio! Ele não iria planejar que os fazendeiros iriam chegar, o que ele iria falar, que eles iriam atirar; ele pensava unicamente no bem dos bororo”.

*São Marcos, 03 de maio de 2016*





## Ele era uma pessoa amiga dos pobres e amiga dos índios...

*Josina Maria Ludmila da Silva*

Sou Josina Maria Ludmila da Silva, missionária em São Marcos. Eu conheci o Padre Rodolfo em 1963, quando eu era interna em Meruri. Ele era muito alegre e muito fervoroso; nunca faltava às práticas de piedade, à missa; ele era assistente e, como assistente, cativava muito aqueles meninos. Tenho um cunhado que gosta muito do Padre Rodolfo; ele já tem bastante idade e até hoje lembra sempre dos conselhos e de tudo o que o Padre Rodolfo fazia por eles. Ele se chama João Bosco; ficou muito penalizado com a morte do Padre Rodolfo, porque o Padre Rodolfo era uma pessoa amiga dos pobres e amiga dos indígenas. Era isso que todos admiravam muito nele, como também sua alegria e seu espírito fervoroso de rezar, de falar de Deus e de falar de Nossa Senhora Auxiliadora. Quando a gente saiu do internato minha irmã se casou com esse rapaz, João Bosco, e o Padre Rodolfo ficou muito amigo da nossa família; descobriu onde eles moravam no Rio das Mortes e sempre ia lá para passear, pescar e levava os bororo junto; estava sempre com os indígenas fazendo tudo o que era bom para eles e ensinando a eles tudo o que mereciam aprender. Ele tinha tantos planos na cabeça para ajudar os bororo e ajudar os pobres que moravam na redondeza. No dia que aconteceu a morte dele, quando chegaram os fazendeiros, ele procurou tratá-los amigavelmente porque não queria conflito, mas então aconteceu. Mas, mesmo assim, ele não reagiu e morreu, perdendo mesmo. A Irmã Margarida Abatti, que agora deveria estar aqui para contar-nos alguma coisa, mas já está no céu, me contou que no seu último suspiro ele ainda dizia: “Eles não sabem o que fazem”, como disse Nosso Senhor Jesus Cristo. Se ela estivesse aqui, nós teríamos o seu depoimento muito bonito. A morte dele foi sentida por todos porque ele era realmente uma pessoa do povo, uma pessoa de bom coração. Ele cativava a todos. Eu não sei muita coisa porque naquele tempo, quando a gente era interna, a gente só podia vê-lo de longe. O sistema era muito diferente. As meninas ficavam muito bem separadas. Existia o internato das meninas e o dos meninos; mas a gente podia muito bem ver a alegria dos meninos quando eles saíam nos passeios, nos jogos nas brincadeiras... E ele é muito lembrado pelo pessoal da redondeza de Meruri; muitas pessoas que não são indígenas se lembram dele e gostam muito dele.

É isso que eu sei do Padre Rodolfo, que era uma pessoa do povo pobre e de Deus. Nós, meninas, o admirávamos muito pela sua beleza e pelo seu sorriso. Todas queríamos vê-lo quando ele passava; corríamos para olhá-lo. Ele era muito lindo mesmo. Mas além de sua beleza física era lindo no espírito.

Tive também a felicidade de conhecer a mãe do Simão Bororo que era uma mulher muito santa. Quando eu entrei no internato eu tinha apenas seis anos; as meninas eram todas moças e eu não tinha ninguém para brincar comigo, pois eu era pequena. A mãe dele, que trabalhava lá no colégio das irmãs, falou para a filha dela, que era a irmã do Simão, para brincar comigo. Então, daí para frente, todos os dias, ela vinha brincar comigo. Ela era uma menina muito boa, muito carinhosa. O Simão nesse tempo era ainda muito criança; eu penso que ele deveria ser uma pessoa muito boa também porque ele teve a coragem de dar a vida; quem realmente ama é quem dá a vida. E ele deu sua vida para salvar o Padre Rodolfo. Mas até hoje eu me lembro da mãe dele, a dona Teresa; foi uma mulher muito santa; as irmãs gostavam muito dela que era muito trabalhadeira, silenciosa e fazia bem as suas ocupações. Até hoje eu tenho saudade da minha coleguinha; ela se chamava Honorina; ela morreu com quatorze anos, acho que foi de tuberculose.



É isso que eu sei dos dois, mas tenho muito amor e admiração por essas duas pessoas, Padre Rodolfo e Simão Bororo.

No dia da morte do Padre Rodolfo, infelizmente eu não me encontrava na Missão; eu tinha ido a Barra do Garças para fazer um curso de aperfeiçoamento para professores. Nessa noite eu estava lá no Colégio Madre Marta; era o dia do meu aniversário; eu estava triste, não tinha contado isso para ninguém. Chegou então uma menina correndo e falou para mim: “Mataram o diretor de Meruri! Os fazendeiros mataram o diretor de Meruri!” Então essa notícia foi a maior tristeza do meu aniversário. Nessa noite chegou o corpo dele para ser embalsamado. Eu queria ir lá ver o corpo, mas não teve jeito e não fui, mas assim mesmo continuei rezando para ele. O Padre Rodolfo era muito nosso amigo porque a gente morava na fazenda. Inclusive quem comprou a nossa fazenda foi o assassino do Padre Rodolfo. Padre Rodolfo costumava ir lá, almoçar conosco; passávamos horas felizes com sua alegria, com suas histórias; ninguém pensava que isso iria acontecer... Meu cunhado precisou vender a fazenda e vendeu para esse sujeito, o João Mineiro. Nós não sabíamos que ele iria fazer uma coisa dessas; se a gente soubesse não teria vendido. Essa foi uma tristeza que ficou na minha família. Mas ninguém iria pensar que o João Mineiro fosse fazer isso porque aquelas terras não pertenciam aos bororo, mas ele desrespeitou e foi fazer roça na terra dos bororo; quando nós morávamos lá nós não atravessávamos o rio Boqueirão para mexer na terra dos bororo e o meu cunhado falou para o João Mineiro que não podia fazer isso, mas ele não ligou e foi fazer roça lá. Assim nossa família ficou muito triste por esse acontecimento. Fiquei triste também porque não pude ver o Padre Rodolfo depois que ele faleceu; não fui ao enterro, nem no sétimo dia; não havia condução e eu não podia deixar o curso que estava fazendo. Só ficou uma lembrança: o meu aniversário e a morte do Padre Rodolfo. Ambos no dia 15 de julho. Quando as irmãs vieram para São Marcos ele as trouxe até o córrego; nesse dia ele preparou tudo, tirou uma fotografia, tudo na maior alegria; depois ele voltou para Meruri. Padre Mario Panziera, que acabou de chegar com o grupo em São Marcos, conhecia o perigo da estrada que não tinha ponte, mas apenas umas pinguelas... Assim chegamos a São Marcos em 1964.

*São Marcos, 03 de maio de 2016*



## **Estavam trabalhando até a última hora...**

*Domingos Sávio Alves*

Sou Domingos Sávio Alves, bororo do território indígena de Meruri. Conheci o Padre Rodolfo quando eu estudava aqui na escola de Meruri, no Colégio Coração de Jesus, e ele era nosso assistente. Eu gostava muito dele porque ele era uma pessoa muito alegre, educado, sorridente e gostava de brincar também, mas na hora de estudo ele exigia que ficássemos atentos no cumprimento do dever de estudantes. Ele gostava muito de nós, bororinhos. Outra lembrança que tenho do Padre Rodolfo do tempo em que ele foi assassinado é que eu estava trabalhando com o Simão Bororo que também foi assassinado juntamente com ele; Simão estava trabalhando de pedreiro na residência das irmãs aqui da Missão e eu trabalhava como ajudante de pedreiro com ele. O Padre Rodolfo estava trabalhando na roça, na derrubada do mato, juntamente com o cacique e os companheiros. Foi justamente



nessa época que se deu aquela questão das terras em que o Padre Rodolfo queria conversar com todos os fazendeiros para ver a possibilidade das indenizações e foi quando aconteceu aquela chacina lá no pátio da Missão; eu estava lá e vi que foram juntando muitos brancos para conversar com o Padre Rodolfo. Nessa hora ele estava trabalhando na roça juntamente com o cacique dessa época, o finado Lourenço Rondon, e mais alguns outros auxiliares dele: José Rodrigues, Gabriel, e vários outros companheiros cujos nomes não me lembro agora. Aqui na Missão estava o Padre Gonçalo Ochoa. Então mandaram chamar o Padre Rodolfo que veio direto da roça para cá e já ia atender ao pessoal na diretoria. Quando ele chegou os fazendeiros foram se ajuntando e também alguns bororo que estavam já na missão apareceram para ver o que estava acontecendo. Naquele momento houve uma confusão e um desentendimento e foi quando aconteceu a tragédia. O Padre Rodolfo queria conversar com eles e quando foi chamá-los para isso eles não queriam mais saber de conversa; então começaram a empurrar e a atirar; foi quando o Padre Rodolfo recebeu também o tiro que a gente não ficou sabendo de onde partiu; em meio ao tiroteio eu corri e fui me esconder atrás da grande mangueira que está lá no pátio da Missão. Nessa confusão depois que corri para lá não vi mais nada. Sei que depois os fazendeiros saíram correndo e um dos bororo deu um tiro para acertar o carro que estava passando, e de fato atingiu, mas não acertou ninguém. Quando os fazendeiros saíram correndo quem estava por ali começou a socorrer os feridos, que foram levados lá para o hospital. Com o Padre Rodolfo a única coisa que a gente sabe foi isso que acabei de narrar. Foi isso que vi!

*Meruri, abril de 2016*



### **Trabalhei e viajei muito com ele...**

***Gabriel dos Santos Bakorokudo***

Sou Gabriel dos Santos Bakorokudo, bororo do território indígena de Meruri. Trabalhei muito com o Padre Rodolfo; viajei muito com ele. Nunca a gente o via nervoso, era sempre alegre com todos; às vezes eu enchia a paciência dele, mas nunca o vi zangado. Era um homem bom, parece que ele já veio preparado para tudo... Viajamos muito tempo juntos para Goiânia, Uberlândia. Ele era sempre assim, muito amigo; ele tinha confiança na gente quando trabalhava com ele. Íamos de caminhão e era eu quem dirigia, quase sempre. Sobre a morte do Padre Rodolfo: eu estava trabalhando aqui na oficina mecânica e vi que chegou esse povo que queria falar com o Padre Rodolfo, mas ele não estava aqui; estava lá em cima, trabalhando na derrubada com alguns homens para plantar; como eles insistissem fui com o caminhão lá, atrás dele. Mesmo com esse pessoal todo irritado ele nunca perdeu a paciência, nem se afobou nada não, mas sempre controlou tudo. O povo veio para fazer algum mal contra ele... parecia que já estava tudo arrumado e na hora de ir embora veio o Mineiro e atirou nele e aí começou a encrenca. Atirou e derrubou ele, aí veio o Simão; antes disso os bororo já tinham chegado. Eu também nesse dia fui machucado. Levei uma facada, mas eu vi a hora e o dia que tudo aconteceu também com nosso amigo Simão.

*Meruri, abril de 2016*



# ENTREVISTAS

DOM PEDRO CASALDÁLIGA

Me. Mário Bordignon, SDB

*Hoje, dia 21 de julho de 2006, estamos na casa de Dom Pedro Casaldáliga, Bispo emérito da Prelazia de São Félix, para tomar um depoimento sobre o conhecimento que ele teve do Padre Rodolfo Lunkenbein, morto em Meruri em 1976 e das virtudes e dos merecimentos desta pessoa querida.*

“ Ele se doou totalmente; se encarnou e doou todas as suas capacidades espirituais e técnicas, o seu jeito, o seu sorriso, o seu olhar transparente, o coração grande como o próprio corpo. Uma dedicação sempre esperçada. O Padre Rodolfo não conhecia o desânimo, não conhecia rupturas na sua dedicação. ”

## 1. Então, Dom Pedro, como conheceu, quais foram os contatos que o senhor teve com o Padre Rodolfo?

- Evidentemente o contato, é bastante cheio, foi por causa da causa indígena, do trabalho pastoral do CIMI, Conselho Indigenista Missionário. Eu estava no Mato Grosso, ele estava no Mato Grosso, duas circunscrições eclesiais, vizinhas, aliás dentro da infinita distância da vizinhança aqui nestas regiões da Amazônia Legal. Encontramos-nos em várias Assembleias, em vários cursos e em outros momentos mais particulares.

Eu tenho a impressão clara, convicta, de que o Padre Rodolfo foi o missionário *ad Gentes* completo. E concretamente missionário *ad Gentes* do Terceiro Mundo, dos pobres, dos povos indígenas. Ele se doou totalmente; se encarnou e doou todas as suas capacidades espirituais e técnicas, o seu jeito, o seu sorriso, o seu olhar transparente, o coração grande como o próprio corpo. Uma dedicação sempre esperçada. O Padre Rodolfo não conhecia o desânimo, não conhecia rupturas na sua dedicação. Pelo menos, sempre que o encontrei, o encontrei com uma capacidade de superar, de olhar para frente. Pelo menos, nas Assembleias, nas reuniões, era um toque de paz, de respaldo, de animação. É muito significativo também, um caso emblemático, histórico, que em Meruri, naquela hora gloriosa, martirial, ele, missionário, deu a vida pelo indígena, pelos povos indígenas, e o indígena Simão Bororo, os povos indígenas, deram a vida pelo missionário. O Padre Rodolfo assumiu a prospectiva, a metodologia, o ideário do CIMI, com muita generosidade, sabendo dar a passagem de uma forma-



ção relativamente tradicional para todos nós, como era próprio da época, para uma visão mais propriamente atualizada *Ad Gentes*, em termos de inculturação, de diálogo cultural e até religioso com esses povos indígenas. Deu a vida numa atitude de força e de esperança martirial.

Penso que sua beatificação e canonização seria emblemática para a pastoral indígena e extra-indígena.

## 2. Muito obrigado, Dom Pedro, muito obrigado. O Senhor conheceu também a Simão Bororo nas suas andanças por lá?

- Nós o encontramos em Meruri e em algumas outras assembleias. Um coração bom. Um coração sensível, terno até, e muito agradecido com o trabalho da missão. Por causa disso ele teve esse gesto extremo de doação na hora certa. Eu, no meu coração, na minha fé, considero mártir a Rodolfo, considero mártir a Simão.

## 3. O Senhor sabe que a última frase de Rodolfo e a última frase de Simão foram iguais: “eu perdoo meus assassinos.”

É um gesto evangélico, é a palavra de Jesus: “Pai, perdoa-os”.

“ Penso que sua beatificação e canonização seria emblemática para a pastoral indígena e extra-indígena. ”

### PADRE GONÇALO OCHOA

Padre João Bosco Monteiro Maciel, SDB

*No dia 21 de março de 2016 entrevistei o Padre Gonçalo Ochoa, memória viva dos Mártires de Meruri e que nestes 40 anos tem recolhido muita documentação para testemunhar essa significativa página da nossa sofrida e gloriosa história missionária. Entrevistei-o em Meruri no mesmo pequeno e modesto escritório que um dia foi a diretoria do Padre Rodolfo e que agora é o seu local de trabalho.*

## 1. A partir dos escritos colecionados do Padre Rodolfo, o que eles revelam de sua personalidade como sacerdote e missionário?

Os principais escritos do Padre Rodolfo são as suas cartas, que ele escreveu com muita confiança para a sua mãe e para a sua família. Elas revelam em primeiro lugar a sua personalidade, as suas preocupações, os seus trabalhos com os indígenas, o gosto pelo seu trabalho. Considera-se privilegiado por ser enviado para uma missão indígena. Por isso ainda quando era estudante na Alemanha ele queria ser missionário; sentia profundamente sua vocação de missionário. Os parentes lhe punham dificuldades, pois era muito querido na família, que não se conformava em deixá-lo partir para longe. Numa de suas cartas ele dizia: “Me deixem ir para



as Missões, eu quero ser missionário e serei a custo de qualquer sacrifício. Se não me deixam ir agora, eu espero cumprir meus 21 anos e então eu irei”. E confirma isso citando o Evangelho “Jesus mandou os seus apóstolos pregar o Evangelho a todas as nações; isso era importante naquele tempo e agora é mais que nunca, deixem-me partir”.

## 2. Quais frutos se podem perceber hoje na cultura, na vida e na evangelização do povo bororo?

Na vida: quando ele chegou aqui, ele encontrou um grupo bororo bastante reduzido. Já na primeira vez em que esteve aqui como assistente ele percebeu que os bororo estavam muito enfraquecidos. Eu me lembro de que naquele tempo quase não tinha mais crianças. A presença anterior de uma massa de civilizados junto da aldeia havia prejudicado muito, pois as famílias eram desrespeitadas e já os bororo não aceitavam essa situação; muitas mães morriam porque eram abusadas e os esposos lhes tiravam a vida. Parecia que não queriam viver mais. Isso foi um acontecimento anterior. Então nessa época o Padre João Falco se preocupou para que os bororo tivessem uma assistência específica. Por isso ele conseguiu que os civilizados que estavam aqui perto da aldeia pondo seus filhos na escola, fossem pô-los na cidade, porque aqui era um território indígena e ele queria dar uma assistência específica para os bororo.

Assim a vida começou a melhorar muito. O Padre Rodolfo começou a se interessar pela saúde, favoreceu o tratamento dos bororo que estavam ameaçados pela epidemia da tuberculose, apoiou com todas as forças e capacidades o doutor Geraldo Salomão, especialista da Universidade de São Paulo que se ofereceu para vir e fazer esse tratamento aqui com os bororo e também com os xavante. Ele apoiou em tudo que podia para o transporte, antes para Dourados, cerca de mil quilômetros daqui, depois para Barra do Garças, depois para conseguir os aparelhos para facilitar aqui mesmo o tratamento. Conseguiu o aparelho de raios-X, com a ajuda do bispo e com uma verba da Alemanha; assim os bororo poderiam ser examinados aqui e não mais precisariam viajar para tão longe. Então ele, mesmo não sendo ainda diretor, fez tudo o que podia com todas as suas capacidades para apoiar o combate a esse problema que havia e que estava ameaçando a saúde dos bororo. Isso resultou que a tuberculose foi erradicada com o trabalho do doutor Geraldo, que continuou depois da morte do Padre Rodolfo, e as crianças começaram a nascer... Ele me escrevia contando numa de suas cartas o que estavam fazendo para melhorar a saúde dos bororo e contava que estavam aparecendo os nascimentos. Quando eu estava na Colômbia ele me escreveu: “Neste ano nasceram quatro meninos, filhos de fulano de tal, tal e

“ Já na primeira vez que esteve aqui como assistente ele percebeu que os bororo estavam muito enfraquecidos. Eu me lembro de que naquele tempo quase não tinha mais crianças. ”



tal...”. Em outra carta dizia: “Hoje nasceu um menino com quatro quilos”, manifestando assim o interesse que tinha pelos bororo. Assim a situação foi melhorando muito de tal maneira que depois da morte dele teve ano que nasceram 20 meninos por ano; nem agora que estão mais numerosos temos esse número.

### 3. Como o Concílio Vaticano II influenciou a prática pastoral e missionária do Padre Rodolfo?

Ele fez a sua teologia na Alemanha, num dos teologados mais importantes da Europa, o teologado de Benediktbeurn. Era o tempo do Concílio Vaticano II. Ele certamente estudou esses documentos de modo especial o *Ad Gentes* e *Gaudium et Spes*. Depois veio a exortação apostólica de Paulo VI (*Evangelii Nuntiandi*), dando normas muito claras e preciosas sobre como se aproximar dos povos, com qual atitude principalmente de encarnação, de humildade. Isso tudo influenciou não somente o Padre Rodolfo, mas toda a Igreja e de modo especial a Igreja aqui do Brasil, que se organizou primeiro com o interesse do Padre Ângelo Venturelli, do Padre José Vicente César, fundador do Instituto Antropos, de Brasília e de São Paulo. Eles conseguiram que os missionários fossem fazendo cursos e se preparando, convidando antropólogos para eles terem noções de antropologia, de como tratar e estimar as culturas indígenas e assim deixar os missionários mais capacitados. Nós participamos de vários desses cursos, Padre Rodolfo, Padre Giaccaria e todos os que estivessem dispostos a se atualizar. Com essa atitude de encarnação, de conhecimento das línguas, das culturas que ia sendo dada de acordo com o trabalho do CIMI é que foi se organizando cada vez melhor e estabelecendo os princípios da ação missionária.

### 4. Como o Padre Rodolfo viveu e traduziu na prática o espírito Salesiano no meio dos bororo?

Sua personalidade era já um modelo de vida salesiana. Ele conheceu Dom Bosco através do **Boletim Salesiano** e da biografia dele, desde quando fazia o curso primário; de aí ele começou a querer ser salesiano, ser Padre salesiano. Mas os pais não tinham condição de lhe pagar a pensão que era exigida no aspirantado; assim ele teve que esperar por quatro anos. Depois de seus estudos primários ele conseguiu de seu pároco uma benfeitora que lhe pagaria a metade da pensão. Então o pároco escreveu para o diretor do aspirantado descrevendo a personalidade do menino, que foi logo aceito. Ele ficou muito feliz; nesses quatro anos de espera ele também ficou trabalhando e acho que isso foi também um treino para a sua futura ação missionária. Lá no aspirantado ele era entusiasmado e, apesar de sua alta

“ Conseguiu o aparelho de raios-X, com a ajuda do bispo e com uma verba da Alemanha; assim os bororo poderiam ser examinados aqui e não mais precisariam viajar para tão longe. Então ele, mesmo não sendo ainda diretor, fez tudo o que podia com todas as suas capacidades para apoiar o combate a esse problema que havia e que estava ameaçando a saúde dos bororo. ”



“ Ele tinha uma vida profundamente salesiana, de muita alegria. Era muito afável. A melhor experiência da minha vida foi a convivência com o Padre Rodolfo. Um salesiano extraordinário! ”

estatura e da idade já avançada em comparação com seus colegas, ele começou o ginásio. Então o seu assistente, o clérigo Philipp Zentner, veio para o Brasil. Eles se correspondiam e o Rodolfo lhe pedia notícias sobre o seu campo de trabalho. Desde pequeno tinha um grande amor a Jesus Cristo. Sua mãe descreve muito bem a sua vida de piedade, sobre como ele gostava de rezar o terço e convidar os seus familiares para rezar. Depois que fez a primeira comunhão, continuou indo à missa. Quem conheceu muito bem a sua vida interior foi sua mãe; os melhores depoimentos que temos sobre o Padre Rodolfo são os de sua mãe. Como Padre e como superior ele se sentia profundamente salesiano; falava com muito carinho de Dom Bosco; com a comunidade missionária, salesianos e irmãs, ele falava muito da vida de caridade, da vida de união. Ele tinha uma vida profundamente salesiana, de muita alegria. Era muito afável. A melhor experiência da minha vida foi a convivência com o Padre Rodolfo. Um salesiano extraordinário!

#### 5. Quais as exigências evangélicas que o Padre Rodolfo viveu na prática de sua experiência de vida missionária?

As exigências evangélicas aparecem no primeiro sermão que Jesus Cristo fez na sinagoga de Nazaré. Aí ele manifestou qual a sua missão aqui na terra: levar a salvação principalmente aos mais pobres, aos mais necessitados e comprometer-se com a justiça. O Padre Rodolfo assumiu esse programa em sua vida missionária, mesmo a custo de qualquer sacrifício, mesmo que fosse dar a vida; sendo assim imitador fiel de seu Mestre, Jesus Cristo.

#### 6. Como o Padre Rodolfo exerceu seu ministério como diretor da Missão?

Tenho aqui um depoimento do último dia de sua vida. Encontro-lo na *Crônica* da casa de Meruri, que fala o que ele foi como diretor: “As 7h da manhã, logo após a récita do ofício e da meditação em comum com as Irmãs, o Padre Rodolfo deu os últimos retoques ao Toyota, as últimas recomendações à Irmã Maria José que ia pegar o Toyota e sair para a Barra em companhia do teólogo Lauro, que veio durante as férias para ajudar, e mais dois bororo, um dos quais iniciaria nesse dia o Cursilho de Cristandade, a primeira experiência com os bororo... Às 10h50min um grupo de 62 pessoas desceu para a Missão e estacionaram no pátio; no momento encontraram só o Padre Ochoa; depois foram chamar o Padre Rodolfo, que estava com os bororo, trabalhando e derubando o cerrado para começar uma plantação com a comunidade. Atendendo ao chamado, chegou e atendeu com a nobreza que sempre lhe foi caracterizada”. A *Crônica* descreve como foi o ataque e como tudo aconteceu, e depois acrescenta: “O Padre



Rodolfo, como os primeiros mártires, derramou o seu sangue pela causa indígena e missionária. O seu desaparecimento assim tão trágico deixou um profundo vazio em todos nós. Partiu na fase mais linda de sua vida, 37 anos de idade, cheio de vida, entusiasmo e projetos para o povo bororo... Era seu desejo e não deixava passar a oportunidade de manifestar a todos nós, principalmente nas missas comunitárias das terças-feiras, sobre a necessidade de formarmos uma comunidade, e nas missas repetia sempre a frase: “a nossa bela vocação”... “Sempre alegre, dinâmico, trabalhador, otimista, de inteligência prática, mentalidade aberta, alma comunicativa, coração sincero, tudo isso o Padre Rodolfo nos testemunhava; soma-se a isso tudo o seu sorriso amável, leal e aberto”. Essa é a imagem que ele projetava como superior e salesiano. E todos os depoimentos desde novo, desde o seu aspirantado, o seu filosofado, e depois em muitos outros que temos colecionado, vão descrevendo essencialmente essa mesma imagem dele.

**7. Considerando o apelo do Papa Francisco para uma Igreja em saída e também do CG-27, para uma maior opção pelos jovens pobres, o que Padre Rodolfo profetizou e vivenciou que está em consonância com a nova caminhada da Igreja nos dias de hoje?**

Vou indicar um trecho do Papa Francisco na sua Encíclica **Laudato si** que, se referindo às populações indígenas, fala assim: “É indispensável dar uma atenção especial às comunidades aborígenes com suas tradições culturais. Não são apenas uma minoria entre outras, mas devem tornar-se os principais interlocutores especialmente quando se avança com grandes projetos que afetam os seus espaços . Com efeito, para eles a terra não é um bem econômico, mas dom gratuito de Deus e dos antepassados que nela descansam, um espaço sagrado com o qual precisam interagir para manter a sua identidade e os seus valores; eles quando permanecem nos seus territórios são os que melhores cuidam deles. Em várias partes do mundo, porém, são objeto de pressões para que abandonem as suas terras e as deixem livres para projetos extrativos e agropecuários que não prestam atenção à degradação da natureza e da cultura” (nº 142). Esse trecho da Encíclica do Papa Francisco reflete claramente os problemas que o Padre Rodolfo e o CIMI vivenciaram naquele tempo: a realidade ameaçada dos indígenas e as atitudes dos missionários na defesa dos seus direitos, conseguindo deter uma ideologia que propunha o fim dos povos indígenas. O novo modo de ser missionário deu nova vida e novo vigor a muitos grupos indígenas, principalmente para os bororo, para os quais já se profetizara que desapareceriam no final do século... Hoje a realidade é bem outra: há vida e esperança.

“O novo modo de ser missionário deu nova vida e novo vigor a muitos grupos indígenas, principalmente para os bororo, para os quais já se profetizara que desapareceriam no final do século... Hoje a realidade é bem outra: há vida e esperança.”





## 8. Depois de tudo que o senhor vivenciou com Padre Rodolfo, qual é a herança que ele deixa para a Inspetoria e principalmente para as novas gerações de salesianos?

Para mim a melhor experiência de minha longa vida salesiana entre os bororo foi ter vivido junto com o Padre Rodolfo nos seus breves anos de missionário. Seja como assistente, modelo maravilhoso de assistente, seja depois como diretor, porque em seus primeiros anos de Padre eu estava ausente aqui de Meruri. Mas ele me escrevia expressando os fatos que iam acontecendo. Por exemplo, numa dessas cartas ele fala sobre a fundação do CIMI como uma coisa importantíssima: “Agora a Igreja missionária está organizada, foi fundado o CIMI (Conselho Indigenista Missionário)”, e relata quem foram os fundadores do CIMI. Depois conta sobre as coisas positivas que vão acontecendo e do esforço que estão fazendo para apoiar os médicos que estão trabalhando aqui em Meruri para erradicar a tuberculose entre os xavante e os bororo. Então ele, com a sua maneira de viver, com a sua afeição, com o seu espírito de serviço, com a sua naturalidade, com o seu espírito de trabalho, é um modelo maravilhoso para os jovens porque ele sempre foi jovem, morreu jovem, mas viveu a vida salesiana em plenitude. Assim é um modelo não só para os jovens, mas para todos os salesianos. Essa resposta às aspirações que Deus lhe deu, primeiro em ser salesiano, depois de ser missionário disposto a entregar tudo até a própria vida como ele manifestou para a sua mãe dizendo: “Mas, mamãe, não é preciso ter medo! Se quiserem quebrar-me um dedo, estendo para eles minhas duas mãos. Existe coisa mais linda que morrer por Nosso Senhor? Mamãe, seria esse meu sonho!”, tudo isso é um exemplo maravilhoso para todos nós.

“ Numa dessas cartas ele fala sobre a fundação do CIMI como uma coisa importantíssima: “Agora a Igreja missionária está organizada, foi fundado o CIMI (Conselho Indigenista Missionário)”, e relata quem foram os fundadores. ”

## 9. Qual a mensagem final que o senhor deixa para todos nós sobre o Padre Rodolfo.

Nós estamos, desde que ele faleceu, com a esperança que a igreja reconheça todo esse testemunho maravilhoso do Padre Rodolfo como o primeiro mártir da Igreja missionária neste tempo pós-conciliar. Convido a todos para conhecer esse irmão maravilhoso, esse missionário, esse cristão, para nós um presente de Deus. Todas as qualidades que ele tinha, a maior parte ou quase tudo, foi um presente de Deus ao qual ele correspondeu. Que nós possamos também responder como o Padre Rodolfo à nossa vocação, seja ela qual for, seja de salesiano ou de outra Congregação, seja qualquer missão da vida cristã que possamos dar essa resposta generosa a todas as ofertas que Deus nos dá nos dons que Ele entrega à nossa vida.



## Cartas do Padre Rodolfo

No arquivo da família do Padre Rodolfo e no arquivo da Inspeção de Munique (na Alemanha) estão conservadas as cartas que o Padre Rodolfo lhes escrevia de Meruri e outros documentos referentes a ele.

### a) Carta ao Padre Gonçalo Ochoa

Conservamos no arquivo da missão Salesiana uma carta do Padre Rodolfo escrita no ano de 1972 ao Padre Gonçalo Ochoa, seu colega de trabalho que naquele tempo se encontrava na Colômbia. Nessa carta podemos ver alguns detalhes que estavam no coração do Padre Rodolfo tais como:

- A fundação do CIMI e o interesse por participar de curso de formação missionária.
- A relação de Meruri com o CIMI.
- O atendimento urgente à saúde dos bororo.
- O nascimento de crianças bororo.

Meruri, 21 de novembro de 1972.

Caríssimo Sr. Padre Ochoa.

Foi com grande satisfação que recebemos a sua carta. Um motivo a mais para continuarmos com a nossa oração pela saúde do pai do Sr.

No dia 10 de novembro tinha aqui em Meruri a terceira reunião do Conselho Indigenista Missionário (CIMI). É um órgão que foi criado e eleito na reunião dos Missionários em Brasília em março deste ano.

É o órgão oficial, que representa os missionários perante a FUNAI e perante a CNBB. Portanto os Missionários do Brasil estão ficando organizados. Presidente do Conselho é o Pe. Angelo Venturelli, membros: Dom Tomás Balduino (Bispo de Goiás Velho), Padre Casimiro Beksta (Salesiano - Manaus), Padre Tomás de Aquino SJ, Padre Adalberto SJ, Padre José Vicente César, e Irmã Sílvia (Tocantins, Norte de Goiás). Ficou estabelecido que haveria uma reunião de estudos antropológicos para missionários em Manaus provavelmente entre os dias 10 e 24 de fevereiro próximo. Estou com muita vontade de participar deste curso e de encontrar o Sr. por aí. Está combinado? Comunicarei ainda a data exata.

Fizemos ultimamente grandes reformas para a erradicação da Tuberculose entre os bororo. Foram separados 165 bororo e levados a Aragarças para tirar radiografia. Resultados: Mário Novo, José Cadore e Alice estão doentes. Outros 65 são casos suspeitos e estão tomando remédios por três meses para tirar qualquer dúvida. Chefe do movimento é o Dr. Geraldo Salomon, da Universidade de São Paulo. Esteve aqui em Julho e agora, em fins de Outubro. Também em São Marcos e em Sangradouro está fazendo o mesmo trabalho. Trouxe os remédios necessários e financiou as radiografias.

Os bororo estão bem. Nasceram crianças nas famílias de Landrico, Lourenço Rondon, Lourenço da Ana, José Luiz Rodrigues, José Kian.

Espero de poder bater um papo em Manaus em fevereiro.

Saudações de todos. (Ass.) Padre Rodolfo.



## *b) Duas Cartas aos pais e familiares*

A seguir publicamos duas cartas que Padre Rodolfo escreveu a seus familiares em 27/02/1976 e 18/05/1976; cópias digitalizadas nos foram enviadas pela Inspeção de Munique/Alemanha; representam os últimos meses de vida do Padre Rodolfo e nos relatam seus anseios, trabalhos, canseiras... A tradução é do Padre Georg Lachnitt.

### I CARTA

Meruri, 27 de fevereiro de 1976.

Meus Queridos

Finalmente algumas linhas para vocês. Há muito tempo que recebi os DM 3.000,00 e pouco depois também a carta da mamãe. Muito obrigado por isso. Infelizmente não veio o dinheiro diretamente para mim, como de costume (o cheque numa carta registrada diretamente a ao meu endereço aqui em Meruri). O dinheiro veio via bancária de São Paulo. Isso tem a desvantagem que o assunto fica muito complicado, porque os bancos brasileiros não podem entregar moeda estrangeira. Assim a gente tem que entregar um monte de declarações, de onde vem o dinheiro, a que se destina e a gente tem que concordar com as condições do câmbio. Assim o dinheiro passa pelo câmbio oficial. Assim recebo, por um U\$ dólar, Cr\$ 9,35 cruzeiros. Se o dinheiro vier a mim diretamente, posso trocá-lo em São Paulo por particulares, onde recebo, por cada U\$ Dólar, Cr\$ 12,1 cruzeiros, o que é bem melhor.

Os primeiros dois meses foram muito agitados para mim neste ano. Participei de um retiro, participei de um curso de uma semana, e tive que ir duas vezes a Brasília: Uma vez fui chamado pelo Serviço de Proteção ao Índio, porque eles precisavam de informações sobre alguns pontos da reserva, e no segundo ponto porque eu estava entregando uma carga de artesanato indígena. Com o dinheiro (DM 10.000,00 aproximadamente) consegui encher também um buraco enorme na loja. No entanto, nem tudo foi possível.

Ontem voltei de uma pequena viagem: durante dois dias visitei duas pequenas aldeias dos nossos bororo (700 km). Lá tirei fotografias para os documentos para possibilitar a aposentadoria para aqueles de mais de 65 anos de idade. Aqui existe uma possibilidade para isso. Com isso vão ganhar mensalmente quase DM 100. Os indígenas ficaram muito contentes quando lhes expliquei tudo isso. Vamos ver se consigo arrumar toda a papelada para isso em dois meses. Nos dois meses passados tive que pôr em dia toda a papelada para o balanço, para as estatísticas, e escrever um relatório anual, etc. No dia 6 de março sigo outra vez para uma viagem. Desta vez vou para Campo Grande, onde no dia 9 de

março o atual inspetor se despede e o novo toma posse. Todos os diretores têm que estar presentes para esta solenidade. O novo inspetor é o melhor que nós nos poderíamos desejar. A escolha foi realmente perfeita.

No dia 8 de março começa em Brasília um curso especial para missionários que estudam a língua indígena. O nosso Padre Ochoa vai participar desse curso, que se estenderá até o dia 21 de maio. Portanto, temos que assumir durante o tempo de quase três meses todo o trabalho do Padre Ochoa. Por outro lado, esse curso é muito importante, para não dizer indispensável, para o nosso trabalho aqui. No mês de junho vou participar em Goiânia de um curso de três semanas para missionários. Este curso é ministrado pela universidade de Goiânia e trata de problemas antropológicos, etnológicos e semelhantes. Portanto especial para o nosso trabalho atual.

Faz poucos dias recebi uma carta do inspetor da inspetoria do sul do Brasil, na qual ele me comunicou que, numa assembleia de diretores, meu nome foi indicado unanimemente para, nos meses de setembro e outubro, fazer palestras em escolas e universidades sobre o nosso trabalho missionário.

Para tudo isso ainda vem a preparação da comemoração dos 75 anos da nossa Missão Meruri, que foi fundada no dia 20 de janeiro de 1902. Com isso, no ano vindouro teremos um jubileu.

Vocês podem ver que aqui há muita coisa por fazer. Ainda neste ano que-remos dar um avanço na nossa agricultura. Provavelmente receberemos no ano que vem um trator pesado de uma organização holandesa, com o qual poderemos derrubar algumas matas. Se isso acontecer poderemos derrubar de 100 a 200 hectares de mata para plantar arroz, milho, feijão, mandioca, amendoim, cana e café. Vamos ver se conseguimos fazer isso. Já fizemos as primeiras experiências e semeamos 20 hectares de arroz em um trecho derrubado recentemente. Infelizmente não tivemos muita sorte, pois no tempo da semeadora não choveu por quase um mês inteiro, pelo que brotou apenas a metade. O que, porém, brotou está uma maravilha e já superou o tempo pior. Ultimamente está chovendo muito bem.

Há quinze dias, estive aqui a equipe da Monitor-Film Hamburg. Eles tiraram fotografias muitas boas de Meruri, especialmente dos bororo, que nesses dias realizavam um funeral. Também eu apareci algumas vezes nas fotos. Dentro de poucos meses esse filme deve aparecer na TV alemã. Eles vão comunicar antecipadamente o evento. Eu lhes dei o endereço de vocês.

Se já aparecer algum dinheiro na minha conta bancária, então poderão enviar logo alguma coisa. Mas, por favor, diretamente para mim!

Muitas saudações a todos vocês

Rudi

## II CARTA

Meruri, aos 18 de maio de 1976.

Meus Queridos Pais e Parentes,

Finalmente um pequeno sinal de vida. Claro que já recebi há muito tempo e vosso cheque. Enquanto isso, já estive em São Paulo para trocá-lo. Como troquei o cheque no câmbio paralelo em US\$ dólar e não em DM (marcos alemães), tive uma vantagem de mais de hum mil DM. Isto parece quase incrível. Esse dinheiro ajudou-nos enormemente, pelo que atualmente podemos respirar mais tranquilamente e, ao que parece, vai nos manter sobre as águas por mais tempo.

Mamãe precisa enviar-me urgentemente a penúltima lista das missas de Ir. Immelde. Simplesmente não consigo achá-la mais. Já registrei as missas da última carta.

Eu estou bem, embora, como sempre, tenha muitas coisas a fazer. Somente neste mês, já andei mais de oito mil km de ônibus. Há poucos dias estive em Campo Grande; nosso inspetor pediu isso, pois o Padre Bruno está gravemente enfermo, ele está com câncer e não vai ter muitos dias de vida. Ele ficou muito contente com a minha visita e envia muitas saudações a todos vocês.

Provavelmente vai se resolvido neste ano o problema com os nossos fazendeiros. Dentro de uma ou duas semanas vai ser demarcada a terra indígena e depois disso toda a população não-indígena será intimada judicialmente a deixar a terra. Nesses dias pode acontecer que haja alguns tiros, pois alguns já ameaçaram com isso. Assim vai ser um ano muito difícil para nós, mas nós estamos nas mãos de Deus e fazemos o possível para evitar possíveis injustiças.

Infelizmente não pude escrever ao Konrad para o segundo domingo de Páscoa, mas neste dia pensei muito nele e também rezei muito por ele, para que Deus o acompanhe por toda a sua vida.

Também não escrevi pela Páscoa e pelo aniversário e onomástico de Herrmann e por isso peço desculpas. Por esta carta quero transmitir-lhe as cordiais saudações.

Provavelmente não vai ser possível fazer-lhes uma visita no próximo ano. Talvez será possível para a copa de futebol. Certo é que na próxima vez de qualquer jeito ficarei mais tempo na nossa pátria.

Eu deveria realmente descansar um pouco. De vez em quando sou muito nervoso, porque o excesso de trabalho exige demais de mim. Isso vai melhorar um pouco, porque na próxima semana vai voltar o Padre Ochoa, que participou em Brasília de um curso de línguas durante três meses, motivo pelo qual todo o trabalho dele ficou por nossa conta.

Quanto ao mais, estamos realmente bem. Fechamos um contrato com um órgão governamental pelo qual agora recebemos mensalmente uma ajuda para o nosso hospital. Trata-se de quase 1.000 DM, mas é melhor assim do que nada. Além disso, recebemos ainda um monte de aparelhos e instrumentos para o nosso hospital.

Como vai nosso papai? Eu rezo muito mesmo por ele.

Muitas saudações cordiais a todos

Rudi



# INÍCIO DA CAUSA DE MARTÍRIO



## a) Hermann Lunkenbein e o início da Causa de Martírio (Cfr. Arquivo MSMT)

Irmão mais velho do Padre Rodolfo, amigo da infância, da adolescência e da juventude, duplamente chefe de família, isto é, da formada pelo matrimônio com dona Sabina e seus quatro filhos, e da família paterna, preenchendo o vazio que Rodolfo deixava com sua partida para a vida religiosa e para as missões, e substituindo o pai a quem a guerra e o exílio prolongado depois da mesma mantinham longe de casa e o deixaram com a saúde abalada. Hermann, ardoroso cristão, também ele compreendeu o valor da vocação e do sacrifício do Padre Rodolfo e fez tudo o que estava ao seu alcance para não lhe deixar perder a memória. Conseguiu a fundação de uma importante escola com o nome do Padre Rodolfo. Por muitos anos mantinha-se em correspondência com Meruri, informando-nos sobre celebrações comemorativas do Martírio de seu irmão e sobre o desejo de seus patrícios pela glorificação oficial do mesmo. Eis o texto na tradução do Padre Georg Lachnitt (Cfr. Arquivos MSMT):

Döringstadt, 8.12.10

“ Ele compreendeu o valor da vocação e do sacrifício do Padre Rodolfo e fez tudo o que estava ao seu alcance para não lhe deixar perder a memória. Conseguiu a fundação de uma importante escola com o nome do Padre Rodolfo. ”

Caros amigos de Meruri!

Mais uma vez está terminando um ano e está na hora de eu lhes escrever. Para mim foi um ano normal – também quanto à saúde tudo correu bem. Como vão vocês aí, em Meruri? Espero que tudo esteja bem. Hoje tenho uma novidade para vocês: trata-se do processo de beatificação de Rodolfo. A Escola Padre Lunkenbein, de Ebensfeld, foi investigar junto ao Papa Bento XVI sobre a possibilidade da beatificação de Rodolfo. O Papa ficou contente que as crianças da escola Padre Rodolfo Lunkenbein tenham mostrado tanto interesse por esse processo e pediu que rezassem muito para isso. Ele também indicou que tal processo deve ser iniciado antes de mais nada pela diocese (ou congregação) na qual a pessoa faleceu. Esperemos e rezemos muito para que esta questão comece finalmente a se encaminhar. Há três semanas que eu e minha esposa festejamos bodas de ouro de casamento. Todos os filhos (4), netos (12) e parentes estiveram presentes. Foi uma bela festa.

Agora desejo-lhes a todos um feliz Natal e de modo particular um Ano Novo de 2011 com muita saúde.

Hermann Lunkenbein.

“ A Escola Padre Lunkenbein, de Ebensfeld, foi investigar junto ao Papa Bento XVI sobre a possibilidade da beatificação de Rodolfo. O Papa ficou contente que as crianças da escola Padre Rodolfo Lunkenbein tenham mostrado tanto interesse por esse processo e pediu que rezassem muito para isso. ”



## **b) Resposta do Padre Gonçalo Ochoa**

*(Cfr. Arquivo MSMT)*

Meruri, 28-01-2011.

Queridos irmãos, Hermann e Sabina Lunkenbein, cordiais saudações. Recebemos sua linda carta de 8/12/10. Ficamos muito alegres por saber que estão bem de saúde e que em novembro de 2010 celebraram suas bodas de Ouro Matrimoniais, uma linda festa, com seus 4 filhos e 12 netos. Certamente que o Padre Rodolfo fez sentir sua presença alegre e carinhosa no meio de toda essa festa.

Encheu-nos de alegria também a notícia de que o Papa Bento XVI respondeu com simpatia à pergunta dos alunos da Escola Padre Rodolfo Lunkenbein sobre o processo de martírio do nosso querido Padre Rodolfo, dando ele mesmo dicas para o seu encaminhamento.

Há sinais muito claros de que está chegando a hora de iniciar este processo. Vários superiores salesianos que têm passado por aqui têm insistido para encaminhá-lo. Na Igreja missionária do Brasil, da qual Rodolfo foi um dos membros mais comprometidos, há muita gente desejando que esta causa seja introduzida.



Os bororo estão conseguindo pela intercessão do Padre Rodolfo algumas graças extraordinárias. O que nos falta é pessoas que entendam como encaminhar o processo que seja nomeado pela Autoridade Eclesiástica para este trabalho, e que disponha dos meios necessários para realizá-lo. Este assunto já foi comentado junto ao Superior Provincial que também é muito simpático à esta causa.

Eu pessoalmente confio que o mesmo Padre Rodolfo está intercedendo para que as maravilhas que Deus realizou em sua vida possam ser reconhecidas oficialmente pela Igreja e que sua vida seja indicada como modelo a ser imitado no trabalho pelo Reino de Deus. Também nossa mãe, Maria Lunkenbein, que tão devota foi na terra de seu querido Rude, e tanto rezava por ele, deve estar intercedendo no céu por esta causa, pois, como ela mesma dizia, Rodolfo não queria glória terrena e sim a glória de Deus e o bem das pessoas mais necessitadas, principalmente dos povos indígenas, especialmente dos bororo pelos quais ofereceu sua vida.

Sabemos que não somos nós que vamos resolver nem querer forçar o processo, mas proceder com fé e humildade, como o mesmo Padre Rodolfo agia em sua vida, sempre respeitando a legítima autoridade da Igreja a quem compete julgar estas causas, iluminada pelo Espírito Santo.

Vamos também nós rezar bastante por esta causa, conservar os seus escritos e tudo o que possa ajudar neste processo, documentar as graças alcançadas pela sua intercessão e indicar a quem for encarregado para estudar este processo as pessoas que conheceram Rodolfo e podem dar testemunho a seu respeito.

Saudações a todos os membros da Família Lunkenbein da parte dos bororo e missionários de Meruri, Garças e outras pequenas aldeias que estão se formando.

Cuidem muito de sua saúde.  
Com profundo afeto,  
Padre Gonçalo Ochoa, SDB



### **c) Pedido oficial dos Inspetores e Conselheiros Inspetoriais da Região da América Latina Cone Sul para iniciar a Causa de Martírio do Padre Rodolfo e de Simão (25/04/2011)**

Os Inspetores e os Conselheiros inspetoriais da Região da América Latina-Cone Sul vivenciamos uma intensa experiência de fraternidade e discernimento durante a visita de conjunto em Santiago do Chile.

“ Vamos também nós rezar bastante por esta causa, conservar os seus escritos e tudo o que possa ajudar neste processo, documentar as graças alcançadas pela sua intercessão e indicar a quem for encarregado para estudar este processo as pessoas que conheceram Rodolfo e podem dar testemunho a seu respeito. ”



“Agradecemos contemplamos e celebramos aqueles que **levaram à plenitude, com a entrega da própria vida, a paixão do da mihi animas, caetera tolle.** Entre eles brilha o testemunho do **Salesiano sacerdote Rodolfo Lunkenbein e do indígena Simão Bororo,** assassinados na missão de Meruri, no Mato Grosso, por defender, em nome do Evangelho, a dignidade das pessoas.”

Juntos voltamos a escutar qual a nossa vocação na América Latina em nosso tempo. “Na atualidade da América Latina e do Caribe a vida consagrada está chamada a ser uma *vida de discipulado* apaixonada por Jesus Cristo que é o caminho para o Pai misericordioso *radicalmente profética e Comunitária*. É chamada a ser uma vida *missionária* apaixonada pelo anúncio de Jesus Cristo, verdade do Pai e, por isso, radicalmente *profética*, capaz de mostrar a luz de Cristo nas sombras do mundo atual e os sinais de uma vida nova, para a qual se requer um profetismo que aspire até a entrega da vida, **em continuidade com a tradição de santidade e martírio de tantas e tantos consagrados ao longo da história do Continente**. E, a *serviço do mundo*, apaixonada por Jesus Cristo, vida do Pai, que se faz presente entre os mais pequenos e os últimos a quem serve a partir do próprio carisma e espiritualidade” (DA 220).

Nesse contexto de reflexão comunitária fizemos memória dos testemunhos da vocação salesiana em nossos países. Agradecemos contemplamos e celebramos aqueles que **levaram à plenitude, com a entrega da própria vida, a paixão do da mihi animas, caetera tolle**. Entre eles brilha o testemunho do **Salesiano sacerdote Rodolfo Lunkenbein e do indígena Simão Bororo**, assassinados na missão de Meruri, no Mato Grosso, por defender, em nome do Evangelho, a dignidade das pessoas.

Nesse tempo de profundas mudanças e de urgentes desafios, cremos que *“a santidade é mais do que nunca uma urgência pastoral”* e que é necessário *“pôr toda programação pastoral sob o signo da santidade”*, segundo a expressão e o testemunho do Papa João Paulo II (NM 30 e 31).

Ao concluir os trabalhos da Visita de Conjunto, agradecemos as orientações que o Reitor Mor nos entregou para revitalizar a vida salesiana em nossa Região e manifestamos o desejo de que sejam acompanhadas por um **signal** que manifeste que a santidade é a beleza da vida consagrada e o maior dom que podemos fazer aos jovens.

Por isso **propomos iniciar a causa do martírio do Padre Rodolfo Lunkenbein e do indígena Simão Bororo** e pedimos ao Reitor Mor e ao Padre Inspetor de Campo Grande para dar os passos necessários para tal fim.

Os Inspetores e Conselheiros Inspetoriais  
Região América Latina Cone Sul

Santiago do Chile, 25 de abril de 2011 - Festa da Anunciação do Senhor (Cfr. Arquivo da MSMT)



## d) Encaminhamentos da Causa de Martírio de Rodolfo e Simão

Na Assembleia Insuperior da Insuperior Santo Afonso de Campo Grande, no dia 19/11/2015, ano do Bicentenário do Nascimento de Dom Bosco, os Salesianos da Insuperior, junto com o Padre Insuperior e o seu Conselho, decidiram dar início aos procedimentos tendo em vista a Causa de Martírio do Padre Rodolfo Lunkenbein e de Simão Bororo e nomearam como Responsável pela Causa o Padre Paulo Eduardo Jacomo, SDB.

Nos dias 25 de abril a 05 de maio esteve em visita à Insuperior de Campo Grande o Padre Pier Luigi Cameroni, SDB, Postulador Geral para as Causas dos Santos da Congregação Salesiana. Ele deixou instruções precisas sobre os procedimentos a serem seguidos; visitou Meruri e rezou nos túmulos de Rodolfo e de Simão. Foi nomeada uma equipe canônica para encaminhar os procedimentos. O primeiro deles foi um encontro com o Bispo diocesano de Barra do Garças, Dom Protógenes Luft, no dia 03 de maio de 2016, a quem foi dirigida uma petição para dar início ao Processo Diocesano. O Exmo. Sr. Bispo acolheu favoravelmente a solicitação e deu parecer favorável aos encaminhamentos do processo. A seguir, nos dias 17 e 18 de maio do corrente ano, o Conselho insuperior e os diretores das casas da Missão Salesiana de Mato Grosso apresentaram ao Insuperior, Padre Gildásio Mendes dos Santos, uma petição para que sejam iniciados os procedimentos em vista da introdução da causa de Martírio do Padre Rodolfo Lunkenbein e de Simão Bororo. Por sua vez o Padre Gildásio, acolhendo essa solicitação, encaminhou ao Reitor Mor da Congregação Salesiana, Padre Ángel Fernández Artime, preciosa documentação acompanhada da petição para que a nossa Congregação seja autora da Causa de Beatificação e Canonização e do reconhecimento do Martírio do Padre Rodolfo Lunkenbein e do indígena Simão Bororo. Enfatizou que esta será a primeira *Causa* de toda a história de Mato Grosso, como também a primeira causa de um mártir salesiano na América. Uma causa atual que ressalta o valor da justiça e a defesa dos povos indígenas.

Enquanto aguardamos a glorificação dos nossos dois mártires, rezemos para que essa hora chegue e, sobretudo, saibamos imitar a sua entrega de vida, conhecê-los mais profundamente e invocar a sua proteção.



“ Padre Gildásio, acolhendo essa solicitação, encaminhou ao Reitor Mor da Congregação Salesiana, Padre Ángel Fernández Artime, preciosa documentação acompanhada da petição para que a nossa Congregação seja autora da Causa de Beatificação e Canonização e do reconhecimento do Martírio do Padre Rodolfo Lunkenbein e do indígena Simão Bororo. ”





# ANEXO I – INCULTURAÇÃO

Meruri, maio de 1974

Prezados irmãos, Reverenda irmã,

No intuito de descobrir as sementes do Verbo ocultas nas culturas e tradições indígenas a submeter essas riquezas ao "domínio de Deus Salvador" (AG 17), procurou-se neste ano na Colônia indígena de Meruri celebrar a Liturgia da semana santa mais em consonância com o gênio do povo desses nossos Bororo, de uma cultura riquíssima (AG 19; veja também: Savattero Felix – o decreto "ad gentes" e a problemática missionária).

Todas as cerimônias foram estudadas e discutidas com relativa antecedência pelos tres padres desta missão juntamente com os quatro chefes do nosso grupo indígena, explicando o sentido da função para descobrir na cultura indígena funções ou cantos análogos ou semelhantes.

## Domingo de Ramos

Programado e comunicado com antecedência, meia hora antes do início da função na igreja (8.30 horas), todos os Bororo já estavam reunidos na praça em frente à casa central (bai mana gejewu) da aldeia dos Bororo.

Iniciou-se a cerimônia com uma dança tradicional reservada para a suadação de grandes chefes da tribo, simbolizando no momento o Cristo rei na sua entrada triunfal em Jerusalem. A dança foi realizada por doze bororo com pinturas corporais e enfeitados de pariko e demais ornamentos tradicionais. Todos os demais bororo em vez de levar folhas de palmeira nas mãos estavam enfeitados de colares e coroas de palmeira acumã (kaidaga boe e-kuie e kaidaga boe et-ao kajejewu respectivamente).

Após a leitura do evangelho do dia em língua bororo e uma pequena explicação da cerimônia pelo celebrante, teve início a procissão de ramos rumo à igreja. Os doze Bororo enfeitados cantaram durante todo trajeto da procissão o canto jure paru, canto verdadeiramente artístico, executado alternadamente entre cantor e coro. É um canto de alegria em geral, particularmente usado após a caça de um gavião real.

À porta da Igreja foram distribuídos folhas de palmeiras para os civilizados ali reunidos, com bênção geral dos ramos em seguida, leitura do evangelho em português e entrada na Igreja, acompanhada novamente de um canto Bororo.

Os doze Bororo enfeitados permaneceram com todos os ornamentos durante toda missa ao redor do altar, executando no fim da missa mais um canto de alegria.

## Quinta feira Santa

Às 15.30 horas celebração da penitência: as pessoas que quiserem fazer a sua confissão individual foram atendidas logo que acabou a função religiosa, até a hora do jantar e depois até a hora da Missa.

Às 19 horas missa vespertina da ceia do Senhor.

Os doze bororo enfeitados de pariko e pintados de urucum, acompanharam o Celebrante na entrada cantando novamente o Jure paru, tomando em seguida lugar ao redor do altar. Dois anciãos bororo dos mais representativos (Eugênio Aije Kuguri e Batista Omeru) foram os ajudantes da missa e auxiliaram o celebrante no Lava-pés. - Os doze bororo enfeitados fizeram de apóstolos.

Como os bororo em diversas circunstâncias fazem banquetes rituais (Aroe en-ogwagedodu ou mana)(pode constar de bolo, canjica ou simplesmente água doce), demonstrando com isso unidade e harmonia da tribo, pensou-se em fazer algo de semelhante nesse dia da instituição do grande Mandato do Senhor.

Enquanto, pois, o celebrante distribuía a Ss. Eucaristia debaixo de duas espécies (por intinção, - a irmã Diretora segurava a pizide), dois bororo distribuíram a todos os bororo (aos que haviam comungado e aos que não iriam comungar) um copo de água doce para simbolizar a união entre todos e suscitar a esperança de poder algum dia participar do banquete eucarístico e do banquete "no Reino dos céus (Mt 8,11). No sermão explicativo do dia foi feita menção a este banquete celestial, simbolizado perfeitamente nos banquetes rituais dos bororo.

Depois do banquete os bororo espontaneamente cantaram estas palavras: arovei arove: cegimejera anugudo cedabo (Coisa linda: nosso chefe chegou, fique conosco).

Na hora da procissão com o Santíssimo para a capela lateral os bororo ladeavam o Santíssimo cantando mais algumas estrofes do Jure paru, colocando-se depois ao lado do altar.

Na adoração comunitária procurou-se fazer compreender a doutrina do decreto Ad gentes aplicado à cultura bororo.

#### Sexta feira Santa - Paixão e Morte do Senhor

A cerimônia celebrou-se na hora e ordem indicados pelo ritual.

À altura do anúncio da morte de Cristo na leitura da Paixão, um grupo de bororo (homens e mulheres) nas proximidades do presbitério prorrompeu num pranto ritual (okudu) acompanhado de gritos dilacerantes. Pela abundância de lágrimas notou-se que era de fato um pranto pela morte de um ente querido e não apenas uma representação teatral. Foi tão comovente que também muitas das crianças do internato de civilizados não puderam conter as lágrimas e seguiram o exemplo dos Bororo.

Durante a adoração da cruz, na qual todos beijavam os pés do grande crucifixo ao fundo do altar, um grupo de bororo cantou o roia kurireu, o grande canto, o canto mais solene dos Bororo, usado exclusivamente logo após o falecimento de uma pessoa.

Na oração universal substituiu-se a oração pelos judeus por uma oração pelos bororo e mais uma pelos índios do Brasil todo.

À noite rezou-se a Via sacra na aldeia, dirigida pelos bororo.

#### Vigília pascal

Fora da Igreja acendeu-se o fogo pascal, tirado da pedra pelos bororo por meio de golpes com um ferro em uma pedra apropriada.

As cerimônias seguiram o ritual.



Depois da bênção do Pogo os bororo cantaram o aroe e-ké roia, canto de alegria, usado normalmente por ocasião do Banquete das Almas".

Após a segunda proclamação do "luz de Cristo" os bororo entoam o canto arovere tumedui jure tada, canto esse que faz parte do jure paru, durante o qual todos entraram na igreja e tomaram os seus lugares.

Ao Glória foi cantado o ukurugureu arove. Esse canto é usado durante a cerimônia do Nto Bodu. Esta cerimônia consiste no seguinte: os bororo fazem um buraco no chão, no qual entra um bororo conhecedor das tradições. Imediatamente o buraco é coberto de galhos, folhas e pedras. O bororo que está dentro inibe abundante fumaça de um cigarro, enquanto os outros bororo cantam o ukurugureu arove. Após 20 a 30 minutos o bororo por esforço próprio sai do buraco, revigorado e com poderes excepcionais para caça e pesca.  
- Símbolo do Cristo que sai vitorioso do sepulcro, por força própria, transformado no corpo, com poderes excepcionais junto de Deus Pai?

Durante a consagração na missa a banda tocou o hino nacional a pedido dos bororo com a motivação seguinte: não podemos deixar de comemorar a libertação do povo brasileiro na noite em que comemoramos a nossa libertação do pecado, simbolizada pela libertação do povo hebraico do jugo do Egito.

Na hora da comunhão o chefe de canto dos bororo que estavam ao redor do altar pegou o celebrante pela mão acompanhando-a até a boca na hora de consumir as sagradas espécies. Esse gesto faz parte do ritual bororo: um indivíduo de uma metade da tribo pega um companheiro da metade oposta pela mão, leva-o até perto das vasilhas com a comida, convidando-o dessa maneira a participar do banquete ritual.

#### Domingo de Pascoa

Ao amanhecer houve imposição de nome e batismo de uma criança na praça em frente ao bai mana gejewu.

O sistema de padrinhos que existe na cultura bororo, tem efeitos de responsabilidade na formação cultural e religiosa do afilhado.

Imposição do nome: indica a pertença à tribo, metade, clã e família determinados.

Unção com resina: além do efeito pegajoso aproveitado para a subsequente ornamentação da criança com plumas, os bororo acreditam que essa unção confere à criança força, vigor e resistência nas lutas da vida.

Revestimento da criança com penugem: semelhança com a veste branca do nosso rito.

apresentação ao sol nascente: pelas mãos do ministro enquanto proclama o nome e lhe assinala o programa de vida.

Participação da comunidade: além dos pais, padrinhos e ministros há numerosa assistência que acompanha a cerimônia com cantos, danças e aclamações.

Não foi entregue a vela acesa, pois a criança foi levantada contra o sol nascente, símbolo da luz de Cristo que nasce para a criança na hora do batismo.

Não foi também entregue a "veste branca" a criança em vista do revestimento da criança com penugem branca, simbolismo perfeito do rito cristão.

O batismo propriamente dito foi feito antes da unção da criança com resina por motivos práticos.

A unção com o crisma foi feita simultaneamente à unção com a resina.



Considerações finais

- 1) Foi um questionamento sério tanto para os bororo que conservam ainda a sua cultura como para os que já a deixaram, e para os não-índios que assistiram a cerimônia.
- 2) Houve em todos eles seja pela explicação dada oportunamente como pela beleza das cerimônias uma tomada de consciência a respeito dos valores culturais da tribo e dos índios em geral.  
A experiência foi aceita tanto pelos bororo como pelos civilizados com entusiasmo e seriedade.
- 3) Houve participação de todos os elementos culturais: língua, música, enfeites, pinturas, etc.  
Tudo foi deixado à iniciativa dos índios que mostraram grande capacidade artística e criativa, sempre de acordo com seus cânones culturais.
- 4) Todos os cantos foram escolhidos ou formados espontaneamente pelos próprios bororo conforme sua compreensão do significado da cerimônia que se estava realizando.
- 5) Algumas cerimônias foram introduzidas pelos bororo como por exemplo:  
a) uso das palmas no domingo de ramos, b) o banquete ritual na quinta-feira santa, c) o canto roia kurireu na hora do anúncio da morte do Cristo na leitura da paixão, canto que continuou depois durante toda a adoração dos fiéis, d) o gesto de acompanhar a mão do celebrante na hora da comunhão.
- 6) Notou-se grande aumento progressivo nas pinturas faciais e no uso dos ornamentos tradicionais por ocasião das cerimônias religiosas, expressão viva de que consideram as cerimônias cristãs cada vez menos estranhas à própria cultura.

Tudo isso foi uma primeira tentativa. Tanto pela aceitação entusiástica como pela participação de todos os bororo dentro de um clima de grande seriedade e convicção julgamos que a experiência representa um verdadeiro progresso.

Pediríamos ao Sr., após sério estudo dessa nossa experiência, comunicar-nos com toda franqueza a Sua opinião a respeito.

Queremos progredir, ir ao encontro do nosso irmão índio e não obrigá-lo a aceitar aquilo que nós lhe impomos, com o abandono das riquezas da própria cultura.

Agradecemos desde já qualquer sugestão ou crítica que nos possa ajudar.

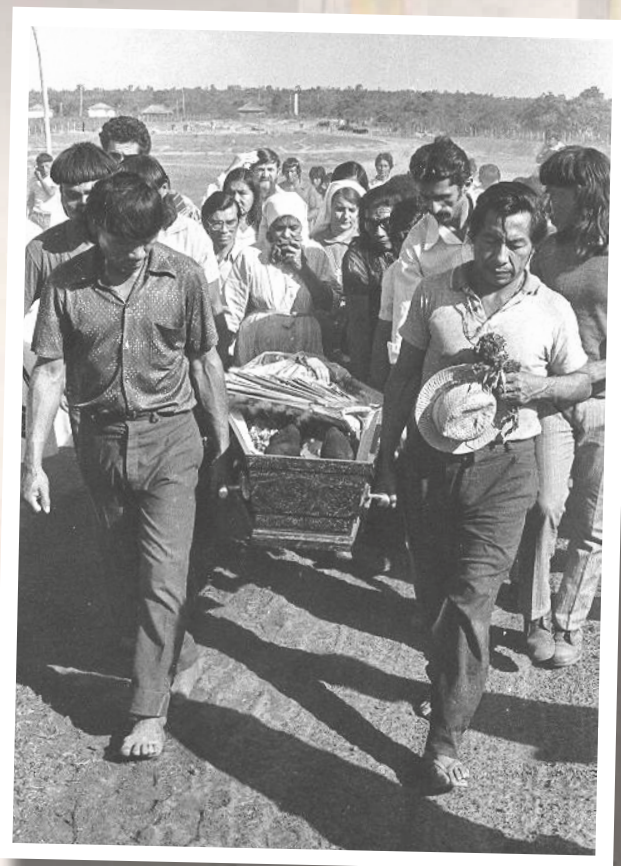
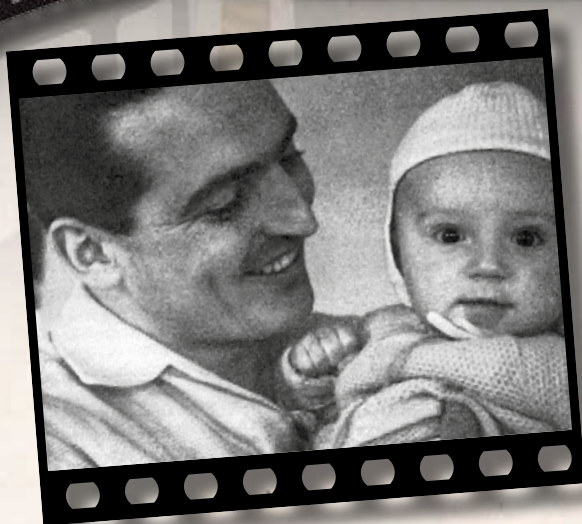
Saudações cordiais do irmão em Cristo

  
.....  
Pe. Rodolfo Lunkenbein  
Diretor





## ANEXO II REGISTROS

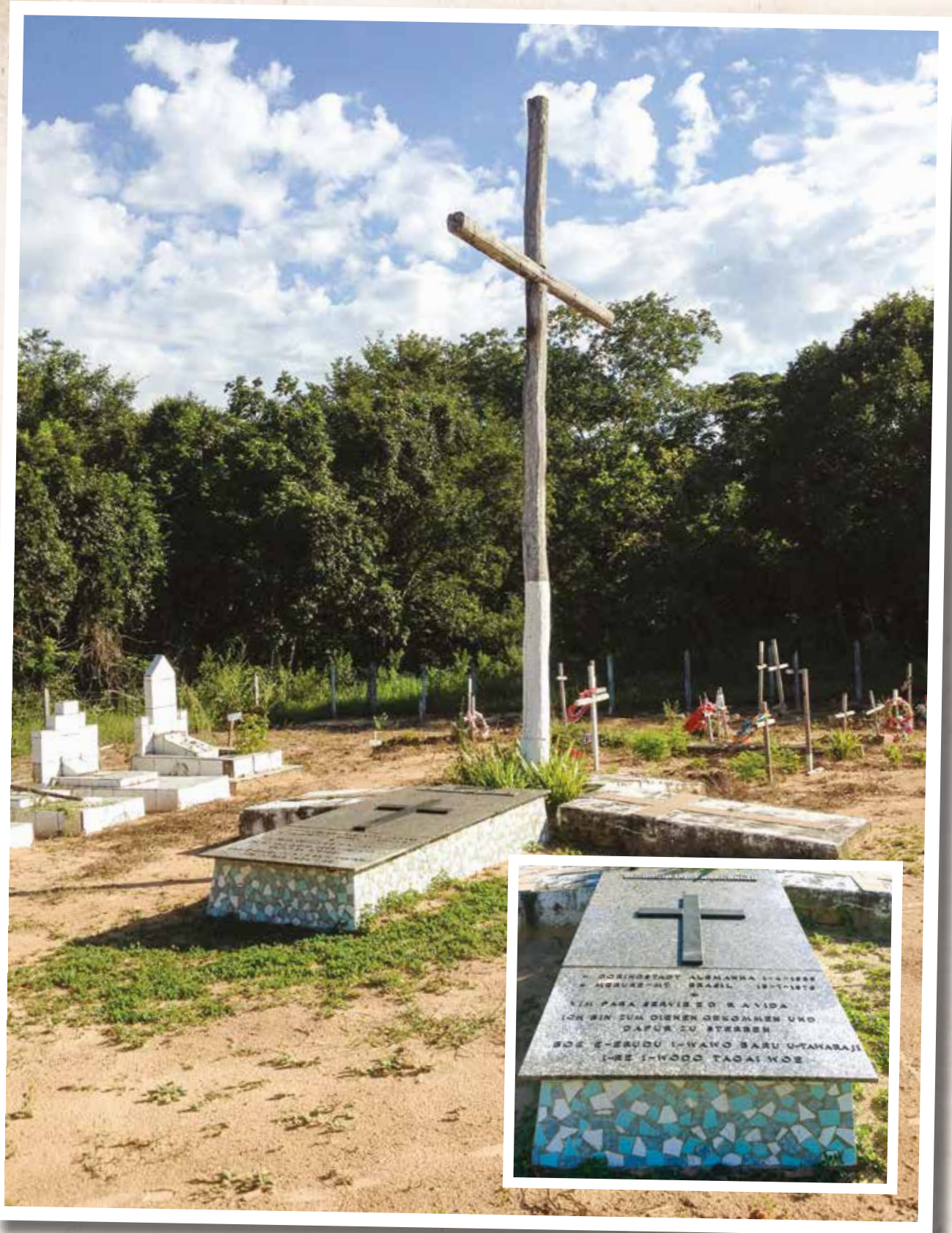




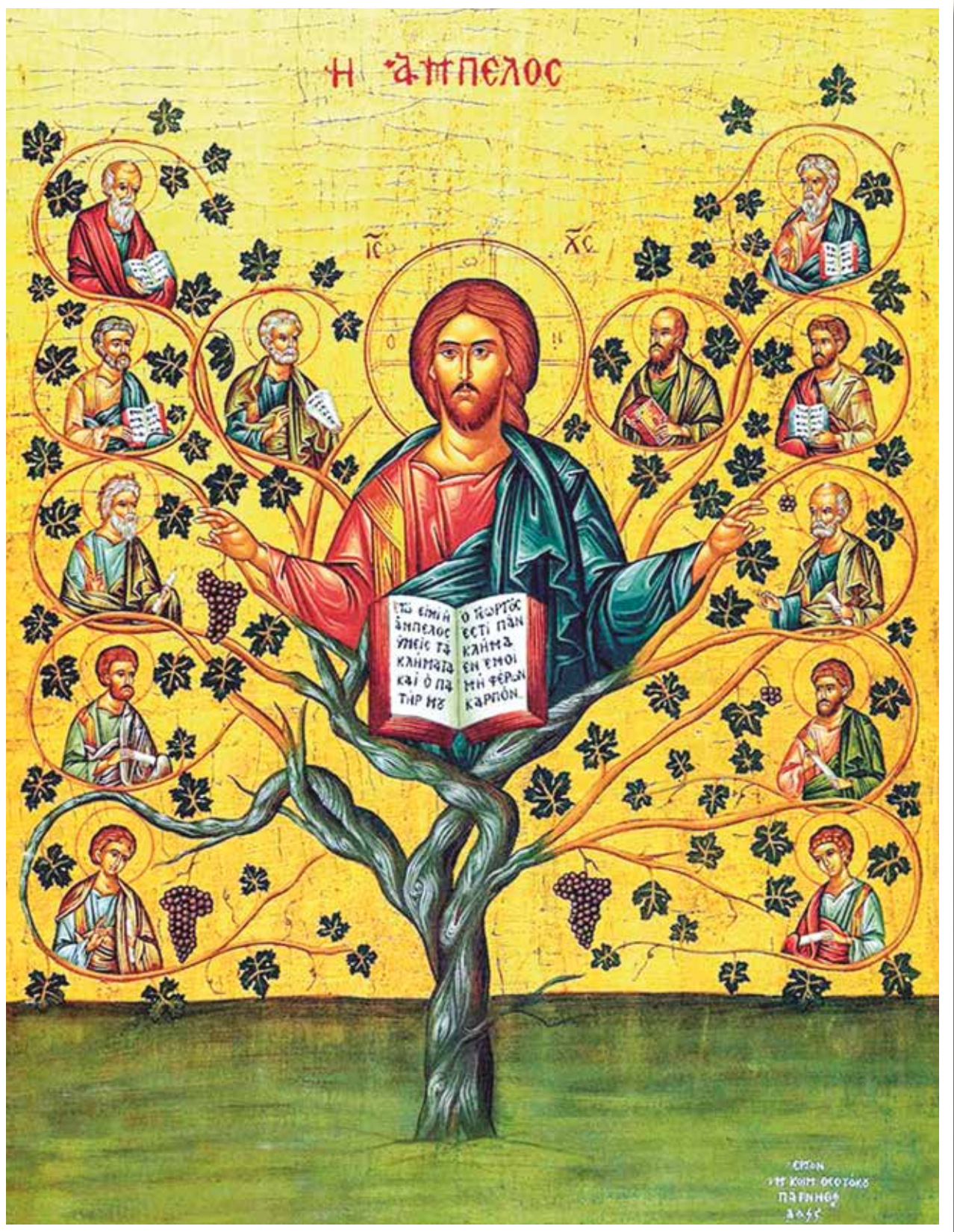
**BODAS DE OURO**  
1.902 - 18 DE JANEIRO - 1.952

AQUI NOS "TACHOS" A 18 DE JANEIRO DE 1.902,  
APÓS UMA VIAGEM DE 30 DIAS PARTINDO DE COXIPÓ (CUIABÁ)  
A MISSÃO SALESIANA, CHEFIADA PELO INTREPIDO PE. JOÃO BALZOLA  
PLANTAVA SUAS TENDAS INICIANDO A EVANGELIZAÇÃO  
DOS INDIOS BORÓROS.  
HOJE SALESIANOS PIONEIROS DA CATEQUESE  
E ADMIRADOS DOS SALESIANOS DE MATO GROSSO.









Ícone da Videira (Jo 15,1-8)



# CONCLUSÃO

*Como Inspetoria missionária, na comemoração do 40º aniversário da entrega, profecia e memória dos nossos dois irmãos Rodolfo e Simão, a Maria Imaculada e Auxiliadora, Mãe do “sim incondicional e radical”, entregamos a nossa adesão de fé, o nosso consenso e a nossa vontade de comunhão, o nosso trabalho apostólico entre os jovens, entre os indígenas e os marginalizados.*

Bendita és tu, **Maria, Mulher da Escuta**,  
porque viveste na busca da vontade de Deus sobre ti.  
E, quando te foi revelado o seu designio,  
tiveste a coragem de acolhê-lo, abandonando o teu projeto  
de vida para fazer teu o do Senhor.  
*Mãe dos crentes*,  
ensina-nos a escutar Deus  
e a fazer nossa a Sua vontade,  
a fim de que Ele possa realizar o seu designio  
para a salvação dos jovens!  
Bendita és tu, **Maria, Mãe da comunidade nova**,  
que aos pés da cruz acolheste,  
como teu filho, o discípulo amado por Jesus e ajudaste  
o nascimento da igreja,  
novo Corpo do teu Filho,  
realidade mística de irmãos unidos pela fé e pelo amor.  
Acompanhaste a vida e a oração dos apóstolos,  
invocando no cenáculo a efusão do Espírito do Ressuscitado.  
*Mãe dos irmãos* do teu Filho, ensina-nos a formar comunidades  
que sejam um só coração e uma só alma.  
A nossa comunhão, a nossa fraternidade e a nossa alegria  
sejam testemunho vivo  
da beleza da fé e da nossa vocação salesiana.  
Bendita és tu, **Maria, Serva dos pobres**, porque te colocaste  
prontamente em caminho, para servir a uma mãe necessitada,  
e te fizeste presente em Caná, compartilhando as alegrias e as  
tristezas de um jovem casal de esposos.  
Não olhaste para as tuas exigências, mas para  
as necessidades deles e indicaste o teu Filho Jesus  
como o Senhor que pode dar à humanidade  
o vinho novo da paz e da alegria no Espírito.  
*Mãe dos servos*, ensina-nos a sair de nós mesmos,  
para ir ao encontro do nosso próximo,  
a fim de que, enquanto respondemos às suas carências,  
possamos oferecer Jesus, o dom de Deus, o dom mais precioso!  
Amém.

(Oração do Capítulo Geral 27 da Congregação Salesiana – abril 2014)





 **SALESIANOS**  
MISSÃO SALESIANA DE MATO GROSSO

---

[www.missaosalesiana.org.br](http://www.missaosalesiana.org.br)